

Itaytera

Número 33

Ano: 1989

“Suas segundas núpcias (do Major Otaviano Cícero de Alencar Araripe) foram realizadas a 13 de janeiro de 1882, com minha mãe, Rita Cavalcante Araripe, na citada povoação de Saco da Orelha, pelo Pe. Francisco José de Carvalho, vigário da Paróquia, e delas provieram dez filhos, só um destes nascido sob diversa jurisdição eclesiástica.

Constituímos, assim, eu e meus irmãos germanos, apenas cinco sobreviventes, uma geração quase completa de filhos de Pereiro.

Minha mãe, se bem que ali criada pelos tios João Lourenço da Silva e Joana Rita Cavalcante, vivia na Fazenda Remédio, onde, em 15 de novembro de 1897, às nove horas da noite, num dia de sábado, consagrado, reza a respectiva página da folhinha, a santa Gertrudes e São Leopoldo, vim ao mundo. Ela era oriunda de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, e seus pais foram o capitão Alberto Cavalcante de Moraes e Joaquina Maria do Espírito Santo, da Fazenda Aroeira...

Tristão Gonçalves, avô paterno de meu Pai, alma, no Ceará, das lutas da Independência e da República do Equador e portador “de uma granítica coerência política e ideológica”, deu a própria vida em holocausto às suas inabaláveis e patrióticas convicções.

Pedro Jaime, meu avô paterno, nascido em 07.09.1809 e falecido em 03.07.62, exerceu, em Quixeramobim, funções de maior relevo, inclusive a de chefe do Partido Liberal”.

(Antônio de Alencar Araripe, in “Recordações de Pereiro”.

Alencar Araripe n. em 15.11.97 e f. em 03.05.89)

Itaytera

Número 33

Ano: 1989

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI — CRATO — CEARÁ

ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri

Presidente do I C C:
JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA

Diretor de Itaytera:
JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Redação:
Praça Juarez Tavora, 950
Caixa Postal, 74 — CEP 63.100
CRATO — ESTADO DO CEARÁ — BRASIL

★

Diretoria do I C C:
Presidente:
JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA

★

Vice-Presidente:
JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR CORTÉZ

★

Secretário Geral:
JOSÉ HUMBERTO TAVARES DE OLIVEIRA

★

Secretário:
HUMBERTO ESMERALDO CABRAL

★

Tesoureiro:
JOSÉ DE PAULA BANTIM

★

Comissões
Da Revista Itaytera:
JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO
RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES
JURANDY TEMÓTHEO DE SOUSA

★

De Ciências, Letras e Artes:
PLÁCIDO CIDADE NUVENS
FRANCISCO DE ASSIS BRITO
RONALDO DE F. ALBUQUERQUE

★

De Sindicâncias:
ELOI TELES DE MORAIS
PE. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES
ANTÔNIO CORREIA COELHO

★

Aceitamos permutas com publicações congêneres de todo o País e do exterior.

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de absoluta responsabilidade dos autores.

Os originais não serão devolvidos.

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SECÇÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO - Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE : João Lindemberg de Aquino
- 2 - PATRONO - Bruno de Menezes
OCUPANTE : Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 3 - PATRONO - José Alves de Figueiredo
OCUPANTE : Pe. Neri Feitosa
- 4 - PATRONO - Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE : Edméia Arraes de Alencar
- 5 - PATRONO - Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE : Vaga
- 6 - PATRONO - Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE : Vaga
- 7 - PATRONO - Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE : Vaga
- 8 - PATRONO - Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE : Dr. José Newton Alves de Sousa
- 9 - PATRONO - Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE : Prof. Dr. Rubens Gondim Lóssio
- 10 - PATRONO - Pe. Emídio Leite Cabral
OCUPANTE : Vaga
- 11 - PATRONO - Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE : Vaga
- 12 - PATRONO - Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE : Vaga
- 13 - PATRONO - Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE : Cláudio Martins
- 14 - PATRONO - Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE : Dr. F. S. Nascimento
- 15 - PATRONO - Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE : Vaga
- 16 - PATRONO - Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE : Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO - João Brígido dos Santos
OCUPANTE : Nertan Macêdo
- 18 - PATRONO - Raimundo Monte Arraes
OCUPANTE : Vaga
- 19 - PATRONO - José Alves de Figueiredo
OCUPANTE : Mozart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO - Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE : Vaga
- 21 - PATRONO - Mons. Pedro Rocha de Oliveira
OCUPANTE : Pe. Antônio Vieira

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO - Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE : Dr. Napoleão Tavares Neves

ITAYTERA, 33 ANOS!

Atinge a nossa publicação, com o presente número, a chamada Idade de Cristo, 33 anos. É fato raro, em revistas de caráter cultural, no Nordeste pobre, carente e desassistido, neste País cada dia mais sombrio em seus destinos e suas perspectivas.

Estamos caminhando rapidamente para um recorde de meio século, que, para tanto, só nos faltam 17 anos.

Sinceramente, jamais pensávamos poder atingir a longevidade.

Os nossos propósitos, os nossos ideais, a firmeza de nossa luta inabalável, todavia, têm sido mais fortes, e ITAYTERA tem vencido solenemente todos os percalços, passado por cima de todas as dificuldades.

Neste ano de 1989, temos a presente edição patrocinada "in totum" pelo Banco do Nordeste do Brasil, que acudiu ao nosso apelo, sensibilizou-se com o nosso programa, conheceu nossa teimosia, e ensinou-nos os recursos para a publicação do presente número.

É ajuda que, sobremaneira, agradecemos, e nos comove, quando o fardo da longa caminhada já se torna pesado e tão poucos são os Ciri-neus...

O BNB é o maior agente regional de desenvolvimento, no Nordeste, atuando ao lado da SUDENE na política de promover o nosso homem.

É nosso velho conhecido, amigo e colaborador.

Já promoveu, com o ICC, 2 Seminários para o Desenvolvimento do Sul do Ceará, e tudo publicou de estudos sobre a região caririense, quando desses dois certames. Sempre estimulou nossas atividades. E promete muito mais, quando temos o arrojado sonho da nossa sede própria, cujo terreno já possuímos e onde pretendemos instalar todos os setores do ICC, Diretoria, Secretaria, Arquivo, Auditório, Biblioteca, Clube do Folclore, Mapoteca e outros anexos de cultura e pesquisa histórica. Um arrojado projeto.

Honra-nos, sobretudo, esse incentivo, poderosa alavanca a nos estimular a continuar a caminhada.

O Instituto Cultural do Cariri confessa-se grato ao Banco do Nordeste do Brasil S.A. e reenceta a luta indormida de tantos anos, sob o pálio de tão importante patrocínio.

Não é de hoje que o BNB vem ajudando as letras cearenses, as publicações técnicas, culturais, científicas, numa demonstração pujante do seu amor à Cultura e às Artes. Agora chegou a nossa vez.

Estamos sumamente gratificados por este incentivo, e nosso espírito se rejuvenesce para a luta continuar. Luta que há de ser produtiva e boa, com a sementeira de bons frutos, sempre em benefício do levantamento cultural de nossa região.

Cariri perde Antônio de Alencar Araripe

Provocou grande consternação em todo o Cariri, especialmente no Crato, o falecimento, em 03 de maio de 1989, do ex-deputado federal Antônio de Alencar Araripe, aos 91 anos, em Fortaleza. Iria completar 92 anos em 15 de novembro próximo. O ICC tem sua sede num prédio por ele cedido, sem ônus, na cidade do Crato e deve-lhe muito, pelo apreço que ele sempre demonstrou à nossa entidade, pelas ajudas em verbas (quando deputado), pela doação de livros etc. Eis um ligeiro relato do que a imprensa publicou sobre sua morte, como singela homenagem da nossa instituição, a esse vulto que ficou na História.

Luto

O Cariri perdeu um dos seus homens públicos mais ilustres de todos os tempos, com a morte de Antônio Alencar Araripe, constituinte de 1946, deputado federal por várias legislaturas, presidente do Banco do Nordeste, autor de vários artigos sempre em defesa das causas nordestinas e de livros sobre o mesmo tema. O velho político caririense morreu ontem e a coluna, na pessoa de seu filho, Jósio de Alencar Araripe, abraça a família enlutada.

Coluna Edilmar Norões
Diário do Nordeste, 04.mai.89

Conceito

O dr. Antônio de Alencar Araripe, ontem sepultado, foi um dos melhores advogados do Interior do Estado. O Tribunal de Justiça chegou a incluir o seu nome numa lista tríplice para desembargador, juntamente com Ademar Távora e Olinto Oliveira, em vaga destinada aos advogados. O então governador Parsifal Barroso se fixou em Ademar Távora.

Um fato que mostra o alto conceito de que gozava o saudoso morto.

Coluna Vertical
O POVO, 04.mai.89



O corpo foi velado por parentes e amigos.

Sepultado Antônio Araripe

Faleceu às primeiras horas de ontem, o advogado e jornalista Antônio de Alencar Araripe, aos 91 anos de idade, vítima de uma infecção pulmonar, provocada por problemas parkinsonianos. Ele formou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará, e foi prefeito da cidade de Crato por três vezes.

De acordo com sua filha, advogada Moema Araripe, Antônio Araripe era advogado com dedicação exclusiva ao ofício, trabalhando em várias cidades e até em outros Estados do Nordeste como o Rio Grande do Norte, por exemplo. Foi deputado federal em quatro legislaturas, tendo sido constituinte em 1946, no processo de elaboração da Constituição daquele ano. Antes de concluir o último mandato como parlamentar, Antônio Araripe, assumiu a Presidência do Banco do Nordeste do Brasil, durante o governo Jânio Quadros em 1961. Aposentou-se como Procu-

rador Geral do Estado, e publicou dois livros: "Doze anos de Parlamento" e "Problemas das Secas e outros Ensaios". Casado com Ana da Franca Alencar, desde o dia 5 de abril de 1923, deixou cinco filhos: Jósio de Alencar Araripe, Rivanda de Alencar Araripe, Edda Alencar Carvalho, Jales de Alencar Araripe e Moema de Alencar Araripe, além de 13 netos.

Biografia

Antônio de Alencar Araripe nasceu a 15 de novembro de 1897, na Fazenda Remédio, que passou da jurisdição do município de Pereiro para a de Iracema. Era filho de Otaviano Cícero de Alencar Araripe, serventuário de Justiça, advogado e promotor em várias comarcas, e de sua esposa D. Rita Cavalcante Araripe, oriunda de Pau do Ferros, no Rio Grande do Norte. Iniciou seus estudos em Tauá, com a professora Maria do Livramento de Paes Barreto, e aos preceptores particulares Joaquim Queiroz, acadêmico Joaquim Pimenta, padre Francisco Silvano de Sousa, vigário local.

Complementou esses estudos no Colégio São Francisco das Chagas de Canindé, onde durante dois anos teve como um de seus professores o poeta Cruz Filho. No Liceu de Fortaleza submeteu-se a exames parcelados dos preparatórios para a matrícula na Faculdade de Direito do Estado, onde integrou a turma do Centenário dos Cursos Jurídicos de 11 de agosto de 1927.

Dirigiu o estabelecimento em Lavras da Mangabeira de ensino primário, denominado "Externato Amor às Letras", tendo como aluno o poeta Filgueiras Lima e começou a freqüentar os auditórios forenses, como advogado provisionado pelo Tribunal de Justiça do Estado, a 7 de janeiro de 1916. A 31 de maio de 1920 foi nomeado delegado Seccional do Recenseamento, então procedido. Além de suplente de deputado federal na representação do Estado na legislatura que antecedeu o golpe de Estado de 1937, elegeu-se para a Assembléia Nacional Constituinte em 1945, prolongando seu mandato por doze anos. Como deputado federal, fez parte das Comissões de Diplomacia e Tratados (vice-presidente) de Constituição e Justiça Mista de Leis Complementares.

BNB e Jornalismo

Em junho de 1959, o Tribunal de Justiça do Estado incluiu seu nome na lista tríplice, da qual fez parte Olinto Oliveira e Ademar Távora. A 18 de março de 1961, deu-se sua nomeação para presidente do Banco do Nordeste do Brasil, de que foi exonerado pelo presidente João Goulart, a 3 de janeiro de 1962. Em sua gestão criaram-se as agências de Tauá, Campos Sales, Jaguaribe e Quixeramobim. A 23 de março de 1964, foi nomeado Procurador Fiscal da Fazenda do Estado, passando à inatividade por força compulsória.

Iniciou-se na imprensa através dos jornais "O Tempo", de Aracati, "A Gazeta do Cariri", "A Região", de Crato, colaborando a seguir em publicações jurídicas desta capital e do Sul do País (Ceará Judiciário), Revista de Direito de Bento Faria, "Direito" e "Revista Forense", e desde a fundação de "O Povo", e da revista cratense Itaytera, onde figurou entre seus constantes colaboradores. Foi inscrito na Ordem dos Advogados, secção do Ceará, em 1933, bem como na Associação Cearense de Imprensa, e no Instituto Cultural do Cariri. Foi sepultado no Cemitério Parque da Paz, às 16 horas de ontem.

Tribuna do Ceará, 04.mai.89

Morre Alencar Araripe, um Constituinte de 1946

Foi sepultado ontem em Fortaleza o ex-deputado federal constituinte Antônio de Alencar Araripe, falecido durante a madrugada, aos 91 anos. Ao lado de Plínio Pompeu, Araripe era o único remanescente vivo da Assembléia Nacional Constituinte de 1946. Deputado federal por 12 anos, interrompeu seu mandato em 1961, para assumir a presidência do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Foi também Prefeito do Crato por duas vezes, nomeado em 1930 e 1934.

Um dos fundadores da seção estadual da UDN, o deputado Antônio Araripe se destacou na Câmara Federal pela defesa dos interesses do Nordeste, a ponto de ter sido chamado, pelo ex-Ministro da Agricultura e deputado pernambucano Costa Porto, de "deputado das secas". Advogou com insistência, no Parlamento, a implantação da reforma agrária nas terras do patrimônio do Governo e latifúndios improdutivos e a irrigação, tendo sido responsável por vários projetos em benefício da Região.

Natural de Pereiro, começou sua vida pública em Lavras da Mangabeira, onde dirigiu um colégio primário e foi professor do poeta Filgueiras Lima. Pertencia a uma família ilustre na história do Ceará, que participou dos movimentos revolucionários de 1817 e 1824. Era trineto de Bárbara de Alencar e bisneto de Tristão Gonçalves. Um dos pontos interessantes de sua biografia foi a atuação como advogado do beato José Lourenço, do Caldeirão — comunidade que se formou na Serra do Araripe e que foi chacinada em 1937, porque as autoridades julgaram tratar-se de uma experiência comunista, num episódio transformado em documentário pelo cineasta Rosemberg Cariry.

Formado em advocacia, Antônio Araripe atuou também como jornalista e foi colaborador assíduo do O POVO desde sua fundação, em 1928, até uns cinco anos antes de morrer. Pertencente a uma prole numerosa, tinha dois irmãos vivos: Socorro e José Caminha de Alencar Araripe, este último jornalista e ex-Diretor Editor do O POVO. Do casamento com Ana da Franca Alencar (Donita), teve cinco filhos: Rivanda, Jósio, Edda, Jales e Moema.

O Povo, 04.mai.89

Falece Antônio Alencar Araripe, Ex-Presidente do BNB (1961-1962)

Registramos com pesar o falecimento, na madrugada do último dia 3, do ex-Presidente do Banco, Antônio Alencar Araripe. Nomeado por Jânio Quadros, sua gestão no BNB durou de 21 de março de 1961 a 5 de fevereiro de 1962, situando-se entre as duas administrações de Raul Barbosa. Nascido em 15 de novembro de 1897, no município cearense de Pereiro, era filho de Otaviano Cícero de Alencar Araripe e Rita Cavalcante Araripe.

Prefeito da cidade do Crato por duas vezes, após a Revolução de 1930, foi membro da Assembléia Nacional Constituinte em 1946 e Deputado Federal em várias legislaturas. Durante sua permanência na Direção do BNB procurou dar maior autonomia administrativa e operacional ao Banco no setor de crédito cooperativo, bem assim dinamizar a assistência ao pequeno agricultor. Nesse período, elaborou-se o II Plano de Expansão de Unidades Operadoras, prevendo a implantação de 15 agências e obteve-se o primeiro financiamento externo, em contrato firmado com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, atuando a SUDENE como interveniente.

Casado com Ana da Franca Alencar (Donita), deixou os filhos Rivanda, Jósio, Edda, Jales e Moema. A família enlutada, as condolências da Administração e funcionários do Banco.

Manifestações pessoais de pesar poderão ser dirigidas para a residência da família à Rua Pinho Pessoa, 1.405, CEP 60.115 — Fortaleza-CE.



Jornal "Notícias", do BNB
05.mai.89

Homem Público Exemplar

Com o falecimento, na idade de 91 anos, de Antônio de Alencar Araripe, desaparece uma figura exemplar de homem público pelo seu empenho no trabalho, pela seriedade de sua atuação, pela abnegação com que servia à causa do povo, pela honestidade inconfundível que o distinguia.

Andou por caminhos diversos, o do magistério, por exemplo. Foi professor em Icó e Lavras da Mangabeira. Nesta última, teve como aluno Filgueiras Lima e era com enternecimento que lembrava o grande poeta. Na cidade dos sobradões, freqüentaram a sua escola os irmãos José Antônio e Marcial Dias Pequeno, este, jornalista e que ocupou postos de relevo na administração federal e do então Estado da Guanabara.

A advocacia esteve entre as suas principais atividades, a partir de janeiro de 1916, como provisionado, depois, já formado pela nossa Faculdade de Direito, em 1927. Foi advogado de renome. Conhecia os bons doutrinadores da ciência do Direito, devotado ao estudo que era. Possuiu uma das melhores bibliotecas especializadas do Ceará, recentemente doada à Universidade Vale do Cariri. Patrocinou causas de personalidades importantes, como o padre Cícero, e de ampla repercussão, como a do Beato José Lourenço, e que lhe valeu a prisão. Publicou em opúsculos mais de 20 trabalhos forenses. Colaborou na "Revista de Direito", de Bento de Faria, na "Revista Forense" e no "Ceará Judiciário".

O jornalismo atraiu-o de maneira irreversível. Fundou e dirigiu o semanário "O Cariri", editado, primeiro, em Juazeiro, e, depois, no Crato, por vários anos. Escreveu para diversos jornais, como "O Tempo", de Aracati, "Gazeta do Cariri", "A Região" e "A Ação", do Crato. Era o mais antigo colaborador do "O POVO", cujas colunas abrilhantou desde quando esse diário circulou, em 1928. Pertencia à Associação Cearense de Imprensa e ao Instituto Cultural do Cariri, em cuja revista "Itay-tera" tinha presença constante.

Dotado de prodigiosa memória, recompunha, até bem pouco, com riqueza de pormenores, episódios de que fora contemporâneo e alguns dos quais contaram com a sua participação direta.

A genealogia cearense não tinha segredos para ele, notadamente quando se tratava dos Alencares, sobre os quais recolheu dados preciosíssimos, que planejou reunir em livro. Nesse particular como no tocante ao exercício da advocacia, identificou-se, sobretudo, com o pai, Otaviano Cícero de Alencar Araripe, rábula de nomeada e que versava com proficiência sobre as origens das famílias do Ceará.

Erigiu a política como instrumento de servir à comunidade e não como meio de saciar apetites pessoais ou de grupos. Ocupou a Prefeitura do Crato, em duas oportunidades, e, segundo nota do jornal "O POVO", do tempo em que viviam Demócrito e Saracate, foi o melhor prefeito da Revolução de 30 no Ceará. Austero no manejo do dinheiro da municipa-

lidade, engenhoso e prático no rol das iniciativas administrativas, as mais complexas, como a ponte no rio Granjeiro, e as mais simples, como o nivelamento das calçadas, mas essenciais à modernização da cidade.

Constituinte de 46, iniciou, então, uma fase da vida em que avultam as benemerências da ação parlamentar, que se desenvolveu durante 12 anos. Foi um dos melhores deputados federais do Ceará. Chamaram-no "deputado das secas" pela sua persistência na abordagem do fenômeno das estiagens e na defesa intransigente das obras que julgava necessárias à redenção do Estado e do Nordeste e ao bem-estar das suas populações.

Partiram dele as primeiras verbas para a barragem do Orós, que defendeu em mais de um discurso. Outros reservatórios foram construídos ou estudados pelo DNOCS em decorrência da sua desvelada atenção.

Não houve Município, a que se ligou politicamente, que não haja recebido a compensação de empreendimento de repercussão coletiva, fosse o crédito agrícola, a estrada, a linha telegráfica, o açude, a eletrificação, o hospital ou a escola, como a Escola Agrotécnica do Crato, de tão relevantes serviços à região.

A sua visão não se confinava aos interesses agrícolas e pecuários do Cariri e do Estado. Entre as medidas propulsoras do desenvolvimento, assim compreendidas, está a industrialização. Daí, a sua luta pela montagem de uma fábrica de cimento no Crato. Foi dos primeiros a abordar o assunto e quem primeiro destinou verbas para os estudos que se tornavam imprescindíveis. O conjunto industrial não surgiu no Crato, mas está ali bem pertinho, no Município de Barbalha.

Há dois fatos da sua passagem pelo Parlamento que merecem registro especial. O primeiro foi a indicação que formulou e da qual resultou o pronunciamento da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, tendo como relator Afonso Arinos, sobre a violação do preceito constitucional pelo Governo, que não respeitava o mandamento que destinava 3% da renda tributária da União para o Nordeste. O segundo decorreu da sua participação, como representante da UDN, na comissão da Câmara que examinava a denúncia de favorecimento do governo ao jornal "Última Hora". Chamou a atenção geral a maneira como fazia as arguições. Era o velho advogado, culto e familiarizado, com as normas forenses, que se projetava em cenário de ressonância nacional.

Antônio de Alencar Araripe publicou alguns livros, enfileirando projetos de suas justificativas, discursos e artigos de jornal. Todos eles encerram valiosos depoimentos, análises seguras e pertinentes e a indicação de solução para casos que se eternizam.

No seu último livro — "O Problema das Secas e Outros Ensaios", no capítulo intitulado "Fábrica de Cimento no Cariri", Antônio de Alencar Araripe fez este desabafo: "Em carta escrita ao Barão de Lucena, em 1870, confessa José de Alencar pertencer ao número 'daqueles que não se podem entregar por metade a uma coisa'. Também tenho a sorte de

militar entre as pessoas que, no exercício de atividades públicas e particulares, costumam entregar-se de corpo e alma ao cumprimento das respectivas obrigações. Como delegado seccional do recenseamento, em 1920, prefeito de Crato, por duas vezes, deputado federal, presidente do BNB e procurador fiscal do Estado, ou simplesmente como advogado, onde quer que tenha funcionado, guardo a impressão de ter-me devotado por inteiro à rigorosa observância dos deveres funcionais”.

Assim foi, com efeito, segundo o testemunho dos que tiveram o privilégio de conhecê-lo, na intimidade e como cidadão de nobres e acrisoladas virtudes.

Coluna J. C. Alencar Araripe
Diário do Nordeste, 11.mai.89

Faleceu o Padre Antônio Gomes

Na cidade de Brejo Santo, em 26 de janeiro de 89, faleceu, à noite, o Pe. Antônio Gomes de Araújo. Foi historiador, professor, jornalista e sacerdote de valor. Foi presidente do Instituto Cultural do Cariri e vice-diretor da Faculdade de Filosofia do Crato. Homem de inteligência brilhante, polêmico, foi considerado o maior historiador do Cariri. Seu sepultamento ocorreu no dia seguinte, 27 de janeiro, no cemitério daquela cidade, com grande acompanhamento. Deixou vaga difícil de ser preenchida em nossa região.

Padre Antônio Gomes de Araújo — Dados Biográficos

Nasceu o Pe. Antônio Gomes de Araújo na cidade de Brejo Santo, filho de José Nicodemos da Silva e Maria Gomes de Araújo, em 6 de janeiro de 1900. No período de 1909 a 1918 fez seus estudos primários com o tio Joaquim Gomes da Silva Basílio. Em 1919 entrou para o Seminário de Fortaleza e, no Crato, de 1922 a 1926 cursou o Seminário Maior, tendo sido, ainda estudante, professor na Princesa do Cariri, depois de ordenado, professor no Seminário.

Em 17 de abril de 1927 recebeu o presbiterato, na Catedral do Crato, voltando, ali, dois dias depois, para celebrar a primeira missa. E de 1927 a 1932 exerceu o magistério no Seminário do Crato. De 1929 a 1930 ensinou na Escola Técnica de Comércio do Crato. De 1930 a 1960 honrou o magistério no Colégio Diocesano do Crato. Ensinou também no Colégio Santa Teresa de Jesus e na Faculdade de Filosofia do Crato, tendo sido, ali, titular da Cadeira de História Antiga e Moderna.

Nomeado em 20 de setembro de 1935 Inspetor do Ensino Normal do Estado junto ao Colégio Santa Teresa, ficou nesse posto durante 3 anos.

Por mais de 50 anos dedicou-se às pesquisas históricas, produzindo obras memoráveis. Coube-lhe devassar a origem do nascimento de Bárbara de Alencar, por muitos decênios considerada cratense, quando, na realidade, nasceu em Exu.

Foi tamanha a sua produção sobre documentos históricos que ficou conhecido como o Capistrano de Abreu do Cariri. Recebeu inúmeras condecorações e diplomas, inclusive da Prefeitura do Crato.

Publicou:

- Concurso da Bahia na Formação da Gens Caririense — 1950
- Naturalidade de Bárbara de Alencar — 1953
- Pe. Pedro Ribeiro da Silva, fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte — 1955
- 1817 no Cariri — 1962
- O Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará — 1961
- Aldeamento e Missão do Miranda e revelações de sua arqueologia — 1967
- A Cidade de Frei Carlos, 1971
- Povoamento do Cariri — 1976 e alguns pequenos opúsculos, além de grandes trabalhos históricos em Itaytera, Região, A Província, jornais locais etc. Deixou inédito — A Revolução dos Alencares. Escreveu na Revista Eclesiástica Brasileira, na revista Clã, na Revista da Academia Cearense de Letras, na revista do Instituto do Ceará etc.

Em 1953 fundou o Instituto Cultural do Cariri, com Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho, Jéfferson de Albuquerque, Raimundo Girão e outros, tendo sido seu vice-presidente até 1973, quando assumiu a presidência com a morte de Figueiredo Filho, ficando no posto por 6 meses, sendo sucedido pelo Dr. Jósio de Alencar Araripe. Há mais de 15 anos vivia em Brejo Santo, doente, em casa de sua sobrinha Lisieux, que o amparou na velhice com extrema bondade e dedicação, acompanhando-o com solicitude nos últimos dias de sua vida.

Com o seu falecimento, o ICC declarou vaga a Cadeira nº 6, por ele ocupada, tendo por Patrono o Dr. Irineu Pinheiro.

A Sedição de Juazeiro

Eneida Figueiredo Araripe

Introdução

Este trabalho de pesquisa e síntese é uma tentativa de reavivar os fatos que deram lugar à sedição de Juazeiro, responsável por sérias mudanças no cenário político e histórico do Ceará.

Foi fundamentado na narração de Rodolfo Teófilo, baiano de origem, cearense de coração, exemplo de caráter íntegro e homem sério, farmacêutico e escritor, que, rabelista convicto, viveu aquele episódio deprimente da história do Ceará, principalmente em Fortaleza.

Posteriormente, durante cuidadosa pesquisa sobre o assunto na obra de Irineu Pinheiro, gentilmente cedida pelo Dr. Antônio Martins Filho, de sua biblioteca particular, foram encontradas contradições, apontadas em devido tempo, no texto.

Acredito que as versões contraditórias dos fatos apontados se devem, não à distorção de um dos escritores, mas à credibilidade de cada um em seus próprios valores.

De um lado, Rodolfo Teófilo, dando voto de fé a um governador enérgico e popular, empenhado em desbaratar, de uma vez, a "política dos coronéis", dominante no interior. Do outro lado, Dr. Irineu Pinheiro, integrante de uma família tradicionalista, favorável às oligarquias, parente do coronel Antônio Luís Alves Pequeno. Este, de conduta moral irrepreensível, fugia aos padrões dos "coronéis" da época, conluídos com assassinos e cangaceiros. Era, todavia, profundamente comprometido com a política dos Aciolly.

O objetivo deste desprezioso trabalho é uma contribuição para os estudiosos do passado de nossa terra, num texto mais resumido e simples. Para aqueles, que, por maior mérito e estruturada formação histórica, poderão analisar, em profundidade, o texto, dando-lhe a adequada aplicação teórica.

Fortaleza, 06 de outubro de 1988

I

Empossado Presidente do Estado em 14 de julho de 1912, Marcos Franco Rabelo tinha muitas possibilidades de fazer uma boa administração, trazendo progresso ao Ceará: honestidade, vontade de trabalhar, bons assessores, verdadeiros homens de bem. Mas a ambição desenfreada de alguns, que antepunham interesses pessoais às necessidades da comunidade

política a que pertenciam, frustraram-lhe os bons propósitos, levando o Ceará, não somente a uma fase de retrocesso, como a verdadeiro descalabro, à irregularidade, ao derramamento de sangue.

A indicação do Dr. Francisco de Paula Rodrigues para a chefia do partido situacionista, em âmbito nacional, provocou o ciúme e o descontentamento de muitos que optavam por um diretório com representantes de todas as facções políticas.

Talvez se fosse esse o critério adotado pelo Presidente do Ceará, teria havido uma conciliação de ânimos. Rabelo, porém, revelando autonomia, optou por seu próprio árbitro, da maneira que julgava mais acertada e que oferecesse maior apoio ao seu governo.

Não foi essa a interpretação de Dr. Irineu Pinheiro em "O Juazeiro e a revolução de 1914": —

"Alheio à vida política e administrativa do Ceará, deste ausente havia anos, faleciam ainda ao coronel Franco Rabelo, e infelizmente para os que o guindaram à culminância do governo, aquelas qualidades que singularizavam os verdadeiros homens de estado. De reduzida visão política, cometeu, logo de início, dois gravíssimos erros. Rompeu, na esfera federal, com o Partido Republicano Conservador, chefiado pelo Gal. Pinheiro Machado, e, no Estado, com o padre Cícero Romão Batista, a quem obedeciam extensas massas sertanejas de todo o Nordeste do Brasil".

Diz também Dr. Irineu Pinheiro na obra há pouco citada:

"Alegava-se não ter sido eleito o presidente Rabelo pelo número de deputados exigidos pela constituição do Estado. Realmente, reconheceram-no apenas 13 deputados em lugar de, pelo menos 16, número que exprimia a maioria imposta pela lei".

Solon Pinheiro, fervoroso rabelista, e que ajudara a derrubar a oligarquia dos Aciolly, tão nociva, política e financeiramente, ao Ceará, esperava obter do novo governo, posições privilegiadas para seus amigos do interior. Nada obtendo, regressou a Manaus, onde vivia, profundamente desgostoso.

Esse e outros casos deram lugar a uma verdadeira onda de insatisfação, dando início a forte corrente de oposição ao governo de Rabelo.

Os chefetes do velho partido aciolino, só esperavam a oportunidade para restaurar aquela poderosa oligarquia.

Os "marretas", do partido aciolino, sob a chefia de João Brígido, jornalista, político injurioso e cáustico, passam a hostilizar abertamente o governo estabelecido. Inimigo ferrenho dos Aciolly, João Brígido coligou-se aos marretas, perdoando, dando e obtendo perdão de mútuas agressões sofridas em campanhas passadas.

A Assembléia do Estado, fraudulentamente, convocou deputados ausentes, falsificando sua assinatura, a fim de cassar o direito de Franco Rabelo como Presidente do Estado, reconhecido pela mesma Assembléia, alguns meses antes.

Esta Assembléa terminaria o mandato em 31 de dezembro, tendo, portanto, pouco tempo disponível, já que transcorria o mês de novembro, para depor o Presidente do Estado.

Munidos de “habeas corpus” concedido pelo Supremo Tribunal Federal, os deputados marcam reunião para o dia 9 de novembro.

Nesse dia, o partido rabelista decidiu impedir, pelas armas, a entrada dos deputados para a reunião da Assembléa, enfrentando a força federal, constituída de 50 praças, a quem competia fazer cumprir o “habeas corpus”.

Populares e inimigos dos Aciolly, para assegurar a preservação do mandato e possivelmente até a vida de seu presidente, armaram-se nas ruas, dispostos a tudo.

A redação “Folha do Povo” era um verdadeiro arsenal: rifles, munições, armas de toda espécie, bombas e dinamite.

O Secretário do Interior, Frota Pessoa, procurou os chefetes rabelistas para dissuadi-los de um possível derramamento de sangue. Eles temiam também por suas próprias vidas, com a volta dos Aciolly ao poder, e estavam dispostos a lutar para defender-se e a suas famílias.

Uma saída possível para esse perigoso estado de exaltação de ânimos seria a renúncia de Rabelo.

Mas, segundo Rodolfo Teófilo, haveria fortes razões para que essa renúncia acarretasse uma onda de revolta muito pior, acompanhada de saques, incêndios e todo tipo de represália, e que não poderia ser contida pelo batalhão de segurança do Rabelo. Este não seria obedecido a qualquer contenção da massa exacerbada. Nada poderia fazer, tamanho se manifestava o acirramento dos ódios em ambas as facções políticas; talvez até sua própria vida não seria poupada, no caso de vitória dos partidários dos Aciolly.

Os acontecimentos se precipitaram com a invasão do palácio dos Aciolly pela turba desvairada. Toda a família estava reunida ali, e não sabemos o que teria acontecido, se uma senhora, com um crucifixo na mão, não tivesse contido a massa, com suas súplicas para que não matassem ninguém. A turba acalmou-se, consentindo na saída dos Aciolly, que se refugiaram no Arsenal da Marinha, de onde embarcaram para o Rio de Janeiro, dias depois.

Tem início uma onda de saques e incêndios em todas as casas dos Aciolly, na fábrica de tecidos que lhes pertencia e nas residências de vários amigos da família.

Era a resposta selvagem da massa descontrolada e sem formação, e que tinha bem presentes as arbitrariedades de toda ordem, praticadas no governo anterior dos Aciolly.

O estado pagaria, mais tarde, alta indenização pelos danos sofridos por essa família, o que, aliás, foi muito criticado: ao Ceará não caberia a responsabilidade de pagar pelos movimentos de desvario do povo, sem

que a ação de direito fosse a instância superior, não passando além do juiz substituto, como aconteceu.

Dr. Irineu Pinheiro refere-se aos acontecimentos violentos citados: "Não soube ou não pôde o coronel Franco evitar crimes perfeitamente inúteis e que lhe macularam o governo de modo irremediável".

Uma referência de Irineu Pinheiro sobre a deposição dos Aciolly, anterior à gestão de Rabelo: "Apoiado em numeroso e disciplinado corpo policial, o maior que já existiu no Ceará, cuja estrutura estava integralmente intacta, só se lhe pode explicar a deposição por um fenômeno de ordem psíquica, convencidas, na época, as populações do Norte de que, fatalmente, teriam de derrubar as oligarquias reinantes..." (Fica clara a simpatia do eminente historiador pelas oligarquias, que deram lugar à tão nefasta política dos coronéis).

II

Pinheiro Machado, chefe do PRC (Partido Republicano Conservador), chefe supremo dos próceres da política nacional, temendo não ser reeleito, caso o Rabelo permanecesse no Poder, quando perderia o Colegiado do Ceará, decide-se a derrubá-lo, mesmo apelando para a violência, se necessário fosse. Contava com quase toda a Assembléia. O único deputado favorável ao governo do Rabelo era o Dr. Manuel Oliveira, amigo dileto do Mal. Deodoro da Fonseca.

A Assembléia Estadual terminava o seu mandato. Procedeu-se a novas eleições. O Partido Rabelista apresenta chapa com vinte e cinco nomes. O da oposição apresenta, por sua vez, cinco nomes. Foram eleitos trinta deputados rabelistas.

Segue-se um período de paz, em que se via o progresso de Fortaleza, fruto da administração de Rabelo, assessorado pelo Intendente Municipal, sr. Idelfonso Albano, apesar das dificuldades decorrentes dos poucos recursos disponíveis.

Rabelo recebera um governo seriamente comprometido por dívidas conseqüentes a vultosos empréstimos e peculato cometidos pelo governo anterior dos Aciolly.

A repressão ao banditismo foi um dos maiores benefícios do governo de Franco Rabelo.

Principalmente no Cariri, cada chefe político tinha um bando de cangaceiros, dispostos a lhe cumprirem as ordens criminosas, satisfazendo-lhes, assim, os ódios e vinganças pessoais. A justiça nada podia fazer a não ser manter "vistas grossas". Do contrário, arriscaria ficar inteiramente desmoralizada.

Para esse combate à "política dos coronéis", Franco Rabelo, logo no início do seu governo, destacou para o Crato uma força de 200 praças, com plenos poderes para usar de energia e rigor na repressão ao banditismo. Essa força estava sob o comando do cap. Ladislau Lourenço de Sousa.

Breve as cadeias se encheram de criminosos. Mais de 500 ali foram detidos. Foram chamados a responder processo e comparecer a júri chefetes locais de grande prestígio político. Enfim se podia viajar com tranqüilidade, já que diminuira muito a onda de assaltos, ocorridos anteriormente, pelas estradas.

Os “marretas”, apoiados pelos chefes políticos da capital federal, liderados por Pinheiro Machado, armavam esquema bem urdido para a deposição de Franco Rabelo.

O Pe. Cícero Romão Batista a tudo assistia, sem se manifestar. Mas, fervoroso adepto do partido aciolino, aguardava o momento favorável para alijar do poder, de uma vez por todas, o presidente do Estado.

Essa dubiedade do Pe. Cícero evidenciamos através de cartas trocadas com o Rabelo, onde se defendia das acusações de fomentar a rebelião para depô-lo. (PINHEIRO, Irineu — *Efemérides do Cariri*, p. 183).

Francisco Rabelo contava com as simpatias da Câmara, de quase toda a população de Fortaleza e de pequena força do Exército.

III

Um fato novo no cenário nacional vem toldar a tranqüilidade e paz do governo de Rabelo, favorecendo o partido dos marretas — a escolha do sucessor do Mal. Hermes da Fonseca.

A indicação do Presidente da República era disputada por dois partidos: o PRC, comandado por Pinheiro Machado e que, como partido majoritário, liderava a política nacional e tinha direito de escolher o candidato a presidente — e o partido da coligação, chefiado por Danton Barreto, que pleiteava ser essa escolha feita por todos os estados da Federação. Coligaram-se contra Pinheiro Machado, e ao lado de Danton Barreto: São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Ceará.

A candidatura do sr. Wenceslau Braz foi lançada e aceita. Era a vitória para Pinheiro Machado, que a conseguiu à custa de todos os expedientes que pudessem intimidar ou tolher os adversários, inclusive demissões, ameaças, subornos.

O gesto de autonomia do Ceará, incorporando-se à coligação, custou-lhe muito caro. Foi decretada pelo sindicato político PRC a deposição do Presidente do Ceará.

Manobrando nesse sentido, vão ao Rio de Janeiro o Cel. João Brígido dos Santos, o Dr. Aurélio de Lavour e Floro Bartolomeu da Costa, enviado e braço direito do Pe. Cícero.

Caso a deposição do Rabelo não pudesse ser feita em Fortaleza pelos marretas, começaria por um movimento sedicioso em Juazeiro, promovido pelo Pe. Romão Batista, e viria sobre a capital do Estado.

Sobre os antecedentes da rebelião, diz Dr. Irineu Pinheiro em *Efemérides do Cariri*, p. 183:

“Notavelmente contribuíram para a realização do movimento revolucionário demoradas conversações entre o cel. Antônio Luís e o Dr. Floro Bartolomeu”.

Em o **Juazeiro do Pe. Cícero e a Revolução de 1914**, p. 31, opina Dr. Irineu:

“Foi, portanto, resolvido o movimento do Cariri, com o apoio, é verdade, dos chefes da capital e do Rio”.

Apesar da enorme influência que o Pe. Cícero exercia sobre os romeiros, nada poderia ser feito, é claro, sem o apoio do governo federal.

A despeito dessas maquinações, a cidade gozava paz.

Um acontecimento, porém, vem toldar essa tranqüilidade. O Dr. Gentil Falcão, deputado federal, a passeio em Fortaleza, eleito pelos rabelistas, bandeia-se para a oposição. Por desavenças políticas, atira, não atingindo o alvo, em Francisco Pires Holanda, deputado estadual.

Algum tempo depois, Gentil Falcão era atingido no rosto por um tiro de alguém que teve tempo de evadir-se antes de ser identificado.

Dias depois, a população, estarecida, presencia o incêndio da Inspeção de Obras Contra as Secas, na Rua Gal. Sampaio.

Vemos, que de parte a parte eram cometidos abusos ditados pelo acirramento de ódios partidários.

Por todos os crimes responsabilizavam o Presidente do Ceará.

No Rio, chegavam notícias de que Fortaleza se tornava um verdadeiro ninho de celerados e desordeiros...

A vinda de Torres Homem, inspetor da 4a. região militar, determinada pelo Presidente da República, tinha a finalidade de averiguar a anarquia que se dizia imperar no Ceará.

Essa inspeção era um desrespeito à soberania do nosso Estado. Mais uma conseqüência da impiedosa vingança de Pinheiro Machado.

Regressando Torres Homem ao Rio, sem ter apurado nenhum fato contrário, comunica para o Presidente da União que “no Ceará reinava a paz e a ordem”.

Mais do que nunca, as forças políticas opositoras, estavam decididas a levar em frente a pretensão de derrubar o Poder Executivo do Ceará. E só não puderam agir de imediato, à falta de contingente humano e de uma liderança capaz de assumir o comando da rebelião.

A pedido dos marretas, foi transferido do Rio para o Ceará o capitão Polydoro Rodrigues Coelho, que, abertamente, com o conhecimento do Poder Executivo Federal, passa a conspirar contra o Presidente do Estado, ao lado de seus correligionários políticos, Floro Bartolomeu, Aurélio de Lavor etc. O objetivo imediato seria sublevar o Batalhão Militar do Estado e matar Franco Rabelo.

Irineu Pinheiro refere-se a esse episódio em “**O Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**”: “... em Fortaleza atentaram elementos governistas contra a vida do cap. Polydoro Rodrigues Coelho, lançando-lhe à residência uma bomba de dinamite”.

Mais adiante, Irineu Pinheiro refere-se a “ameaças” de incêndio às casas de Antônio Luís Alves Pequeno, e até à cidade de Juazeiro, que, diga-se de passagem, jamais se efetivaram. “Deveria Juazeiro, dizia-se, ser destruído até os fundamentos. Não se contentariam os vencedores com o extermínio dos fanáticos; era preciso arrasar-lhes o covil.” (Idem, *ibidem*, p. 86).

Nova sindicância de Torres Homem não resultou em nada.

Frustrada a conspiração em Fortaleza, o lugar propício para o começo da sedição seria Juazeiro, onde homens armados e liderança constituíam elementos certos para a conflagração urdida e plenamente apoiada pelo Presidente da Nação.

Essa trama ficou comprovada pelas cartas dirigidas a Pe. Cícero por João Brígido dos Santos e Hermínio Barroso, apreendidas pelas forças da situação.

IV

Em Juazeiro, um fato desencandeia, de modo ostensivo, as hostilidades contra Rabelo.

No dia 09 de dezembro de 1913, o Dr. Floro Bartolomeu da Costa, médico recém-chegado da Bahia, orientador político do Pe. Cícero, “assaltara o quartel da força da polícia, que guarnecia a vila” (de Juazeiro). (PINHEIRO, Irineu, *opus cit.*, p. 11).

Pe. Cícero manda desarmar a força policial, 15 praças, e depõe todas as autoridades estaduais.

(Concretizava-se a previsão do major Joaquim José da Rocha: “O Pe. Cícero começou missionário, vai ficando milionário e acabará revolucionário”. SOBRAL. Lívio — *Revista do Instituto do Ceará*, 1 v. 54, 1940).

Depois do episódio citado, pessoas do partido rabelista fugiram, com suas famílias, para o Crato.

De acordo com ordens vindas do Rio, Floro Bartolomeu viaja a Fortaleza, a fim de empossar-se Presidente do Estado, ficando o Ceará com dois presidentes. Todo o povo cearense assiste a essa grande farsa.

Um dos primeiros atos do Floro foi dissolver o Batalhão Militar e a Guarda Civil, nomear seus secretários, demitir intendentess e pedir ao Governo Federal para recolher o armamento e policiara Fortaleza pelas forças do Exército.

O Congresso ainda não se dissolvera.

Franco Rabelo sente-se com bastante força para se decidir a enfrentar esse estado de coisas e manter-se no Poder. Mas os inimigos eram muito fortes, já que contavam com o apoio do governo federal.

No dia 12 de dezembro de 1913, Franco Rabelo, a despeito das perseguições dos inimigos, apoiados pelo governo federal, envia para Iguaçu o Batalhão Militar do Estado, composto de 500 homens e chefiado

pelo Cel. Alípio de Lima Barreto, tenente do exército, homem enérgico e experimentado.

O embarque desse destacamento se deu entre verdadeira aclamação de populares. Era mais um voto de solidariedade e confiança do povo no seu governador.

Talvez para substituir as forças governamentais, em parte por temer pela vida de Rabelo, o povo armado, entre pescadores e trabalhadores do mar, funcionários da estrada de ferro de Baturité, o Tiro de Guerra, carroceiros, garis, passaram a guarnecer, dia e noite, o palácio presidencial.

Moços das mais distintas famílias, comerciários, negociantes, revezavam-se nessa guarda. Foram meses em que durou a vigília, sem arrefecimentos. Mais do que a própria milícia, Fortaleza nunca foi tão bem policiada. (Irineu Pinheiro não menciona esse episódio).

Chegava ao Crato a munição requisitada pelo Cel. Alípio, e que ficara em Iguatu (ponto terminal da estrada de ferro Baturité), por receio de saque durante as 30 léguas que separavam as duas cidades, e que seriam percorridas a pé. Havia trechos intransitáveis, alagados, um verdadeiro tremedal, conseqüentes às fortes chuvas caídas.

Emílio Sá, com o canhão que mandara forjar em Fortaleza, e a comitiva do Dr. Freitas, solicitada como reforço pelo Cel. Alípio, ambos dedicados amigos do Rabelo, conseguiram chegar ao Crato.

O Inspetor Geral Torres Homem, simpático à causa da situação no Ceará, empresta munição. Um seu enviado, hóspede do Pe. Cícero, constata o que já se suspeitava há muito: o apoio incondicional do governo federal aos sediciosos de Juazeiro.

Essa ajuda de Torres Homem custou-lhe a demissão por Pinheiro Machado.

Um triunfo para as forças do governo foi o desalojamento dos jagunços de Pe. Cícero na estratégica “cerca de pedras”, paliçada em excelente posição de defesa para a cidade de Crato.

No dia 20 de dezembro de 1914 o comandante Alípio marchava sobre Juazeiro. Num confronto com jagunços, houve um pequeno tiroteio, de que não resultaram mortes. Em **Juazeiro do Pe. Cícero e a Revolução de 1914**, Irineu Pinheiro, p. 80, diz, citando João Brígido: “No ataque a Juazeiro sofreu a força policial a baixa de 80 homens, entre mortos e feridos”.

Enquanto isso, Pe. Cícero cercava a cidade de valados. As conversas divulgadas pelos marretas eram de que esses valados seriam abismos profundos, com pontas de madeira bem aguçadas, ao fundo. Ai de quem ali caísse!... “Os jagunços eram homens invencíveis, bravos e malvados”, diziam.

O pânico foi se alastrando entre os soldados da milícia do governo, incultos, ignorantes e supersticiosos, tementes da força do Pe. Cícero.

Houve um período de trégua, até que chega de Fortaleza a ordem para um segundo ataque. Propositadamente, o comandante Alípio retardava o ataque, atitude que evidencia a sua possível aliança com o governo federal.

Já Dr. Irineu Pinheiro justificava essa atitude do Cel. Alípio: “Estava certo o Cel. Alípio, depois do revés do seu ataque a Juazeiro, de que só com forças muito mais numerosas ser-lhe-ia possível vencer os revolucionários...” (opus cit, p. 115).

De volta a Fortaleza, essa atitude do Cel. Alípio valeu-lhe a dispensa junto ao fiscal de batalhão.

O comando das tropas passa ao capitão Ladislau.

Fortaleza recebe um novo inspetor geral — Lino Ramos de Oliveira — enviado pelo Mal. Hermes da Fonseca, com o acompanhamento de 1.500 soldados da tropa federal. Viera substituir Torres Homem.

Fortaleza enche-se de tropas federais com a vinda do novo inspetor. Os soldados recém-vindos abarrotam os quartéis. Alguns foram também destacados para guardar as casas dos chefes dos marretas — João Brígido e Hermínio Barroso.

Essas forças não foram capazes de impedir, no entanto, a destruição da tipografia “Unitário”, jornal de João Brígido. Foi um ato de vingança popular contra as injúrias veiculadas naquele jornal e dirigidas contra os rabelistas.

Não há nenhuma atenuante para o “quebra-quebra” dirigido contra o prédio de José Lino da Justa, cidadão pacato e incapaz de ferir alguém.

Lino Barroso, ao compreender que estava a serviço de uma causa injusta e ilegal, pede demissão.

O Ceará continuava com dois governos: Franco Rabelo, respondendo pelas legítimas aspirações do povo, que continuava a montar guarda no palácio, pronto a defendê-lo, e Floro Bartolomeu, com todo o apoio do governo da União, que até lhe outorgava franquia telegráfica.

Todos os empregados federais, julgados rabelistas, foram demitidos pelo Floro, ou transferidos para outros estados.

Esse estado de coisas exigia uma definição, e esta se condicionava ao segundo ataque a Juazeiro.

As ordens, vindas de Rabelo, eram de sitiar a cidade. Cortadas as comunicações, Juazeiro haveria de se render.

V

No dia 15 de janeiro de 1914, à frente de 600 homens, entre os quais elementos da polícia, guarda civil e populares, comboio de víveres e cargas de aguardente, o major Ladislau levantou acampamento de Crato, a fim de marchar sobre Juazeiro.

A força dividiu-se entre as principais vias de acesso, a fim de obstruir as entradas da cidade. Uma parte das tropas seguiu pela estrada de S.

José, acampando em Buriti. Outra, pela estrada de Malvas. O comandante Ladislau (de posse do canhão fabricado por Emílio de Sá em Fortaleza), dirigiu-se para Santa Rosa.

Restava uma estrada desguarnecida — a da Paraíba, por onde continuavam a chegar armas, munições e cangaceiros para fortalecer o movimento sedicioso.

Irineu Pinheiro contesta Rodolfo Teófilo, afirmando ser falsa a notícia de que o governo federal auxiliasse os revoltosos com armas e munições. Ele diz que a maior ajuda individual veio de Antônio Luís, que contribuiu com sua experiência, aconselhando, ou com “cópias de armamento e de munição de guerra” (Opus cit. p. 88).

Foi Antônio Luís que sugeriu fossem fundidas as cápsulas deflagradas pelos inimigos, para se forjarem novas balas para a luta armada. Possuía uma máquina de fazer balas, e outras de fabricar cartuchos, juntamente com grande quantidade de espoletas.

Foi por aquela estrada da Paraíba que regressou o Floro, depois de uma conferência com Pinheiro Machado, no Rio de Janeiro.

Na localidade de Santa Rosa, um ataque inesperado dos jagunços provocou um confronto de tiros, que resultou na morte de um soldado e três jagunços.

No dia 23 de janeiro, o comandante Ladislau, cansado por horas de enervante expectativa, e também por ver sua tropa em total desconforto, sofrida pela longa e cruel internada, decidiu-se atacar Juazeiro.

As ordens do Presidente do Estado eram de fazer a cidade render-se pela fome, num cerco bem demorado.

Tem início o tiroteio, que não obtém resposta dos jagunços. Caiu a noite, sem que a aparente calma fosse perturbada.

Pela manhã, as forças legais despertaram assustadas por forte fuzilaria. Os jagunços, durante a noite, tinham ocupado posições de ataque, entrincheirados nos valados.

À tarde, uns duzentos homens fardados aproximam-se das forças legais, dando vivas a Franco Rabelo. Eram falsos rabelistas, logo identificados e recebidos à bala. Desmascarados, passam ao mais veemente ataque. Viram-se, no entanto, forçados a retirar-se para Juazeiro. Houve apenas uma baixa, e esta entre os jagunços.

Muitos tiros dos soldados perderam-se no bambural: quase não restava munição.

Depois da refrega, acampados num bom lugar, esse detachmento envia um portador, solicitando ao comandante Ladislau, uma remessa de munição. Este, em resposta, manda dizer que resolvera reunir os três pelotões de comandantes na localidade de Macacos.

De Macacos, Ladislau resolveu retirar-se para Barbalha.

Essa atitude surpreende profundamente os oficiais presentes, que procuram de todas as maneiras dissuadi-lo.

Antes de prosseguir caminho para Barbalha, onde se aquartelaria, Ladislau mandou libertar todos os jagunços aprisionados.

Três dias mais, e Juazeiro teria capitulado.

O comandante Ladislau costumava abusar do álcool. Por estar completamente embriagado, conforme testemunho de seus oficiais, por covardia, por conveniência, ou por ter voltado suas simpatias para a causa inimiga, é grandemente responsável por esse fracasso.

Franco Rabelo convenceu-se que, por si só, não poderia debelar a sedição. Tenta ainda um último apelo ao Mal. Hermes da Fonseca. Sem resultado.

Agora, podendo contar, abertamente, com a conivência do Governo Federal, os jagunços poderiam invadir Fortaleza e depor Franco Rabelo. Não seriam detidos pelas tropas federais; Fortaleza estaria totalmente vulnerável.

VI

O ataque dos sediciosos começou pelo Crato, fortificado por apenas 60 praças da polícia.

Teve lugar no dia 24 de janeiro de 1914, às 2h da tarde, por um grupo de 300 jagunços. Mais de 100 populares juntaram-se aos soldados para defender a cidade.

Enquanto sustentavam posições na renhida luta contra os atacantes, eram enviados emissários ao Cel. Ladislau, que, fazendo ouvidos de mercador, deixou de enviar o socorro tão ansiosamente solicitado.

Apesar disso, por haver mais disciplina e estratégia entre os soldados, ou se pelo fato de os jagunços dispersarem muitas balas, a luta pendia para os cratenses. Breve os jagunços ficaram sem munição.

Mas, eis que surge uma intervenção inesperada, que modifica inteiramente a situação: o cidadão Américo de Oliveira põe 5.000 cartuchos à disposição dos jagunços, anteriormente adquiridos dos próprios milicianos, a troco de aguardente.

Com esse inesperado recurso, os sediciosos puderam continuar a luta. Dia 25 acabava a munição dos soldados cratenses, que, temerosos, fogem para o vizinho sítio Lameiro, onde se refugiaram.

Liderava essa fuga o tenente Romão, acompanhado de Emílio de Sá e outros, profundamente odiados pelas forças do Pe. Cícero.

Depois do primeiro e renhido encontro, não houve baixas entre as forças legais. Contudo, 16 redes transportando cadáveres foram vistas, retornando para Juazeiro.

Quando o Cel. Ladislau dignou-se enviar ajuda, a cidade de Crato já estava em poder dos jagunços. Começa o saque.

O Cel. José Francisco Teixeira viu sua casa saqueada e depredada, sob as vistas de seu inimigo político — Cel. Antônio Luís Alves Pequeno.

Prosseguiu o assalto à maioria das casas de comércio, todas de rabelistas. Seguiram comboios de mercadoria roubada para Fortaleza.

Sobre a tomada de Crato, diz Irineu Pinheiro em *O Juazeiro do Pe. Cícero e a Revolução de 1914*, p. 89:

“Dilataram-se-nos os corações à nova alvissareira. Representava-nos a vitória sobre o Crato a possibilidade de volta aos lares que, havia um mês, abandonáramos inopinadamente”. E mais adiante: “A posse do Crato era a posse do Cariri. Mas para o triunfo completo seria preciso irem os rebeldes para Fortaleza...”

Após a vitória dos revolucionários, seguida de saques, Cel. Ladislau foge com seu contingente para Iguatu, com um refém como garantia, o Cel. Sá Barreto.

Mais uma vez evidencia-se a covardia do major Ladislau, deixando desprotegida a cidade de Barbalha, deserta pela fuga de seus habitantes. O vigário local era o único a permanecer na cidade, e consegue, à custa de muitas súplicas, impedir o saque da mais importante casa comercial de Barbalha, de propriedade do Sr. Barreto Sampaio. Porém em outras ruas, incêndios e apropriação de haveres tinham lugar.

VII

Apesar de tudo que acontecia no interior, Franco Rabelo continuava em palácio, defendido pelas mais diversificadas camadas da população, que esperava, a qualquer momento, um ataque dos jagunços.

Depois de saqueada Barbalha e outras localidades, os jagunços dirigiram-se para Iguatu. Não conduziam bagagens, só roupa do corpo. Sujos, barbados, alguns já em farrapos, ostentavam, no peito ou na lapela, a verônica do Pe. Cícero, única identificação desse exército bárbaro e desalmado de fanáticos, que aumentava, cada vez mais.

A alimentação deles consistia do que saqueavam no caminho, sempre matando e incendiando, maldito rastro que deixavam à sua passagem.

Iguatu teve sorte idêntica à das cidades do Cariri.

O capitão do exército, José da Penha Alves de Sousa, que ajudara a derrubar a oligarquia dos Aciolly, aliou-se à causa do Rabelo. Comandou a expedição de socorro a Iguatu, que defendeu até perder a vida.

A notícia de sua morte em combate, na localidade de Miguel Calmon, consternou a população de Fortaleza, que guardou luto, chegando a fechar os cinemas e suspender o carnaval.

Entre as fileiras do partido rabelista, tramava-se forte represália, que redundaria em desordens, de conseqüências imprevisíveis. O diabólico plano consistia em fazer voar, à dinamite, o quartel-general como todo o seu estado-maior e soldados, e depois incendiar a casa dos marretas.

A trama chegou, felizmente, aos ouvidos de Rabelo, que mandou sustar sua efetivação, não havendo, portanto, prejuízos sérios para a ordem pública.

Depois da invasão a Quixeramobim, Quixadá e Baturité, o objetivo natural seria Fortaleza. Começava a se organizar a defesa da cidade. Eram mais de 200 homens armados, entre os quais jangadeiros, pescadores, estudantes, profissionais liberais, carregadores do cais, os mesmos que, tão valentemente vinham, há tanto tempo, revezando-se na guarda ao palácio do governo.

Franco Rabelo, com todo esse apoio popular, declarou que não renunciaria.

Por outro lado, o Governo Federal enviava três navios de guerra dos quais apenas dois chegaram a Fortaleza. Um deles encalhara em Natal.

As famílias da Capital estavam em pânico. Só sabiam de ameaças. A tática dos chefes dos jagunços de incutir o terror entre o povo das cidades que pretendiam invadir, funcionara em Barbalha, Jardim, Quixeramobim, Quixadá, Baturité. "Os jagunços viriam a Fortaleza em bandos de 1.500 homens armados". Cada vez eles chegavam mais perto. Na realidade, Fortaleza já estava praticamente cercada, inteiramente vulnerável à malta de jagunços, que poderiam, com absoluta impunidade, praticar toda sorte de desatinos, já que estavam sob a proteção do Governo Federal.

Da parte das tropas já existia manifesta hostilidade às pessoas ligadas ao Rabelo, que se manifestava em prisões arbitrárias, ao menor pretexto.

Uma denúncia falsa levou à prisão Joaquim Albano, membro de venerável família cearense.

As ameaças continuavam e o povo não se rendia.

VIII

Em 4 de março de 1914 foi decretado estado de sítio pelo Governo Federal.

O quartel-general dos jagunços era na cidade de Maranguape, depois em Sousa e Messejana. Em cada cidade onde se aquartelavam, as autoridades e o povo fugiam, ficando somente os jagunços.

Cel. Setembrino, empossado no cargo de interventor, pelo Presidente da República, intimou, por ofício, ao Cel. Marcos Franco Rabelo, a renunciar ao cargo de Presidente do Ceará.

Diante dessa intimação prementória, o Presidente do Ceará deixa o governo.

Prevalecia o direito da força.

Em 14 de março de 1914, uma multidão de 5.000 pessoas estacionava em frente ao palácio do governo para acompanhar Franco Rabelo, em sua caminhada, do Palácio à nova morada. Era um ato público de solidariedade e reconhecimento a um bom governo.

Os jagunços, já às portas de Fortaleza, aquartelados em Messejana, iniciam nova onda de crimes e desordens na periferia da Capital, roubando e matando, sem piedade.

Nada deixavam passar, apoderando-se do gado que vinha para a feira, e de outras fontes de abastecimento.

Além de sobressaltado ante a perspectiva de assalto, talvez morte, o povo temia passar fome.

O Interventor Setembrino entende, finalmente, que se faz necessário reprimir os jagunços. Faz uma carta ao Pe. Cícero, pedindo para que eles fossem desarmados.

A resposta: “Os jagunços eram defensores das liberdades constitucionais, e, como soldados vitoriosos, deviam voltar com suas armas...”

Já estavam em mãos dos sediciosos todo o Cariri, até Lavras, S. Mateus, Icó, Iguatu, Senador Pompeu, Quixeramobim, Quixadá, Baturité, Acarape, Pacatuba, Maranguape, Porongaba, Soure e Messejana. Continuavam as prisões arbitrárias, sob o menor pretexto.

O Cel. Setembrino detinha todo o poder, assinando os atos de demissões e apadrinhando a nomeação de partidários políticos para cargos bem remunerados.

Pe. Cícero foi escolhido vice-presidente do Estado e Floro Bartolomeu viu-se honrado com cadeira na Câmara dos Deputados.

Franco Rabelo, apesar das demonstrações de apreço e solidariedade que recebia de seus amigos, sente sua segurança ameaçada, como a de sua família e a de seus mais dedicados partidários. Resolve embarcar para o Rio, acompanhando-o um séquito de amigos fiéis.

No dia 1º de abril aconteceu um dos episódios mais violentos da história da sedição. Foi ferido um moço da família Albano e quase preso com outros membros da família.

Fortaleza entrava em novo estado de sítio. Incoerentemente aumentava a desordem.

IX

No dia 20 de abril, Floro Bartolomeu entra triunfalmente na cidade de Fortaleza, acompanhado de 400 jagunços sujos, os mesmos bandidos desalmados, que, protegidos pelo governo da União, haviam deixado por todo o Estado um rastro de sangue, lágrimas e desespero, e agora vinham policiar a cidade...

Seguiu-se um período de vergonha e angústia para o Ceará, de injustiças clamorosas e desordens. Imperava a jogatina desenfreada, continuavam as prisões conseqüentes a informações falsas, sem o menor fundamento. Cidadãos honrados, suspeitos de conjuração, eram presos, espancados e suas casas vasculhadas, sob o pretexto de ali esconderem armas e dinamites.

Os jagunços, selvagens e indisciplinados, não se sujeitavam às normas do quartel, e tais desatinos cometeram, tais atos de insubordinação, que, breve, 87 dos mais ferozes foram desligados da milícia e recambiados para Juazeiro.

Aos poucos, os novos dirigentes do Estado foram conhecendo os “pacatos romeiros” ou “noviços policiais” do Jornal “Unitário” de João Brígido.

No dia 24 de junho chega a Fortaleza o Cel. Benjamin Liberato Barroso, nomeado pelo Governador, Presidente do Ceará.

Continuavam os desmandos. Espancamentos e até tentativas de assassinato (na pessoa do jovem Caiuby Sá, filho de Emilio Sá), eram praticados pelos jagunços contra os partidários do extinto governo de Rabelo e até contra os soldados da própria força policial.

Já se encontrava no Rio o Cel. Setembrino, que pintava o Ceará como um quadro de paz e ordem, o que não era verdade.

Disputas por cargos políticos, divergências entre os chefetes da revolução, jogaram João Brígido contra Floro Bartolomeu.

A Assembléia bipartiu-se: quinze deputados de um lado e quinze de outro. O regimento exigia dezesseis. Terminou essa assembléia por ser dissolvida pela União, já que o Governo tinha posto fim às leis votadas pelos rabelistas. Não existia orçamento. Reinava a anarquia durante a gestão do Cel. Barroso. As estatísticas de criminalidade aumentaram no Estado, principalmente no interior, entregue aos jagunços. Houve espancamento de um secreta, por polícias, no próprio vestíbulo do palácio governamental. A jogatina era, praticamente, oficializada, com a fundação da “Solidarística”.

No interior alastraram-se outras solidarísticas, a principal sob o controle do Pe. Cícero.

Contos de réis foram investidos no jogo, sem retorno, levando à ruína muita gente.

Fundaram-se mais e mais “solidarísticas”. Dominava a “febre do jogo”, um verdadeiro delírio pela jogatina. Muitas viúvas perderam todos os seus bens nessa paixão desenfreada.

O governo viu-se na contingência de fechar as “solidarísticas” com a maior urgência.

Desperdiçavam-se rendas ou procedia-se à má distribuição de recursos. O Floro era aquinhoadado com 400 contos de réis, enquanto descontavam percentuais em folhas de pagamento de pobres funcionários.

Continuavam a ocorrer tentativas de assassinato, assaltos, até que o novo governador eleito, João Tomé de Sabóia e Silva (12 de julho de 1916 até 1920), gradativamente, foi restabelecendo a ordem das coisas....

Fortaleza, Outubro de 1988

ICC e Rotary prestaram homenagens a Patativa do Assaré

Na sede do Instituto Cultural do Cariri, às 17 horas do dia 9/4/89, foi prestada expressiva homenagem da classe intelectual do Crato ao poeta Patativa do Assaré, que, recentemente, completou 80 anos.

Ocorreu pequena sessão, presidida pelo Dr. Jéfferson Albuquerque, sendo ladeado pelo Reitor e Vice-Reitor da Urca, Teodoro Soares e Pe. Gonçalo Farias, pelo Sr. Plácido Paiva, Vice-Prefeito de Assaré, e Ronald Albuquerque, representante da Câmara. Patativa deu entrada no recinto sob aplausos. A saudação lhe foi feita por Jéfferson Albuquerque e Patativa agradeceu realmente comovido.

A seguir, todos foram à área externa, onde Patativa descerrou uma placa comemorativa de homenagem do ICC aos seus oitenta anos, tendo sido saudado pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges. Patativa novamente agradeceu e recitou diversos poemas.

Foi a vez, a seguir, do Rotary Club. Uma placa de prata lhe foi oferecida pelos rotarianos do Crato, e fez a saudação o Dr. Carlos Barreto de Carvalho. Novo agradecimento de Patativa.

Por último, falou o Vice-Prefeito de Assaré, Plácido Paiva, agradecendo, em nome de sua comunidade, a todas essas manifestações de carinho do povo cratense ao grande filho do Assaré.

O Juiz Nirson Monteiro e outras autoridades prestigiaram os dois eventos, além de muitos rotarianos.

A seguir, o Instituto ofereceu um coquetel a todos os presentes, numa reunião marcada pelo congoçamento e fidalguia.

Diocese do Crato

75 anos

Não poderíamos deixar de registrar o transcurso, neste ano, dos 75 anos de criação da Diocese do Crato, criada pela *Bula Catholica Ecclesiae*, ano, 1914.

Foi seu primeiro bispo Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, cearense de Quixeramobim, que a governou de 1915 a 1928.

Segundo Bispo, Dom Francisco de Assis Pires, baiano, de 1929 a 1960.

Terceiro Bispo, Dom Vicente Matos, de 1961 aos dias atuais, tendo como auxiliar, Dom Newton Holanda Gurgel, ambos cearenses.

A Diocese é responsável pela arracada educacional do Crato, que chegou à Universidade e por amplos programas sociais e humanitários de largo alcance, capitaneados pela sua Fundação Pe. Ibiapina. Um amplo programa assinala por todo o ano o transcorrer dessa gratíssima efeméride.

Dois fatos interessantes

Dois fatos curiosos foram revelados na plenária do Rotary, a respeito da história da Diocese do Crato, que entrou no ano de seu jubileu de diamante.

Um deles revelado pelo Pe. Gonzalo Farias Filho.

Quando o Papa nomeou o segundo Bispo do Crato, fez a nomeação para D. Antônio de Assis, de São Paulo, e Dom Francisco de Assis, baiano, para a diocese de Jacobina. No comunicado expedido à imprensa, e largamente noticiado pelos jornais, houve a troca de nomes: Dom Francisco de Assis, o baiano, para o Crato, e Dom Antônio de Assis, o paulista, para Jacobina. A Nunciatura Apostólica e depois o próprio Vaticano, ante a dificuldade de desdizer a notícia, encamparam as nomeações trocadas, e, assim, Dom Francisco ficou na Diocese do Crato (1932-1960), deixando larga obra social, educacional e assistencial. E Dom Antônio, o paulista, nunca veio para o Crato, ficando mesmo em Jacobina.

O outro fato revelado: o Dr. Cordeiro Lima, médico pernambucano, foi o primeiro que veio para o Crato chefiar o serviço de peste e combater as endemias. Realizou trabalho memorável. Ao par disso, era profundamente carnavalesco, desfilando em blocos e trazendo o frevo e o gosto do carnaval de rua para os cratenses.

Deixou a marca do Carnaval e o hábito da folia momina de rua em nosso meio. Ao despedir-se do bispo Dom Francisco, quando foi embora, Dom Francisco comentou, depois, com um amigo:

— Ele acabou com a peste mais deixou outra peste... (O Carnaval).

Fato revelado pelo médico Carlos Barreto.

Outro fato histórico da Medicina em Crato: o primeiro médico que pisou terras cratenses foi o Dr. Manoel Medeiros, em 1862. Veio chefiar o combate ao cólera-morbo. É o primeiro formado em medicina que atuou na cidade do Crato.

Transladados restos mortais do Bispo Dom Francisco Pires

Foram transladados, de sua sepultura original, frente ao altar de Nossa Senhora de Fátima, na Catedral do Crato, para uma das colunas da nave central, na mesma Catedral, os restos mortais do segundo bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires.

O fato ocorreu na tarde do dia 11 de maio de 1989, após solene concelebração, presidida pelo bispo auxiliar, Dom Newton Holanda Gurgel, que contou com a participação de vários sacerdotes.

O túmulo havia sido aberto na noite anterior e os ossos encontrados foram acondicionados em urna de zinco. Após a concelebração, bênção dos ossos e cerimonial de colocação no espaço aberto na coluna central, assistida por sacerdotes e leigos, presidentes de associações religiosas e imprensa, tendo à frente o Sr. Jorge Romualdo. Grande número de fiéis presenciou o ato e muitos se emocionaram, vendo os ossos daquele que foi em vida um grande e santo homem de Deus, nosso segundo Bispo.

Quem foi

Dom Francisco de Assis Pires era das melhores famílias baianas. Nasceu em Salvador a 4 de Outubro de 1880. Foi vigário em Conceição da Praia, após ordenar-se em 1903. Segundo bispo do Crato para aqui veio em 1932, desenvolvendo intensa atuação social e humanitária. Foi Bispo até 10 de fevereiro de 1960, quando faleceu, sendo sepultado a 11 de fevereiro daquele ano. Permaneceu no seu túmulo original, portanto, 29 anos e 3 meses.

A Catedral está passando por reformas, para as festas dos 75 anos da Diocese e o momento foi apropriado para essa transladação. Deve ter sido feita uma ata, como é próprio, e quase obrigatório, nesses acontecimentos.

Várzea Alegre seus primeiros passos

Oliva Ribeiro Luna

Homenagem póstuma à memória dos fundadores do território de que adiante falarei e à de meu esposo:

JOÃO LUNA DE OLIVEIRA e meus filhos:
FRANCISCO URSINO LUNA
ADEMAR RIBEIRO LUNA
JOSÉ RIBEIRO LUNA

Desejando falar sobre tempos tão distantes, quando foi delimitado o território que é hoje o rico e progressista município de Várzea Alegre, invoco as luzes do Espírito Santo para o meu trabalho de pesquisa, na elaboração de dados concretos e corretos.

Encontrei livros que foram para mim um verdadeiro “Tesouro Escondido”. Devo este achado aos Padres Monsenhor Francisco de Assis Couto, Vigário Geral da Diocese de Iguatu, de saudosa memória, e o Pe. João Sticker, alemão e Vigário da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Inhamuns — Jucás-CE. Quero agradecer a essas pessoas que me forneceram livros de suas citadas paróquias.

Tive também como guia, o livro “Passado no Presente”, de Pedro Gonçalves de Moraes (vulgo Pedro Tenente), que foi o primeiro a falar dos nossos antepassados. Escreveu livros pelo dito popular que, mesmo sendo verdadeiro, não oferece informação completa, como em pesquisas nas fontes originais. À memória do meu conterrâneo, o meu agradecimento.



Devido às secas, a impressão de aridez e inospitalidade do território do Ceará, houve demora e dificuldades na exploração desta região, o que só aconteceu depois de mais ou menos se haver desvanecido esta imagem.

Iniciando pelo litoral, o invasor branco foi difundindo pouco a pouco sua presença pelos sertões, ao sabor das concessões de sesmarias, e assim começaram a se estabelecer as fazendas de criação, fator principal do desbravamento da terra.

A agricultura, por sua vez, se incentivou dentro em breve, como principal pioneira de nossa civilização.

A imigração portuguesa que por aqui entrou, como em todo o Brasil, veio com intenção de explorar as riquezas fáceis desta região. Encontraram os índios que não possuíam sociedades regularmente organizadas, sendo então explorados e escravizados, eles que eram os verdadeiros proprietários deste imenso, rico, belo e querido Brasil.

Seria oportuno lembrar os versos de Valentim de Magalhães:

Podes entrar forasteiro	Vinde, ó gente estrangeira
Sem temor podes entrar	Podeis sem temor entrar
E torrão hospitaleiro	São livres e hospitaleiras
A que foi berço de Alencar.	Estas plagas de Alencar.



Como imigrantes, chegaram Bernardo Duarte Pinheiro, português, da freguesia de Santa Eulália de Passos, arcebispado do Porto, casado com Ana Maria Bezerra, pernambucana de Tracunhaém, filha do alferes Antônio Bezerra do Vale e Maria Alvares de Medeiros. Com eles vieram Agostinho Duarte Pinheiro, irmão de Bernardo, e Vasco da Cunha Pereira e juntamente requereram as terras que hoje constituem o município de Várzea Alegre.

Segundo a tradição, Agostinho Duarte Pinheiro depois resolveu voltar a Portugal, embora tivesse requerido terras no rio Cariús, onde se encontra parte dos seus descendentes.

Bernardo Duarte fixou residência no lugar a que deu o nome de Cabeça da Lagoa, que mais tarde ainda seria chamado Lagoas, Sítio das Lagoas e Fazenda da Lagoa, sendo este o lugar do ponto demarcatório do município e comarca de Várzea Alegre.

Bernardo Duarte atingiu a patente de tenente-coronel e aparece pela última vez como testemunha no casamento de José Lobo, filho de Quitéria da Mota, com Isabel Maria, filha de Francisco Duarte e Maurícia Moura. A data de sua morte não encontrei, mas, em 1749, sua esposa Ana Maria Bezerra, já era viúva, testemunhando o casamento dos seus escravos Manoel e Vitória. (3º Livro do Icó).

Nos territórios de Cariús, Jaguaribe e Inhamuns, os portugueses que os ocuparam, vieram da Arquidiocese de Braga, sendo alguns da Ilha da Madeira.

Nesses tempos tão distantes, quando chegaram, os nossos antepassados foram dando nomes aos lugares onde se localizavam. No percurso de setenta anos, nas terras objeto deste estudo, encontrei apenas os lugares: Lagoas, Juazeiro, São Caitano da Serra, Urucuzinho, Rosário, Serra dos Cavalos, Furtuna, Aba da Serra ou Abra da Serra.

De acordo com as citações escritas abaixo, presume-se:

“Igreja de São Caitano da Serra, na casa de residência de João da Cunha Gadelha”. O costume daquele tempo, nas casas de residência das

pessoas de maior posse, via-se um quarto bento ou "oratório", muito em uso, onde se celebravam os atos religiosos.

Vejamos:

Aos 2 de março de 1755, na igreja de São Caitano da Serra, em casa do Coronel João da Cunha Gadelha, o Pe. Francisco Callado de Bitencour, batizou a Jozé, filho de escravos e foram padrinhos João Ferreira da Silva e Rosa Maria de Jesus.

Aos 23 de março de 1755, no Sítio Urucuzinho, em casa do Coronel João da Cunha Gadelha, o mesmo padre batizou Euzébio, filho de João de Souza e Januária, foram padrinhos o mesmo João da Cunha Gadelha e sua esposa.

Tudo indica que o Coronel João da Cunha Gadelha tivesse doado sua casa para igreja, indo residir no Sítio Urucuzinho.

Aos 23 de abril de 1755, na fazenda da Lagoa, o mesmo padre batizou Francisco, filho do Tenente Francisco Pereira e Joana Maria dos Anjos; foram padrinhos o Capitão Manoel Duarte Passos e Ana Maria Bezerra, mulher de Bernardo Duarte Pinheiro, sendo estes avós do batizando. (Livro 3º do Icó).

Filhos de Bernardo Duarte Pinheiro e Ana Maria Bezerra

1. Joana Maria dos Anjos casada com o Tenente Francisco Ferreira, filho de Bento Ferreira Lima, português, e Maria Ferreira Gomes.
2. Manoel Duarte Passos c.c. Francisca Lopes Leitão, filha do Capitão João Leitão Arnoso, de Igarassu, e de Luíza Pereira de Lira, de Tracunhaém.
3. José Bezerra da Costa c.c. Maria Alves de Moraes, filha de Gabriel de Moraes Rego e Catarina Pereira de Almeida.
4. Francisco Duarte Bezerra c.c. Bárbara de Moraes Rego, irmã de Maria Alves de Moraes, supra.
5. Bernarda Duarte Pinheiro, c.c. o Cap. Inácio Dias Quaresma, residente nos Oitis. Pais de:
 - 5.1. Alexandre Dias Quaresma c.c. Maria Pereira, filha de Caitano de Melo e Joana Ferreira, viúva de Luiz Pereira de Lira.
 - 5.2. Atanásio Dias Quaresma c.c. Maria da Conceição, filha de Dionísio Ferreira e Francisca Bezerra Lima.
 - 5.3. Maria José do Espírito Santo c.c. João Soares de Azevedo, filho de João Soares de Melo e Joana Ramos de Oliveira.
6. Isabel Álvares de Medeiros c.c. Francisco Pinheiro Torres, filho de Manoel Pinheiro Torres e Maximiana de Sousa.

7. Valentina Duarte Bezerra c.c. Luiz de Oliveira Lima (Luiz Ribeiro), filho do Cap. Francisco Xavier de Oliveira Campos e Anacleto da Silva Carvalho (uma das sete irmãs Carcarás).
8. Clara Teresa de Jesus Duarte c.c. Gaspar Lobo de Sousa, pai de:
 - 8.1. Luiz Lobo de Sousa c.c. Rita Francisca de Jesus, filha do Cap. Marques e Catarina de Jesus.
 - 8.2. Felipa Maria de Jesus c.c. Luiz Ribeiro, pai de:
 - 8.2.1. João Ribeiro Campos.
 - 8.3. José Sutério Bezerra
9. Inocência Duarte Pinheiro c.c. Félix Camelo, filho de Francisco Camelo Ferreira.
10. Tomaz Duarte de Aquino c.c. Vitorina de Sousa Lima, filha de Jerônimo de Sousa Nogueira e Antônia Correia Lima.
11. Lufza Pereira de Lira c.c. João de Sousa Rego, filho de Jerônimo de Sousa Nogueira e Antônia Correia Lima.

Irmãos de Ana Maria Bezerra c.c. Bernardo Duarte Pinheiro

1. João Bezerra do Vale, natural de Tracunhaém, casado com Ana Gonçalves Vieira, filha do Coronel Francisco Alves Feitosa, dos Inhams, e de sua segunda mulher Catarina Cardoso da Rocha Resende Macrina, pais de:
 - 1.1. Eufrázio Alves Feitosa, coronel, de Arneiroz, c.c. Josefa Ferreira de Barros, filha de Antônio Pereira do Canto.
 - 1.2. Leonarda Bezerra do Vale c.c. Antônio de Sousa Carvalho.
 - 1.3. Maria Madalena Vieira c.c. Capitão José Alves Feitosa, da Várzea da Onça.
2. Domingos Alves de Medeiros c.c. Maria da Ressurreição Silveira, filha do português José da Silveira e de Leonor Pereira do Canto. Deste casamento não houve filhos. Domingos Alves de Medeiros, com a índia Micaela Jorge foram os pais do Capitão José Alves de Medeiros, do São Nicolau, c.c. Suzana Pereira da Silva, que, por sua vez, foram pais de:
 - a) Antônio Alves Bezerra;
 - b) Domingos Alves de Medeiros c.c. Eulália de Passos Guimarães, filha de Francisco Alves e Maurfícia Moreira de Carvalho, fazenda do Rosário;
 - c) João Alves de Medeiros, em Janeiro de 1772, casado com Maria Manoela Alvares;
 - d, e, f) Manoel Alves Bezerra, Isabel Pereira da Silva e Olívia Alves Medeiros;

- g) Leonarda Bezerra de Medeiros c.c. Manoel Cardoso;
 - h) Susana Pereira c.c. José, em Arneiroz, a 16.08.1796;
 - i) Luzia Pereira das Neves c.c. Arnau de Souza Barros;
 - j) Josefa Alves de Medeiros c.c. Domingos Francisco de Gois, filho de Antônio Francisco de Araújo e Joana do Ô, neto e paterno de Pedro Ferreira e Atanásia Hus.
3. Pe. José Bezerra do Vale, do Umbuzeiro, nos Inhamuns.
4. Rosa Maria Bezerra c.c. o pernambucano Agostinho Rodrigues Cardoso, naturais da freguesia de Nossa Senhora do Desterro da Penha, hoje cidade de També. Troncos de numerosas famílias dos Inhamuns (Rego Barros, Araújo Pereira, Vieira de Sousa e outras).



Registros de batizado e casamento de Francisco Duarte Bezerra, pai de Papai Raimundo, fundador de Várzea Alegre

Batizado — No Sítio da Lagoa, em 01.12 de 1739, o Pe. Luiz Marreiros da Silva batizou a Francisco Duarte Bezerra, filho do Tenente-Coronel Bernardo Duarte Pinheiro e Ana Maria Bezerra. Padrinhos: João Ferreira Gomes e D. Maria Manoela, mulher do Sargento-Mor João de Souza Gadelha. (Livro 3º da Freguesia do Icó).

Casamento — Na fazenda do Riacho dos Cavalos, em 04.08 de 1761, natural da freguesia do Icó em presença do Reverendo José Bezerra da Costa, sendo presentes por testemunhas o Capitão Inácio Dias Quaresma e Francisco Ferreira Rios, se casaram solenemente por palavras do presente, Francisco Duarte Bezerra, filho legítimo do Tenente-Coronel Bernardo Duarte Pinheiro e Ana Maria Bezerra, e Bárbara de Moraes Rego, filha legítima do Capitão Gabriel de Moraes Rego e Catharina Pereira, naturais e moradores da freguesia dos Inhamuns.



Mediante diversas pesquisas, pude saber que os Correia Lima e os Souza Lima tiveram seu berço no Sítio Rosário, onde assistiam casamentos e apadrinhavam crianças:

1º — No Sítio Rosários, em 21.08.1734, o Pe. Antônio Barboza Gerez batizou a José, filho do Sargento-Mor Hieronimo de Souza Noguei-

NOTA: Os documentos não falam em Pe. José Bezerra do Vale e sim em Pe. José Bezerra da Costa que foi pároco da freguesia de índios de Arneiroz, por muitos anos. Do casamento de João Bezerra do Vale, datado de 22 de fevereiro de 1732, vê-se referência a uma certidão expedida pelo Pe. Antônio Jorge Bezerra, vigário da freguesia de Santo Antônio de Tracunhaém.

ra, natural de Santa Maria, Arcebispado de Braga, Portugal, e Antônia Correia Lima; foram padrinhos o licenciado Antônio Barboza Gerez e Ana Maria Bezerra, mulher de Bernardo Duarte Pinheiro.

2º — Em 15.08 de 1735, o Pe. Luiz Marreiros da Silva, na capela de Nossa Senhora da Glória, Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de São Mateus, batizou a Félix, filho do Sargento-Mor Hieronimo de Souza Nogueira e Antônia Correia Lima; foram padrinhos José de Castro e Bernarda Correia da Silva.

3º — Na Fazenda Juazeiro, em 21.04 de 1755, o Pe. Anacleto Soares da Veiga, batizou a Quitéria, filha de José de Souza Lima e Maria de Souza; foram padrinhos o Alferes José de Souza Lima, solteiro, e Antônia Correia Lima.



Além dos Correia Lima, no Sítio Rosário, residiam os Leandro, citando-se especialmente o Sargento-Mor Leandro Bezerra. E ainda Leandra, filha de Estevam Paz e Theodora Borges e outra Leandra, filha de Engracia Caetano.



Relação de pessoas que residiam no referido Território de Várzea Alegre e que assistiam a atos na capela de São Caetano

Antônio Barboza Correia
Ana, filha de Nicolau Rodrigues Brandam e Plácida Pereira da Cunha
Agostinho Duarte Pinheiro (capitão)
Antônio, filho de Bazílio Machado e Teodózia Borges, no Sítio Rosário
Agostinho de Moura, filho de Agostinho de Moura e Maria Martins de Menezes,
no Sítio Brejo
Antônio Pinto, ajudante
Antônio Lopes de Andrade (Sargento-Mor) casado com Isabel Ferreira, no Sta. Rosa
Antônio, filho do Cap. Lourenço Correia c.c. Josefa Bezerra, Sítio Sta. Rosa
Agostinho Duarte Brandam
Antônio da Cunha
Antônio Vieira
Antônio Martins Ferreira
Antônio Gomes (Alferes)
Antônio Pinto de Mendonça
Amaro da Rocha Freire, f. de Melquíades Rocha e Maria do Ó c.c. Maria do Carmo,
f. de Antônio dos Santos e Cosma Pereira, em S. Caetano.
Antônio Ramos
Alexandre Gomes
Alexandre Dias Quaresma, citado antes
Agostinho Duarte Passos, f. de Antônio Francisco Ferreira de Vasconcelos e Ana
Maria do Rosário, c.c. Maria Cavalcante de Albuquerque, filha de João Ribeiro Campos
e Mariana da Assunção
Ana Maria, filha de Francisco de Matos e Clara da Silva, em Cariuzinho
Antônio de Oliveira Carvalho (coronel)

Antônio Alvares da Silva
 Antônio Pereira Leite
 Antônio Ribeiro Pinto
 Bernardo Duarte Pinheiro, citado antes
 Bartolomeu de Albuquerque, natural de S. Pedro, Bispo de Algerico em Portugal,
 filho de Bartolomeu de Albuquerque e Isabel Borges e casado com Isabel Borges Gonçalves,
 filha do Cap. Simão Borges Gonçalves
 Bernardo Duarte Passos
 Baltazar de Montes (Sargento-Mor), Sítio S. Pedro
 Bernarda, filha de Antônio Gomes dos Santos
 Bento da Silva Oliveira, coronel, c.c. Bernardina Maria de Andrade
 Bruno da Costa Rodrigues, capitão
 Bartolomeu Vieira de Carvalho
 Bernardo Nogueira, Capitão-Mor
 Baltazar Belquior de Oliveira, filho do Cap. Francisco Xavier de Oliveira Campos
 e Anacleto da Silva Carvalho e casado com Luíza Pereira de Lira, filha do Cap. Manoel
 Duarte Passos e Francisca Lopes Leitão
 Clara Teresa, filha de Bernardo Duarte Pinheiro
 Cosma Nunes
 Caetano Donato, filho de Maximiano de Mendonça, c.c. Teresa de Jesus, natural
 do Pará, filha de Rosa de Tássia
 Crispim Montes da Silva
 Cosme da Fonseca Marques, escravo do Dr. Vitorino Pinto da Costa Mendonça e
 c.c. Apolônia Pereira, escrava de João Correia
 Domingos Alvares de Medeiros
 Duarte Pacheco, alferes, c.c. Juliana de Lima
 Eusébio, filho de João de Sousa, casado com Januária, em S. Caetano
 Elena, parda, filha de Maria (mameluca) escrava do Dr. Vitorino Pinto da Costa
 Eufrázio, filho do Sargento-Mor João Bezerra do Vale e Ana Gonçalves Vieira, Sítio
 S. Pedro, Inhamuns
 Eugênio da Cruz Lima, filho de Jerônimo da Cruz Lima e Maria da Assunção, c.c.
 Luíza Alvares Pereira, filha de Acácio Alvares Pereira
 Francisco de Araújo, Sargento-Mor
 Francisco Duarte Pinheiro, c.c. Jerônima Ferreira Banhos, Sítio Morcira, Lavras
 Francisco Alvares Feitosa, coronel, c.c. Isabel Maria de Melo
 Francisco Correia
 Francisco, filho do Tenente Francisco Ferreira e Joana Maria dos Anjos, Lagoas
 Francisca, filha de Inácio Dias Quaresma e Bernarda Duarte Pinheiro, Sítio Oitís
 Félix da Costa, Sítio Cariuzinho
 Francisco Coelho de Lemos
 Francisco de Xavier Mendonça, filho de Jerônimo de Sá e Francisca Pinto, escravos
 do Dr. Vitorino Pinto de Mendonça
 Félix da Costa Siebra
 Francisco Pereira Sandes, filho de Caetano Pereira Sandes e Joana Martins, c.c. Ana
 Jocelina, filha de Joana, escrava de Bernardo Nogueira
 Francisco Duarte de Aquino
 Félix Gomes de Oliveira, filho de João de Oliveira Cunha e Ana de Araújo, c.c.
 Ana Maria da Conceição, natural de Serinhaém
 Gaspar Fagundes
 Gonçalo da Cruz Monteiro, filho de ... Monteiro de Carvalho e Maria Bezerra de
 Andrade, c.c. Francisca Martins dos Santos, dos Inhamuns, filha de Francisco das Chagas,
 do S. Caetano
 Hilária dos Santos
 Horácio Gomes da Silva
 Inácio Dias Quaresma, já citado
 Isabel, filha de Joana, escrava de Bento Martins Aires, sito Várzea Grande
 Isabel da Silva, filha de Julião, filho de João Leão e Lucinda Bezerra
 Isabel Teixeira
 Isabel, filha do Dr. Vitorino Pinto da Costa Mendonça e Teresa Bernarda da Costa

João da Cunha Gadelha c.c. Maria Manoela Ferreira, residente em S. Cactano e depois no Juazeiro

Jerônimo de Souza Nogueira c.c. Antônia Correia Lima, Sítio Rosário

José de Castro Bezerra c.c. Bernarda Correia da Silva

João Fernandes c. c. Ana dos Santos

João dos Montes, Sargento-Mor, c. c. Antônia de Barros

João, filho de Basílio Machado e Teodósia Borges, Sítio Sta. Rosa

José Ferreira da Silva

José de Souza Lima, alferes

José Gonçalves de Carvalho

José Fernandes da Silva

João Nunes da Silva

João Rodrigues

José Bernardes Nogueira, Capitão-Mor

João Ribeiro Campos, filho de Luiz Ribeiro e Felipa Maria de Jesus, c.c. Antônia Maria de Jesus, filha de Gaspar Lobo de Souza e Clara Teresa de Jesus, no S. Caetano

José Bastos da Silva e Oliveira

José Francisco Pinto

Joaquim Pinto

João Ferreira Gomes

José de Brito

Jerônimo Quirino

Josefa de Abreu

José Alvares, filho de Domingos Alvares de Medeiros, já citados

Jovita, filha de Domingas, escrava de Domingos Alvares de Medeiros

José Soares de Souza, filho de ... Soares de Souza e Antônia Francisca Bezerra, filha de Bruno da Costa Pereira e Ana Maria Bezerra

José Nogueira, natural de Russas, filho de Vitorino Nogueira e Bertuleza Cavalcante, c.c. Ana Maria de Souza, filha do Tenente Simão Rodrigues Ferreira e Antônia Fernandes

João da Silva, crioulo forro, filho de Rita Francisca, casado com Maria Teresa, filha de Romana Maria

João Cavalcante de Albuquerque, natural da Paraíba, filho de José Barbalho Bezerra e Maria Inês de Melo, c. c. Domiciana Lins de Albuquerque e Oliveira

José Bernardo Nogueira

José Lobo, filho de Quitéria da Matta, c.c. Isabel, filha de Francisco Duarte e Maurícia

Moreno

João Soares de Azevedo, filho de João Soares de Melo e Joana Ramos de Oliveira, c.c. Maria José do Espírito Santo, filha do Cap. Inácio Dias Quaresma e Bernarda Duarte Pinheiro

Jerônimo Pereira de Matos c.c. Tomázia Duarte Bezerra, filha de Manoel da Cunha

José Barboza, natural da missão da Matuba, filho de José Barbosa e Rosália Maria, c.c. Francisca Teresa de Jesus, natural de Apodi, filha de Vitoriano de Melo e Teresa de Jesus

José Nunes, filho de Matias Nunes e Isabel Antunes de Souza, c.c. Maria Alvares de Oliveira, filha de Valentim Alvares de Oliveira e Eufrásia da Silva, no Arraial da Fortuna.

Jacó Anserr Moler, no Arraial da Fortuna

José Dias de Oliveira, filho de Francisco Dias de Oliveira e Josefa Maria da Paz, natural de S. Amaro de Jaboatão, c.c. Luíza da Silva, filha de Valentim Alvares de Oliveira e Eufrásia da Silva

João Nunes de Almeida, natural de Abrantes, filho de Manoel Nunes de Josefa Bento, neto paterno de Manoel Nunes e Isabel Gomes, c.c. Romana Pereira, filha de Manoel da Silva Pereira, natural de Amarante-Portugal, e Gertrudes da Conceição, natural de Minas Gerais, residente na serra do Quincuncá

Lourenço Alvares Feitosa

Leonardo, filho de João do Vale e Anara Jançal

Lourenço, filho de Luzia da Costa, Sítio S. Pedro

Luiz Gomes da Fonseca

Lauriana Teixeira

Leandro, escravo de Manoel Duarte Passos, filho de Eugênia, fazenda Juazeiro

Luiz, filho de Francisco do Rego, c.c. Inês Maria Bezerra, Sítio Caranguêjo
 Luiz Pereira de Barros
 Luiz Pinto de Azevedo c.c. Bernarda Correia da Silva
 Leandra, filha de Estêvão Paz e Teodora Borges, no Sítio Rosário
 Luiz Lobo de Sousa c.c. Clara Teresa
 Manoel de Barros Rego c.c. Ana dos Santos, pais de Teresa e Antônio
 Maria, escrava do Tenente-Coronel Bernardo Duarte Pinheiro
 Manoel Duarte Passos
 Manoel de Silva Andrade
 Manoel Gonçalves de Souza c.c. Maria da Conceição
 Marcos, escravo do Tenente Vasco da Cunha Pereira
 Manoel Ferreira de Mendonça
 Manoel Velho, ajudante, c.c. Maurícia Carneiro
 Miguel da Silva, do Crato, filho de João Correia e Franciana da Silva, c.c. Maria Barboza, filha de Felipe Dias e Rita Ribeiro, no S. Caetano
 Manoel Vieira de Oliveira, filho de Manoel Gonçalves Viana e Josefa da Paixão c.c. Maria da Conceição, filha de Manoel Pinheiro Torres e Maximiana de Souza
 Manoel Nogueira da Costa, de Russas, filho de Gabriel Nogueira e Mariana de Jesus Pereira, c.c. Maria de Jesus, filha de Lourenço Carneiro Pereira e Teresa Maria de Jesus, na fazenda Juazeiro
 Manoel Dias Ferreira, filho de José Dias Vieira e Maria Manoela dos Prazeres, c.c. Maria da Paz Uchoa, de Goiana, filha de João Oliveira da Cunha e Ana de Araújo
 Manoel Alexandre Teixeira Mendes, natural da Paraíba, filho de Alexandre Ferreira e Maria de Jesus, c.c. Maria Catarina Fernandes
 Manoel e Vitória, escravos de Bernardo Duarte Pinheiro
 Pedro e Catarina, escravos de Bernardo Duarte Pinheiro
 Pedro, filho de Manoel da Costa Figueiredo e Maria Pereira das Neves, Sítio Juazeiro
 Pascoal, filho de Antônio e Eugênia, índios, Sítio Oitis
 Pedro Ferreira da Costa, natural de Serinhaém, filho de Manoel e Angélica Maria da Conceição, c.c. Eurica Maria, natural de Goiana, filha de João de Oliveira Costa e Ana Carneiro de Araújo, na faz. da Serra (Aba da Serra)
 Pedro Antônio Pereira
 Rosária Ribeiro Calado, Sítio Oitis
 Rosa, filha de Maria, escrava do Tenente Vasco da Cunha Pereira
 Rita, filha de Taciana, escrava de José da Silveira, no Riacho dos Cavalos
 Tomaz Duarte de Aquino
 Teresa, filha do Cap. Bruno da Costa
 Tomázia, filha de Maria, escrava do Tenente-Coronel Vasco da Cunha Pereira
 Vitorino Pinto da Costa Mendonça, testemunha ocular de quase todos os acontecimentos mais importantes, sendo citado inúmeras vezes, como padrinho de batizados, testemunha de casamentos. Residia na fazenda Cabo e era casado com Tereza Bernarda da Costa. Foi 2º Ouvidor Geral da Capitania do Ceará Grande, tendo inaugurado a Vila do Icó



A Autora:

Oliva Ribeiro Luna, natural de Várzea Alegre-CE., filha de José Alves Ribeiro, natural de Antenor Navarro, Paraíba, e de Otilia de Carvalho Ribeiro, natural de Várzea Alegre.

Fez curso primário com a professora Josefa Guerreiro Mendes (Zezinha), como era conhecida e seus alunos a chamavam de madrinha Zezinha). Zezinha era professora interessada, que assumia o papel de educadora, no sentido completo, cuidando não apenas das letras, mas, também, do

aspecto religioso e artístico. Oliva Ribeiro Luna foi por ela introduzida nas artes do balé e conhecimentos de bandolim.

A autora estudou também com Leandro Correia ou Leandro de Ger-vázio.

Concursada para o cargo do 1º Tabelionato de Jucás, com funções acumuladas de Tabeliã, Escrivã Geral, Oficial do Registro Civil, foi também Escrivã Eleitoral e Secretária da Junta de Alistamento. Atualmente aposentada, reside em Fortaleza.

Poetas Cratenses

O Vulto

É apenas uma sombra na janela
Suavemente a voitar descontraída
A esguia silhueta, ... o vulto dela
Diáfana e lépida à própria luz jungida

A cada dia, cada hora... cada instante
Eu a vejo extasiada à minha frente
Sombra etérea, amada... deslumbrante
Emergindo do passado em meu presente

Às vezes tento prendê-la junto ao peito
Se evapora sorradeira... não tem jeito
E logo volta sorridente embevecida

É apenas uma sombra na janela
A esguia silhueta, ... o vulto dela
A rodear constantemente minha vida!

Poema para Erisvalda

E um dia chegarei devagarinho
E minha voz em tua porta ouvirás
Chamar-te-ei pelo nome com carinho
E venturosa pros meus braços correrás

Embrigar-me-ei de vez no teu sorriso
O doce mel da tua boca sugarei
Nos teus braços criarei meu paraíso
Nos segreos do teu corpo dormirei

Passem os dias, ... as horas, passemos anos
Inebriados de amor, ... risos ufanos
Embevecidos em divinal felicidade

Fruirás na minh'alma o idílio santo
Nos meus versos louvarei os teus encantos
E ante nós curvar-se-á a eternidade

Cícero Jorge de Carvalho, poeta Cratense.

O Exterminador

O Exterminador do presente,
Continua matando a natureza.
Queima a flora e mata gente,
Extermina a nossa pureza.

Ele se encontra contaminando,
A água, a terra e o ar.
Ele se encontra incendiando,
A nossa razão de respirar.

Ele se encontra matando,
Os lindos seres marinhos.
Ele se encontra transformando,
As lindas flores em espinhos.

Ele se encontra estuprando,
Desflorando as meninas.
Ele se encontra comprando,
A virgindade feminina.

Ele se encontra com a avareza,
Está comprando tudo e vendendo.
Ele se encontra com a natureza,
Por isso tudo está morrendo.

Ele não quer se tocar,
Que o seu governo não é certo.
Ele não quer nem notar,
Que o fim do mundo está perto.

Ele insiste em governar,
O encantado planeta terra.
Ele insiste em badernar,
O planeta com a guerra.

Porque a guerra traz o progresso,
Da venda dos armamentos.
É a desordem e o regresso,
Desse governo fraudulento.

Desse governo que só mata,
Adulto, velho e criança.
Desse, que queima a mata,
Que encarcera a esperança.

Desse governo que zomba,
Dos grandes ecologistas.
Desse que constrói a bomba,
Que forma grandes especialistas.

Desse poder que contribui,
Com a fome e a violência.
Desse que se envolui,
Pro lado da turbulência.

Poluindo os nossos legumes,
Poluindo os nossos cereais.
Massacrando os belos cardumes,
Exterminando os animais.

O homem quer prolongar a vida
Destruindo a própria vida
Como é que pode?

Carlos Gomes
17.mai.89

Poeta Jardinense

J. Lindemberg de Aquino

O famoso médico e homem de sociedade, Dr. Napoleão Neves da Luz, poeta desde a mocidade, incentivado pelos amigos, reuniu a sua produção poética e lançou o bem feito livro POESIAS, que é um retrato encantador de sua sensibilidade e um perfil exato de sua brilhante inteligência.

Nascido e domiciliado em Jardim, onde tem prestado assinalados serviços ao seu povo, exercendo o sacerdócio da Medicina com devotamento incomum, o Dr. Napoleão Neves da Luz se nos revela um poeta de alma cheia, de grande sensibilidade, espírito romântico convivendo com as musas, fazendo versos perfeitos pela métrica, belíssimos pelos temas e maviosamente inspirados, alguns dignos das melhores antologias brasileiras, como esse "Adeus, meu Pai", que se inicia assim:

*Adeus, adeus, meu Pai, tu vais embora,
Deixando-nos tristonhos e saudosos,
Com os corações de dor, despedaçados,
Nest' hora da partida derradeira.
Hoje tu vais para nunca mais voltar
Ao convívio do lar, outrora alegre,
A esta pobre casa, hoje tão triste,
Onde somente as lágrimas povoam.*

Lindo, também, o soneto Mãe:

*Palavra que traduz tudo na vida
Tudo de bom, de amor e de ternura,
Neste mundo de dor, labuta e lida
Só a mãe é oásis de brandura.*

Ou este outro, sobre rejeição de coração transplantado:

*Coração transplantado já bateu
Noutro peito, sentindo outros amores
Certamente por outras já sofreu
Alegrias, tristezas e rancores*

E conclui, assim dizendo:

*Não quero, no meu peito, um coração
Que não seja de Mim-Napoleão
Para amar esta santa que é Maria.*

Há um outro que exalta seu tio Quincas, pai do seu primo e homônimo, o médico Napoleão Tavares Neves. O tio cegou, mas o poeta diz que "Não é cego quem vê com os olhos d'alma".

Ainda citaríamos a bela poesia sobre a bola de bilhar, em que compara:

*Tanta gente, também, parece ser
Qual bola de brilhar sempre a correr
Para o pão bem minguado conseguir.*

O Cariri está de parabéns por esse novo lançamento literário, que revela, já na maturidade, um poeta que, desde menino, escondia sua vocação. Liberto de sua timidez, ele se nos apresenta sólido, forte, saudável, vocacionado para as musas, inspirado e triste, como todo poeta, mas gigante pelo sentimento e sensibilidade.

Saudação

Dr. Napoleão Tavares Neves

Ao Gabinete de Leitura de Barbalha Centenário:

Há precisamente um século que, no dia de hoje, Barbalha vivia momentos de raro fulgor intelectual: uma plêiade de denodados e valorosos idealistas, obreiros da seara do pensamento, fundava em nossa terra o Gabinete de Leitura de Barbalha, cujo centenário de fundação ora se festeja com alegria, respeito e gratidão.

14 de maio de 1889 — 14 de maio de 1989
Cem anos de benemerências

Naquela recuada época um sopro de desejada renovação varria o País. As idéias libertárias sopradas como um tufão da culta Europa queriam progresso a todo o custo, inclusive progresso político e, evidentemente, a República era o dourado sonho da maioria dos brasileiros sequiosos de novos e mais amplos horizontes para a Pátria. Portanto, foi no calor do entusiasmo republicano que o pensamento livre das mais lúcidas lideranças barbalhenses gestacionou o Gabinete de Leitura de Barbalha na mente arejada e madura da sua pacata gente capitaneada por admiráveis pioneiros, autênticos bandeirantes do pensamento.

Em um preito de imorredoura gratidão, curvados em uma respeitosa reverência, declinemos agora os seus nomes aureolados por nossa saudade e acrisolados por nossa melhor gratidão:

Major Prof. Guilherme Brígido dos Santos — Foi seu primeiro presidente, portanto, o presidente da fundação. Era irmão do irrequieto e brilhante jornalista João Brígido dos Santos e só por este fato já se pode aquilatar a sua competência e combatividade.

José de Sá Barreto Sampaio “Zuca Sampaio” — Seu primeiro secretário, seu baluarte maior, o homem determinado que, enquanto viveu, compareceu e falou em todas as suas reuniões. Foi um idealista. Portanto, foi o secretário da fundação, em seguida, seu segundo presidente. Posteriormente, foi seu presidente por várias vezes e o sócio que mais vezes ocupou esta árdua função, sendo hoje o seu presidente perpétuo.

Na verdade, José de Sá Barreto Sampaio misturou e confundiu sua vida exemplar com a vida desta modelar instituição, sendo-nos difícil determinar o plano de clivagem entre as duas. Foi, não há de negar e a História o proclama, a alma desta casa que era o seu lazer. Aqui desenvolveu ele admirável e raro sacerdócio no magistério, sendo-nos impossível

determinar onde começava a cátedra e onde terminada o púlpito, alfabetizando e evangelizando, com rara assiduidade e ímpar dedicação.

Presidiu os seus destinos com férrea determinação, "Como se fora propriedade sua nem nunca poder ser", de 1890 a 1919, de 1924 a 1925, e posteriormente, de 1927 até quando as forças físicas não lhe permitiram mais, por volta de 1935. Cerca de 39 anos de presidência.

Foi aí que ele ainda teve o bom senso de indicar o seu sucessor, de maneira até certo ponto monárquica, na pessoa deste cirineu de invulgar conduta que é o Dr. Antônio Lyrio Callou aqui presente no pedestal imponente dos seus quase 87 anos de idade, vale dizer, de dedicação total a Barbalha.

Dr. Manoel de Sá Barreto Sampaio — Foi o seu primeiro orador oficial, portanto, o orador oficial da fundação. Médico de nomeada em termos nacionais, oculista de fama internacional, inclusive com brilhante atuação em Paris, "Cidade Luz". Dr. Barreto Sampaio, que é o patrono da cadeira que ocupo no Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato, é glória da própria medicina brasileira.

Dr. Martinho de Luna Alencar — Foi o grande idealizador da sua fundação, artífice da sua estruturação. Era um intelectual consumado, jurista, magistrado, desembargador, inclusive tendo sido chefe de polícia e procurador geral do Estado do Amazonas.

Padre Miguel Coelho de Sá Barreto — Sacerdote barbalhense de peregrinas virtudes, orador sacro de nomeada consagrado em todo o Nordeste, poeta, jovem valor do clero cearense com apenas 29 anos de idade.

Antônio Cândido das Dores — Esplêndida liderança comunitária prematuramente desaparecido em pleno vigor físico.

Dr. Joaquim Sampaio Cardoso — Magistrado de invulgar integridade, morto tragicamente como juiz de Barbalha no desempenho da sua ímpar judicatura, em 1901. Mártir da integridade.

Mendo de Sá Barreto Sampaio — Magnífica vocação de empresário moderno que, no desdobramento do futuro, seria vitorioso empresário no Recife.

Manoel Ramalho de Alencar — Serviço e dinamismo juntos em ajustado casamento.

Antônio Callou de Sá Barreto — Combatividade e civismo em ajustada simbiose.

Prof. Martiniano Bispo de Sousa Ferraz — Incorrigível sonhador, impenitente romântico, poliglota, educador, figura folclórica da Barbalha de outrora, imortalizado no romance "Recordações da Comarca" do escritor barbalhense, Dr. Odálio Cardoso de Alencar. Chegou a ensinar até

Esperanto em Barbalha. Foi pioneiro da cultura do caju na Chapada do Araripe.

Severino Ferreira Duarte — Trabalho e honestidade de braços dados com o idealismo.

Pereira Grangeiro — Vocação política com desejo de servir.

E mais:

Raimundo José Batista
Sancho Pereira Filgueiras
José Joaquim de Sousa
Joaquim José Cavalcante Chaves
Ladislau Leite da Cruz
Misbilton Dias Pedrosa
Antônio Pinto de Sá Barreto
Antônio Augusto de Alencar
Alexandre Barbosa da Cruz
Fenelon Cavalcanti D'Albuquerque Chaves
Gregório Severino Duarte
José Pereira da Silva Filho
José Maia Brígido
José Furtado de Lacerda

Segundo Henrique Fernandes Lopes Sobrinho, no livro “Barbalha em Tempos Passados”, os fundadores foram apenas vinte, mas o Dr. Antônio Lyrio Callou cita nomes que não estão na relação do livro em epígrafe.

Preferi não pecar por omissão e fundi as duas relações, totalizando vinte e seis fundadores.

Em face destes nomes, descobramo-nos reverentemente, certos de que foram eles verdadeiros super-homens que deram a Barbalha, a partir do nada, uma das glórias maiores da sua rica História e a sustentaram, sabe Deus com que sacrifícios, até torná-la firme, sólida, chegando até nós: o Gabinete de Leitura de Barbalha, hoje na beleza imponente dos seus cem anos de efetiva existência, fazendo o BEM sem olhar a quem, instruindo, alfabetizando, educando, promovendo, semeando auroras nos espíritos, nas mentes e nos corações.

Para nós seus nomes são imortais, não da imortalidade triunfante e ruidosa dos que venceram nos campos de batalha, mas da amena imortalidade dos que plantaram o BEM, acenderam luzes na escuridão das mentes, promoveram o progresso da terra e o bem-estar da sua gente, desinteressadamente, “pelo simples prazer do bem distribuído sem a mínima idéia de remuneração” de que nos falava Ruy Barbosa.

A todos eles já falecidos e na casa do Pai, a coroa sempiterna do nosso mais profundo reconhecimento nesta hora singular da vida da nossa

comunidade que só é o que é porque eles foram o que foram: idealistas, patriotas, abençoados, sonhadores, determinados e magníficos operários da causa do BEM.

Para dimensionar-lhes a grandeza, basta que se diga que fundaram em Barbalha o Gabinete de Leitura apenas dois anos após a fundação em Fortaleza de instituição congênera, guardadas as devidas proporções: o célebre Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 4 de março de 1887.

Portanto, aqui em Barbalha Tomás Pompeu, Pompeu Sobrinho e o Barão de Studart tiveram magníficos seguidores.

E Fortaleza fica no litoral onde o progresso chega sempre mais cedo, até mesmo por ser a capital do Estado e o mais antigo município do Ceará.

E Barbalha fica 600 km sertão adentro, engastada em uma das dobras majestosas da colossal Chapada do Araripe, orvalhada pelas lágrimas cristalinas da Fonte do Caldas.

É de homens desta têmpera que hoje tanto carece esta Nova República infelizmente já tão senil, sobretudo pela carência de espírito público dos seus políticos, pela evidente falência dos seus mais caros valores éticos e pela decadência, senão pela morte mesmo, da honestidade na sua vida pública com raras e honrosas exceções.

Em uma visão panorâmica e simplista, parece que até agora só uma coisa boa a Nova República nos trouxe: acabou com os nossos mais decantados mitos, trazendo o País à sua chocante realidade que, infelizmente, é uma realidade de pigmeus.

Entre nós, no presente, parece não haver mais lugar para o ufanismo, para os iluminados com mágicas soluções iluministas, porque tudo foi desmitificado pela crueza da hora presente que é de angústias.

Decididamente, vivemos uma hora extrema que mais parece a 25ª hora, com a força fisiológica do estômago querendo falar mais alto do que o racionalismo da mente.

E já dizia o grande José Américo de Almeida: “A fome não tem virtudes”! E a fome campeia no mundo hodierno com a explosão demográfica de par com o encurtamento das áreas agrícolas.

Meus Amigos!

Tudo isto já será um ocaso dos valores morais com a falência das forças da produção?

Seria já a profética inversão dos valores de que nos falava Ruy Barbosa quando, segundo ele, “o homem teria vergonha de ser honesto”?

Se ainda não o é, pelo menos nos parece, pelo que temos visto acontecer em torno de nós.

Meus Senhores e minhas Senhoras,
Mas, com que intuito estes denodados pioneiros idealizaram o Gabinete de Leitura de Barbalha? Foi por simples diletantismo?
Não e não.
Fundaram-no, isto sim, para que cumprissem religiosamente estas sublimes metas:

MINISTRAR O ENSINO PRIMÁRIO GRATUITO.
INCENTIVAR O CULTO ÀS LETRAS.
TRABALHAR PELO PROGRESSO DE BARBALHA.

Magníficas metas, estas, meus amigos.
Sublimes *desideratos*, meus senhores.

Sim, alfabetizar, instruir, educar, cultivar as letras, promover, desenvolver o progresso, gratuitamente, tudo isto, fora das posições oficiais, sem remuneração de qualquer natureza, por puro idealismo!

Em outras palavras, instalaram aqui uma fábrica de cidadania, com a matéria-prima da instrução, do civismo e da liberdade.

Mas, perguntarão os que não conhecem Barbalha: estas metas tão ousadas foram realmente cumpridas e satisfeitas?

E a resposta vem pronta: foram e como foram; estão sendo e como estão sendo. O Gabinete de Leitura de Barbalha transformou-se, ao longo deste século de vida, em um verdadeiro canteiro de colégios, maravilhosa sementeira de onde Barbalha, como por encanto, tirou numerosos educandários, uns de vida efêmera, outros de duradoura existência.

Daqui do Gabinete de Leitura saiu o nosso Colégio Santo Antônio, verdadeira forja de lideranças regionais, hoje com vôos de pleno sucesso nos céus do Cariri e regiões limítrofes, sob a segura orientação dos Padres Salvatorianos.

Daqui saltou para a amplidão dos largos horizontes do triunfo o Colégio Nossa Senhora de Fátima, verdadeiro "Facho de Luzes".

Aqui nasceu e floresce o Grupo Escolar Municipal Joaquim Duarte Grangeiro, com reais e inumeráveis serviços aos barbalhenses, sobretudo aos mais carentes.

Aqui nasceu, vive e exporta vitalidade o Centro Educacional Lyrio Callou com quase mil alunos dos dois sexos, com curso noturno para os que trabalham.

E no passado, eu me permitiria citar pelo menos dois notáveis educandários que fizeram época no Cariri:

O Ateneu Barbalhense, do educador Prof. Onulfo Lins e o Colégio São José, do educador Prof. Paulo Serra, deixando de citar numerosos outros educandários de vida efêmera a despeito de brilhante, valendo destacar a atuação aqui, nos amplos desvãos desta augusta casa, do célebre Prof. José Joaquim Teles Marrocos, o homem que discursava em francês

fluyente e que escreveu um diário em três línguas: português, francês e latim, hoje em poder da Ordem Salesiana, em Juazeiro do Norte.

Era ele jornalista vibrante, abolicionista convicto, político, panfletista, e acima de tudo, libertário.

Por dever de justiça, citaria ainda também o célebre educador, Prof. Dr. Soriano de Albuquerque, um vocacionado para o magistério, plantador de colégios, que, aqui como no Crato, plasmou o caráter da juventude de então na forja da rígida disciplina com um aprendizado em bases já de uma admirável e inusitada pedagogia.

Aqui, Zuca Sampaio vinha diariamente, à noite, com um lampeão na mão porque ainda não havia energia elétrica e alfabetizava, sobretudo adultos, dando-lhes, paralelamente, uma consciência religiosa de par com uma consciência cívica, vale dizer, plasmava a cidadania numa antecipação de quase um século do revolucionário e polêmico Método Paulo Freire que alfabetiza dando, concomitantemente, uma consciência política.

Meus Senhores e minhas Senhoras,

Durante este longo e profícuo século de existência, pelo que consegui pesquisar, o Gabinete de Leitura de Barbalha teve, até hoje, cerca de oito presidentes:

- 1) Major Prof. Guilherme Brígido dos Santos, de 1889 a 1890.
- 2) José de Sá Barreto Sampaio, "Zuca Sampaio", de 1890 a 1918, de 1924 a 1925, de 1926 até bem próximo da sua morte, em 1940. 38 anos de presidência.
- 3) Manoel Rodrigues Peixoto de Alencar, "Né Peixoto", de 1918 a 1921.
- 4) José Duarte de Sá Barreto, de 1921 a 1922.
- 5) Dr. Manoel Florêncio de Alencar, de 1923 a 1924.
- 6) Dr. Antônio Filgueiras Sampaio, de 1925 a 1926.
- 7) Dr. Antônio Lyrio Callou, de 1935 a 1987. 4 anos de presidência, recorde absoluto, hoje, seu presidente de honra.
- 8) Dr. Fabiano Livônio Sampaio, o atual presidente, o presidente do Centenário, neto da geração dos fundadores, neto de "Zuca Sampaio", desde 9 de maio de 1987.

Meus prezados amigos,

Ao longo destes cem anos de vida efetiva e atuante, o Gabinete de Leitura de Barbalha foi, como que, uma escola de educadores, por aqui tendo passado nomes aureolados e respeitados, como os nomes dos professores Juez Bastos, José Duarte, Dr. Antônio Reinaldo Alves de Sousa, Dr. Joel Teixeira de Medeiros Bastos, Nestor Fernandes Távora, Edmundo Milfont, Padre Emídio Lemos, Dr. José Garrido da Nóbrega, entre muitos outros.

Mas o Gabinete de Leitura foi também o cenário grandioso onde Barbalha viu passar todas as conquistas do progresso mental, material e tecnológico deste século de grandes cometimentos.

Por exemplo, com o advento da radiofonia, o primeiro rádio que chegou em Barbalha, veio para o Gabinete de Leitura, e aqui foi instalado em meio às expectativas de toda a comunidade que para cá acorreu sequiosa de conhecer aquilo que seria a maravilha da comunicação de massa até hoje.

Não foi, portanto, sem razão de ser que o Governo do Estado o considerou de utilidade pública em 19 de outubro de 1921, pelo Decreto nº 1895.

Mas, o Gabinete de Leitura prosseguiu na sua caminhada de benemérencias e 28 anos depois, gestacionou, nas suas reuniões e entre os seus sócios, a idéia de fundação da Liga Barbalhense Contra o Analfabetismo acontecida em 1917, portanto, meio século antes do MOBREAL e da Fundação Educar, tendo como fundamentos basilares a coragem cívica do advogado José Bernardino de Carvalho Leite, o trabalho incansável de Manoel Rodrigues Peixoto de Alencar, “Né Peixoto”, e a sempre bendita teimosia de José de Sá Barreto Sampaio, “Zuca Sampaio”, o mesmo “Zuca Sampaio” que em 1º de abril de 1883, portanto, há 106 anos, foi co-fundador aqui da Conferência de São Vicente de Paulo, a 6ª de todo o Ceará e a 2ª do Cariri em ordem cronológica, só sendo precedida pela Conferência Vicentina do Crato, cujo nascimento foi saudado magnificamente pelo barbalhense, Padre Miguel Coelho de Sá Barreto, em um dos mais empolgantes sermões da sua vida de renomado orador sacro.

E, pode-se dizer que o sucesso de todas estas beneméritas instituições comunitárias estimulou a que, em 1944, Barbalha fundasse o seu Centro de Melhoramentos, novamente orientado e presidido pelo espírito de Zuca Sampaio representado por seus filhos Leão, José, Paulo, Antônio e Pio, todos na linha de frente deste notável empreendimento comunitário que dividiu a História de Barbalha em duas etapas: antes e depois do seu Centro de Melhoramentos.

Meus amigos,

Dois anos antes de Barbalha fundar o seu Gabinete de Leitura, em 7 de agosto de 1887, Jardim fundou o seu notável “Clube ou Grêmio Literário e Recreativo Jardimense”, inclusive com biblioteca aberta ao público. Pois bem, por falta de um timoneiro tipo “Zuca Sampaio”, o “Grêmio Literário e Recreativo Jardimense” só chegou a ultrapassar pouco mais de dez anos de vida, morrendo quando morreu o seu inteligente mentor, o Pároco, Padre Miguel Coelho de Sá Barreto.

Assim, não exageram os historiadores quando dizem que a férrea vontade de “Zuca Sampaio” consolidou e impulsionou o Gabinete de Leitura de Barbalha até nossos dias, sobretudo com aquela sua assiduidade

que nem os catedráticos universitários de hoje regiamente remunerados podem oferecer.

Efetivamente, para se manter e consolidar uma instituição como esta, é preciso idealismo, civismo, amor, trabalho, disponibilidade e determinação. E isto, só os predestinados podem oferecer gratuitamente, pelo simples desejo de promover o BEM.

Se “Zuca Sampaio” foi o presidente do cinquentenário, da consolidação, Dr. Antônio Lyrio Callou foi o presidente da expansão.

E, coisa curiosa, quase todos os presidentes do Gabinete de Leitura foram indicados por seus antecessores, numa sucessão até certo ponto monárquica que tem dado muito certo.

Será que este sucesso é o responsável pelo fato de Barbalha ter hoje tão convictos monarquistas?

Meus senhores,

Não resta dúvidas que o voto direto, secreto e universal foi uma das maiores conquistas da humanidade, mas, mesmo assim, ainda precisa ser escoimado das mazelas que tanto o distorcem.

Para bem exercitá-lo o povo precisa de mais cultura e mais consciência do seu valor e mais independência econômica, a fim de saber libertar-se das maléficas influências que, infelizmente, ainda manietam a livre manifestação da sua vontade que deveria ser realmente soberana e livre e não o tem podido ser.

Por isto, o voto direto, secreto e universal nem sempre escolhe o mais capaz e o mais competente, mas o de lábia mais envolvente e o mais bem apessoado. E Barbalha provou o travo desta escolha injusta recentemente. Talvez por isto, o todo-poderoso Primeiro Ministro de Cuba, Fidel Castro, haja afirmado alhures que o voto direto é muito bom para escolher misses.

Meus amigos,

Vivemos um difícil ano eleitoral de suma importância para o Brasil. Do acerto ou não da nossa escolha para Presidente da República vai depender talvez o nosso futuro.

Vamos pedir inspiração ao passado desta augusta casa, oficina da mais lúdima cidadania, para que saibamos cada vez mais escolher os nossos dirigentes, com descortino e acerto, sabedoria e isenção.

O voto direto, secreto e universal, se bem exercitado, tem a força da desintegração atômica.

Vamos, pois, exercitá-lo bem para que possamos ter transformações radicais pacificamente e sem revoluções, certos de que é verdadeiro aquele desabafo do grande cearense, Marechal Juarez Távora, quando afirmou, melancolicamente, depois de ter feito tantas revoluções: “Hoje, prefiro um mal governo a uma boa revolução”.

E as amargas lições da História têm mostrado que as revoluções sangrentas são sempre muito onerosas para a humanidade. Por pouco que matem, matam sempre muito e já dizia o grande Victor Hugo: “Se matar um é crime, matar muitos não pode nem deve ser glória”.

Tudo isto vem muito a propósito da hora crucial que vive a Nação Brasileira, querendo enveredar, perigosamente, pela senda sinuosa do terrorismo anti-cristão e anti-humano.

O Gabinete de Leitura de Barbalha que ora nos abriga tem sido uma oficina de cidadania e de humanismo.

Que sua vida seja, para todos nós, um belo e eloquente exemplo para que, nesta hora extrema que Cid Sampaio chamou de “O último aceiro”, possamos dizer-lhe alto e bom som: SALVE SOL.

Sim, SALVE SOL iluminante, sol vivificador, sol aconchegante e criativo. Repito: SALVE SOL e SOL CENTENÁRIO!!!

GABINETE DE LEITURA DE BARBALHA, oficina da mais pura cidadania!!!

Oração proferida na sessão solene de comemoração do Centenário do Gabinete de Leitura de Barbalha, como seu orador oficial, em 14.05.89, por escolha unânime da sua atual Diretoria.

Virgílio Arraes: Carta do Pe. Francisco Arraes

Caro Lindemberg,

Um grande abraço.

Queremos agradecer-lhe de coração a sua atenciosa correspondência de 25.03.87 e dizer-lhe o quanto ficamos sensibilizados pela sua amizade e pelo interesse que demonstra pela nossa família e agora em particular o apreço que revela, traduzido em atos, pela memória do nosso inesquecível progenitor.

Não sendo esta a ocasião própria para nos referirmos às virtudes privadas de Virgílio Arraes, que foram dignas de nota (pois foi ele filho, esposo e pai extremoso e boníssimo, assim reconhecido pela unanimidade da família) aqui desejamos focalizar somente o cidadão em relação com a sua comunidade.

Era V. A. um ser visceralmente político — entendida a política como a arte do bem público. Considerava a sua cidade como um prolongamento essencial da sua família; e a todos estendia a sua amizade, e até quando no exercício de funções públicas — o seu desvelo. Ainda em plena juventude, antes de constituir família, já militava nas hostes do Partido Republicano Cearense, chefiado, no Estado, pelo Presidente Acyolli, e capitaneado, no Cariri, pelo Coronel Antônio Luís e pelo Pe. Cícero do Juazeiro. Nosso pai era, no Crato, um dos líderes desse partido, então vulgarmente conhecido pelo nome de “marreta”. Ele era também integrante assíduo e indispensável da famosa “roda” da farmácia de Zuza Figueiredo, onde se reunia, todas as noites, a nata social e política local. E quando do entrechoque, nada incruento, entre as milícias do Crato e do Pe. Cícero, que então procurava depor o Cel. Franco Rabelo, o partido de V. A. colocou-se ao lado das forças vitoriosas do líder juazeirense.

Na vitória a sua ação foi moderadora e sua intervenção evitou que muitos dos vencidos fossem humilhados e maltratados ou tivessem os seus bens requisitados pelas tropas vencedoras. O reconhecimento dos cratenses ao seu espírito público o elevou, por duas vezes, à dignidade de edil da municipalidade. E sua atitude, não distinguindo correligionários ou adversários, na hora em que o ódio explodia na refrega, granjeou-lhe entre os concidadãos a fama de homem bondoso e de coração magnânimo.

Depois do seu casamento com uma prima também da família Arraes e descendente, pelo lado materno, da tradicional estirpe dos Alencar, continuou na atividade política e comercial, tornando-se, ao lado do cunha-

do Godofredo Arraes, um dos principais comerciantes da cidade, e um dinâmico e profícuo participante de sua vida social. Foi o organizador incansável, fundador e o Diretor da Associação dos Empregados do Comércio, a que dedicou o melhor dos seus esforços. Somente esta obra seria suficiente para lhe proporcionar duradoura fama, e aos que com ele erigiram essa obra extraordinária e pioneira, de cunho eminentemente social e cultural.

Aqui cabe um ligeiro parêntese: sendo próspero comerciante de tecidos, a recessão mundial conseqüente à guerra de 1914 o atingiu em cheio. Podendo, como tantos outros, requerer concordata e assim se esquivar à crise, preferiu pagar aos seus fornecedores até o último "ceitil" como dizia, sem prevalecer-se das facilidades da lei. Reduzidos os estoques, decidiu transferir-se para um meio mais modesto, onde naturalmente voltou a eclodir a sua natural liderança. E em 1927, mudou-se, temporariamente para a cidade de Campos Sales, situada nas fraldas da chapada do Araripe, impelido também pelas delicadas condições de saúde de sua estremecida esposa. Aí encontrou-se em plena atividade política com a revolução de 1930, tornando-se, reconhecidamente, o principal chefe da Aliança Liberal no município, seguindo o líder da Aliança no Ceará, o seu primo Raimundo de Monte Arraes.

Vitoriosa a Revolução de Vargas, V. A. foi alçado à condição de Prefeito Municipal de Campos Sales. Nesta função, pôs completamente de lado a demagogia, tornando-se proverbial a sua honestidade. Deixou obras que consolidaram a infra-estrutura do município, então carente de qualquer planejamento ou visão de conjunto. Construiu a primeira barragem de maior porte da região, solucionando o problema da água; calçou várias ruas da cidade, ergueu a ponte do Guarany e abriu estradas vicinais — tudo com as parcas verbas da Prefeitura, complementadas muitas vezes com recursos do próprio bolso. Inaugurou também um sistema até então inédito no país: a prestação de contas públicas diretamente à população, afixando em grandes cartazes, nos logradouros públicos, todos os detalhes da receita e das despesas do município.

Infelizmente para Campos Sales, pela sua brevidade, a sua gestão durou apenas pouco mais de um ano. As intrigas da capital do Estado e os interesses das facções subalternas culminaram num expediente para o afastamento de V. A. do posto onde tanto servia aos interesses da população. *Mirabile dictu!* — a sede da Prefeitura do município foi transferida para o então distrito de Assaré, localidade dez ou mais vezes menor do que a cidade de Campos Sales!...

Mas a dedicação dos campo-salenses a V. A. continuou pelos anos afora, e jamais o seu partido foi derrotado em qualquer eleição ali realizada, tendo sido reconduzido Vereador por diversas vezes. E quando da redemocratização de 1946, foram unânimes os apelos dos melhores da comunidade para que ele aceitasse a sua nomeação para Prefeito, com eleição de antemão assegurada.

Não aceitando o honroso convite e de volta ao Crato já em caráter definitivo, montou e por muitos anos esteve à frente da Sorveteria Brasil, situada num dos principais sobrados da cidade, e que se tornou ponto obrigatório de freqüência de toda a sociedade cratense. Pelos moldes de aparelhamento inéditos no interior do Estado, e pelo alto padrão de higiene e pureza natural dos seus produtos, era o estabelecimento comparado favoravelmente por todos os que o freqüentavam aos melhores congêneres de Fortaleza e Recife.

Posteriormente, já nos umbrais da idade propecta, ainda exerceu, por espírito público, as funções de delegado, e sua ação neste cargo foi mais de prevenção ao crime que repressão. Procurava harmonizar os desavindos e aplacar os ódios, exercendo sobre a juventude paternal vigilância. Na comunidade, embora já fora do âmbito político propriamente dito, sua ação foi das mais benfazejas e benemerentes. Foi vereador, também em Crato, e por duas vezes.

Na Associação Vicentina, por que tinha especial predileção e de que durante toda a vida adulta foi sócio assíduo e atuante, jamais deixou de acompanhar um enterro — prática de que fazia absolutamente questão — muitas vezes cobrindo do próprio bolso as despesas dos funerais de indigentes e desconhecidos.

Foi portanto Virgílio Arraes uma alma de escol, cuja memória ainda permanece viva junto a todos os que o conheceram.

Dados biográficos:

Nasceu a 25 de outubro de 1890, em S. Domingos, hoje Quixariú, Campos Sales. Casou aos 2 de fevereiro de 1918 com Marcionília de Alencar Arraes, sua prima. Marcionília foi professora nas Escolas Reunidas, depois Grupo Escolar de Campos Sales, lecionando também posteriormente no Externato Santa Inês do Crato, fundado e dirigido pela saudosa Lourdinha Esmeraldo. Colaborou na imprensa cearense, foi secretária da Ação Católica no Crato. Ultimamente publicou, no Rio de Janeiro, o livro "Flores Campesinas".

Teve os seguintes filhos:

Dr. José Jayme Arraes — advogado, com um dos mais antigos e proficuos escritórios do Rio. Foi Chefe de Gabinete do Presidente do S.A.P.S. Fundou e dirigiu a "Voz do Norte".

Abigail — Diplomou-se aos 15 anos com o primeiro lugar da sua turma, sendo a oradora oficial da cerimônia de colação de grau. Alta funcionária do I.B.C. no Rio de Janeiro, então Capital, onde faleceu prematuramente. A família publicou, em sua memória, o livro "Abigail", muito apreciado pela crítica.

Armando — Aposentado como Inspetor do I.A.A. e hoje, com sua esposa, dirige a sua renomada casa de antiguidades, uma das mais antigas de Belo Horizonte.

Lívio — Aposentado como funcionário graduado do Serviço Médico do Banco do Brasil.

Afrânio — Advogado pela Faculdade Nacional de Direito, faleceu prematuramente como Inspetor do Banco Central em Brasília.

Marcílio — Aposentado do Banco do Brasil, exercendo altas comissões.

Francisco — Sacerdote jesuíta, tendo exercido altas funções da sua Ordem em Roma e foi por vários anos Professor de Direito Constitucional Americano nos Estados Unidos. Formado em Ciências Políticas pelas Universidades de Georgetown e Columbia, nos Estados Unidos.

Lisieux — Professora e atualmente funcionária graduada do IAPAS no Rio de Janeiro.

Heliomar — Aposentado do Banco do Brasil, onde exerceu altas funções, tanto no Estado do Ceará como na Direção Geral em Brasília.

Virgílio — Formado em Violino pelo Conservatório Nacional, com cursos de especialização nos Estados Unidos, com excursões profissionais pela América e Europa. Primeiro lugar no concurso para a Sinfônica do Teatro Municipal, onde atingiu o posto máximo da carreira, o de Spalla da mesma Orquestra. Atualmente é Técnico em Assuntos Culturais da Universidade Federal Fluminense, a nível superior.

São estes, pois, caro Lindenberg, os subsídios que hoje remetemos em satisfação ao seu pedido, e que são referentes à vida do nosso inesquecível pai e esposo boníssimo. Omitimos a menção de inúmeras outras facetas da sua personalidade, as quais, mesmo dignas de nota, alongariam muito isto que pretendemos seja tão-somente um esboço de traços biográficos.

Mais uma vez lhe agradecemos todos os seus esforços e a sua dedicação em preservar viva a digna memória de Virgílio Arraes.

Sem mais, com um grande abraço,

Marcinha, Pe. Francisco e Virgílio Filho.

Necrológio nos Estados Unidos

Quando Virgílio Arraes morreu, um jornal de Jersey City noticiou o fato, nesse singelo necrológio, em homenagem ao seu filho, o Pe. Francisco Arraes, à época, professor de Direito Constitucional Americano, no St. Peter's College, daquela cidade americana:

Virgilio Arraes, Father of Priest

Virgilio Arraes, father of Rev. Francis Arraes, S. J., a native of Brazil, who teaches Constitucional Law and Urban Studies at St. Peter's College, died on Sunday in Rio de Janeiro, Brazil.

Mr. Arraes was mayor of the City of Campos Sales following the Revolution of 1930 and was an important political figure in the country for many years.

A concelebrated Mass, officiated by Father Arraes, will be held tomorrow in St. Aloysius Church, Jersey City, at 10:30 a.m.

Virgílio Arraes faleceu no Rio de Janeiro a 7 de novembro de 1970. Foi vereador em Crato duas vezes, orador da Associação Caririense Esperantista e membro de diversas outras instituições comunitárias em Crato.

Faleceu o escritor Gustavo Augusto Lima

Os meios culturais e didáticos do Ceará sofreram uma grande perda, com o falecimento do Dr. Gustavo Augusto Lima, ocorrido em Fortaleza. Homem de sólida cultura e cearense dos mais ilustres, sua morte constitui perda irreparável na galeria dos grandes filhos do Estado. Reproduzimos ligeira biografia sua, saída na "orelha" do seu último livro.

Nasceu no dia 5 de janeiro de 1917, na cidade de Lavras da Mangabeira, Ceará, filho de João Augusto Lima e de Marieta Leite Lima.

Fez o Curso Primário no Grupo Escolar da cidade natal. O ginásial foi feito no Ginásio do Crato, de 1929 a 1933. Transferido para Fortaleza, concluiu o 5º ano no Colégio Castelo Branco no ano de 1934. Em 1936 fez vestibular na Escola de Agronomia do Ceará, onde em 1939 diplomou-se em Engenheiro Agrônomo.

Exerceu as seguintes funções: Secretário e Prefeito, por duas vezes, do Município de Lavras; Deputado Estadual; Servidor do Tribunal de Contas do Ceará; Subassistente da Secretaria de Agricultura, em Fortaleza; estagiou por cerca de seis meses no Instituto Baiano do Fumo, junto à Estação Experimental de Fumo, no Município de Afonso Pena — Bahia; Encarregado do Serviço de Fomento do Fumo em sua terra; Engenheiro Agrônomo e Professor de Agricultura Geral e Especial do Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira, do qual foi Diretor e fundador do Estabelecimento e do Posto Agropecuário. Publicou Cultura do Arroz, em 1973, Cultura do Milho, em 1975, Cultura do Feijão-de-Corda, em 1979, Cultura do Arroz — 2ª Edição — em 1982. É sócio correspondente do Instituto Cultural do Vale Caririense. É membro da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Ceará e do Conselho de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da 9ª Região.



Gustavo Augusto Lima.

Obras do Autor:

- Cultura do Arroz — 1ª Edição — 1973*
- Cultura do Milho — 1ª Edição — 1975*
- Cultura do Feijão-de-Corda — 1ª Edição — 1980*
- Cultura do Arroz — 2ª Edição — 1982*
- Cultura da Cana-de-Açúcar — 1ª Edição — 1984*

Faleceu em 28.12.88, em Fortaleza.

Teresina

Ano Vinte e Cinco

Francisco de Vasconcellos

Eu havia me formado em Direito a 19 de dezembro de 1961. Um mês depois, numa sexta-feira, 19 de janeiro de 1962, eu iniciava minha primeira viagem ao Nordeste.

Meu vizinho em Petrópolis, Gabriel Luiz Gorges, descendente de colonos germânicos originários de Geisfeld, Bispado de Trier, região do Mosel, trabalhava para Pio Fanti, um empresário de ônibus de origem italiana, que possuía um caminhão Mercedes Benz ano 1959. Ao volante deste carro mourejava Gabriel levando móveis de São Paulo para vários pontos do Nordeste e trazendo de lá para cá as mercadorias eventualmente disponíveis.

Há muito ele insistia comigo para que fizéssemos uma viagem juntos. O momento escolhido não poderia ser melhor. Livre da Faculdade, cumprida etapa importante de minha existência, habilitado para a vida profissional, seria válido tomar um banho de brasilidade, antes de encarar o dia-a-dia do Fórum.

O meio de transporte era ideal, pois eu teria oportunidade não só de viver o cotidiano do caminhoneiro, mas também de ver desdobrar-se diante dos meus olhos, lenta e paulatinamente o espetáculo que ofereceu a saga nordestina, seja no sertão, seja no litoral.

Nesse tempo a única ligação terrestre entre o Centro-Sul e o Nordeste era a legendária Rio-Bahia, BR-04, aberta durante a guerra por motivos estratégicos. Não passava de uma trilha que acompanhava os acidentes geográficos, sem obras de arte de vulto.

Mas em 1962, a nova Rio-Bahia, planejada sobre a rota da matriz e adaptada a todas as exigências das rodovias modernas, estava em plena construção. Já se contavam longos trechos asfaltados, mas os desvios ainda eram inúmeros e o aproveitamento dos vestígios da velha pista, uma necessidade inelutável. Enfim já se vislumbrava a futura BR-116, que seria inaugurada e entregue ao tráfego em 1963, ainda no governo João Goulart.

Tive oportunidade, por conseguinte, de conviver com a construção da Rio-Bahia e de ver sumir pouco a pouco o leito do primitivo caminho pelo qual transitaram tantos heróis anônimos, tropeiros motorizados, escrevendo a verdadeira história da conquista deste país.

Vale lembrar que a rodovia que então despontava tinha seu marco zero em Areal, no município fluminense de Três Rios, onde se entroncava na histórica União e Indústria e terminava em Feira de Santana, Bahia,

prolongando-se para o Nordeste em várias direções, através das antigas trilhas de terra batida.

Uma semana levamos para cumprir o trecho Petrópolis-Recife. Eram cerca de 16 horas de viagem diária, com pernoites em pontos já conhecidos do motorista. Alimentação abundante e barata em lugares estratégicos, desses que os caminhoneiros recomendam.

Ao longo dos 2.400 km de estrada, as inúmeras cidades de hoje, dotadas de infra-estrutura, iluminação abundante, telecomunicação, estação rodoviária, hotéis decentes, ruas pavimentadas, não passavam de arcaicas que dormitavam à margem do progresso. Lembro-me da desolação de Jampruca, município de Capanário, MG., hoje a 12 km da BR-116; dos logradouros estreitos e mal-calçados de Vitória da Conquista, BA; da pobreza de Serrinha, Araci e Jeremoabo, ao norte de Feira de Santana; dos hotéis do Deserto e do Peba, únicos vestígios da presença humana nos 98 km da famosa reta do Mirim, no sertão de Pernambuco; das modestas cidades de Arcoverde, Pesqueira, Tacaimbó, Sanharó, Belo Jardim, Gravatá, Vitória de Santo Antão, velhos burgos pernambucanos carentes de tudo. Enfim o Recife, capital do Nordeste, ainda com todas as características de uma cidade colonial.

O primeiro contato foi com a Praça Maciel Pinheiro e ruas circunjacentes, onde seriam descarregados os móveis. Impressionou-me a arborização abundante naquele canto da Boa Vista. Depois, Santo Antônio, Recife Velho e São José, onde o Mercado transbordava pelos logradouros próximos e pelo Cais de Santa Rita, com aquela impressionante variedade de peixes e de frutas. Os pátios, igrejas e casario seculares, traziam a tona um Brasil pachorrento e ainda carregado de características medievais. O Pina era o máximo, com lagostas e camarões a preço de banana e Boa Viagem, o balneário sem pressa e sem compromisso, com ruas sem pavimentação, casas aprazíveis com quintais enormes juncados de fruteiras e a brisa constante a embalar as tardes nos poucos bares existentes, onde a cervejinha gelada e a agulha frita alimentavam os papos preguiçosos. Nas ruas do centro circulavam ônibus de duas classes e ainda trafegavam os últimos bondes. Podia-se atravessar a Guararapes lendo jornal, sem risco de atropelamento, contava-me enfático um recifense ufanista.

Na altura, o Jornal do Comércio do Recife e o Diário de Pernambuco, veiculavam notícias desse jaez:

Brasil condenará regime comunista de Fidel Castro;
Museu da Abolição funcionará no Sobrado Grande da Madalena;
Prazo a Cuba para rever a sua posição;
Usa-se a Aliança para o Progresso com intimidação;
Coexistência com Cuba mas condenação a Fidel Castro por adotar o comunismo;
Ditadura militar prega já Lacerda;
Dean Rusk sugeriu um contra-ataque de 4 pontos contra o comunismo cubano;
Ação enérgica contra Fidel perde terreno;
Foguete norte-americano vai em direção à lua;
Os EUA insistem em pôr o regime de Fidel Castro em quarentena.

Como se vê os assuntos não eram muito diferentes dos de hoje e até certos nomes e situações são os mesmos. Mas o Nordeste que então eu via e sentia pela primeira vez, com a sensibilidade e o espírito crítico do pesquisador que despontava, era, pelo menos a nível material, bem diferente do Nordeste dos dias que correm.

A viagem de volta incluiu uma escala em Salvador, a Velhacap como então era cognominada em oposição a Brasília que acabara de nascer. O Largo dos Mares foi o ponto de descarga. E foi também onde me alojei, num hoteleco de quinta categoria. Nesse tempo a Praça Cayru, coração do chamado Comércio, era juncada de oitis. Ali funcionava o terminal de ônibus da Cidade Baixa. As frutas da estação rolavam pelas calçadas e o Mercado Modelo fazia a festa de autóctones e forasteiros, num clima de muita tipicidade e descontração. Ainda não havia soado a hora do turismo massificado que desgraçaria a arte popular da Boa Terra.

A Rua Chile seguia sendo o ponto nobre da Cidade Alta, ligando as praças Castro Alves e Tomé de Souza, partindo-se daí para a Sé, o Terreiro de Jesus, a Igreja de São Francisco, o Convento do Carmo, onde os holandeses assinaram a rendição em 1625, a Igreja de Santo Antônio, onde o Conde Bagnuolo rechaçou os holandeses em 1638, o Pelourinho à época inteiramente entregue ao léu da sorte.

A chamada orla marítima, mal começava, sendo Itapoã longínquo areal crivado de coqueiros. Água de Meninos que depois ardeu, segundo dizem criminosamente, vivia a informalidade de uma feira permanente, no autêntico estilo árabe, sob as vistas da velha Igreja de São Joaquim, rodeada de casas doadas por D. João VI, para recolhimento de órfãos desvalidos.

A chegada a Petrópolis ocorreu a 6 de fevereiro de 1962. Era uma terça-feira. O rádio de bordo anunciava a morte de Portinari, pouco antes de chegarmos ao ponto de partida.



Esse primeiro contato com o Nordeste foi de tal forma gratificante, marcou tanto os meus ainda não-concluídos vinte e quatro anos, que não resisti a um novo convite do meu amigo Gabriel, formulado durante a festa de São Judas Tadeu patrocinada por Maria Tereza Monteiro de Queiroz Vieira, em Correas, 2º Distrito de Petrópolis.

E assim a 8 de novembro de 1962, quinta-feira, estava eu novamente na boléia da "Mercedinha", desta vez destinado a Fortaleza, Ceará.

Até Feira de Santana, a grande novidade correu por conta dos avanços da Rio-Bahia em vésperas de inauguração. Mesmo assim, ficamos retidos num enorme engarrafamento, pouco além de Muriaé, por causa das chuvas torrenciais que caíam em território mineiro, pondo em risco cortes e aterros recém-terminados.

De Feira para cima seguia intocada a trilha cruzada por raros automóveis e poucos ônibus, freqüentadíssima, entretanto, pelos caminhões e incipientes carretas mal-adaptadas às surpresas que o caminho oferecia.

Os vestígios de Canudos marcaram um momento de emoção antes do Tarrachil, ponto em que cruzaríamos em balsa o Rio São Francisco.

Salgueiro, em pleno sertão pernambucano era paupérrimo burgo cercado de caatinga braba.

Sem que houvesse qualquer vislumbre de asfalto, de rede elétrica, de fios para telecomunicação, de satélites para transmissão de imagem, de redes para canalização d'água, lia-se de repente numa placa à beira da estrada: CEARÁ. Logo depois aparecia o Jati, trazendo de volta as páginas românticas de José de Alencar.

Brejo Santo já em pleno Cariri, fazia a festa da fartura num restaurante de beira de estrada. Era autêntico banquete oriental.

Mais além, o Ipaumirim. Aí quebrou-se a carcaça do diferencial da "Mercedinha". O recurso mais próximo estava em Cajazeiras, alto sertão paraibano. Para ali levamos a peça que deveria ser soldada. Num dos raros hotéis da despreziosa urbe, deram-me uma rede para dormir, um pinico para qualquer necessidade noturna, uma bacia e um jarro com água para a higiene matinal e um fífó para clarear o quarto. Tudo muito rudimentar, mas autêntico e limpo.

Sanado o problema, seguimos viagem enfrentando poeira e costeleta, até Messejana, onde um arremedo de asfalto, desses marcados pelo interesse eleitoreiro nos levou à Praça do Ferreira, coração da capital cearense.

Fortaleza nesse tempo não ia além de Mucuripe. A Aldeota começava a fazer sucesso e a Praia do Futuro não era mais que um deserto. As ruas tinham péssimo calçamento e a iluminação era sofrível. Fora do comércio e da função pública não havia espaço para vãos promissores. A cidade vivia basicamente entre as praças do Ferreira e José de Alencar com prolongamento até o Passeio Público, então lugar aprazibilíssimo. O Mercado estourava de belo artesanato regional, de frutas, de doces e de gêneros variados. Era ponto obrigatório para o visitante que dali saía carregado de lembranças e gulodices.

As manchetes da época, estampadas pela Gazeta de Notícias, davam conta de uma verba de 90 milhões para a hidroelétrica de Araras, de um faturamento de 6 bilhões de cruzeiros que o Ceará tivera com a produção de cera e de algodão, da construção de uma fábrica de asfalto, da ameaça de Cuba de abater qualquer avião que cruzasse seu espaço aéreo.

Como se vê o assunto de Cuba seguia na ordem do dia, agora revigorado pelo insucesso do bloqueio que a inabilidade norte-americana lhe queria impor.

A longa viagem de volta teve uma digressão no Icó, de onde alcançamos Iguatu, Jucás e Cariús, onde um carregamento de algodão esperava transporte para a fábrica de Andorinhas no município fluminense de Magé.

Ali ainda encontrei corroído pelo tempo enorme quantidade de material que seria utilizado na construção de um açude durante o Governo do Presidente Epitácio Pessoa. Tanto gasto inútil numa terra ávida por investimentos sadios.

No dia 1º de dezembro de 1962, sábado, cruzava gloriosamente a faixa final, retornando à casa, no Caetetu, em Petrópolis.



Para quem nascera e se criara no Rio de Janeiro, a cidade encantada dos brasileiros, a eterna corte engalanada sobre a qual convergiam todas as atenções oficiais, num clima de autêntica mania, conforme a visão crítica de Sílvio Romero, a urbe que imaginava não haver salvação fora dos seus muros, segundo sagaz observação do Mestre Câmara Cascudo; para quem veraneava em Petrópolis, cidade mito que nascera em berço de ouro, bafejada pelos mais alcandorados sonhos da aristocracia brasileira, completamente distante da verdadeira realidade nacional, o Nordeste era um mundo surpreendente, uma experiência gratificante, para quem o conhecia em carne e osso, com o espírito liberto de preconceitos e os olhos da compreensão e da pesquisa honesta.

De repente eu me vira ali em pleno regime feudal, alimentado pela incúria das oligarquias dominantes e pela parlapatice dos políticos e compreendera o drama de um povo fadado à pobreza e ao êxodo, injustas punições para tamanho capital humano.

Ah, se aqueles povos tivessem conhecido a Universidade desde o século XVI, como lograram os dominicanos, mexicanos, colombianos, peruanos!!!

Maldita a hora em que a Confederação do Equador não obteve êxito. Talvez ainda tivesse havido tempo de reparar tanta injustiça e de sacudir uma raça intrépida e mentalmente brilhante, resgatando-a da subcondição humana em que alcançou o século XX.

O Nordeste que eu conhecera em 1962, não diferia muito daquele de trezentos anos atrás. E, em 1964, quando tornei àquelas plagas com o interesse definido de aí fazer investigações folclóricas, o quadro permanecia inalterado.

O poder civil nestas terras de Santa Cruz agonizava sob os desmandos do janguismo. O país caminhava para o caos, para o radicalismo barato, bárbaro e improdutivo. O Nordeste anacrônico e medieval, presa fácil nas mãos de extremistas irresponsáveis ardia nas chamas dos movimentos sindicais, das greves políticas e das fujicações das ligas camponesas.

Reinava a desordem, a insatisfação e a insegurança.

Foi nesse clima que viajei para Crato, no Ceará, num ônibus da Viação Varzealegrense, nos primeiros dias de janeiro de 1964.

Na altura ainda não existia a Rodoviária Novo Rio. A exigüidade do superado terminal da Praça Mauá não permitia que todas as linhas

com saídas do Rio de Janeiro partissem de sua única plataforma. Assim, os ônibus que se destinavam ao Nordeste faziam ponto, em geral, em suas agências espalhadas nas imediações do Campo de São Cristóvão. A Varzealegrense não fazia exceção à regra.

A viagem do Rio a Crato durava em média quatro dias. Havia pernoite, porque só um motorista conduzia o coletivo durante todo o percurso. Asfalto, somente até Feira de Santana. Daí em diante tudo era piçarra e catabi.

Certo companheiro de viagem recomendou-me que procurasse em Crato o professor José de Figueiredo Filho, homem polivalente, que sabia tudo do Cariri.

Foi a melhor recomendação que poderia receber. Avistei-o em sua casa da rua Lima Verde, nº 2, logo assim cheguei ao meu destino. Selamos uma amizade que durou até sua morte em agosto de 1973. Foram portanto nove anos de convívio epistolar, de visitas mútuas, de entrosamento intelectual perfeito. Foi dele a sugestão para que eu criasse “Encontro com o Folclore”, e foi através dele que comecei a colaborar em Itaytera, honra e glória da cultura caririense.

Após as coletas necessárias, sempre guiado por Figueiredo Filho, desloquei-me para Teresina, valendo-me de uma rodovia empiçarrada, leito da futura BR-316.



Ninguém ignora que o Brasil levou cerca de 450 anos se movendo por ilhas. O litoral era tudo e a cabotagem cobria os principais portos, mantendo o contato entre as comunidades costeiras, de norte a sul deste verdadeiro continente.

A busca do sertão, do verdadeiro coração brasileiro, não deixou de ser uma preocupação desde os tempos coloniais. A captura do silvícola, os criatórios de gado e o ouro nortearam a conquista das montanhas, matas intrincadas, planaltos e campos, levando o meridiano de Tordesilhas até quase os contrafortes andinos.

As tropas, os vaqueiros, os faiscadores, fizeram a história anônima e grandiosa dessa escalada. Os caminhos por eles trilhados foram as bússolas de um sistema viário que se afirmou ao longo dos séculos, alinhavando, precariamente embora o território pátrio. Mas a maioria dessas trilhas mal conseguia ser carroçável até meados da presente centúria. Poucas se prestavam ao trânsito de veículos modernos. Por outro lado, as ferrovias que aqui apareceram a partir dos anos cinquenta do século passado jamais obedeceram a um plano integrado e metódico, de maneira que em inúmeros casos fracassaram, tornando-se inúteis ao ponto do desativamento.

Sendo o Brasil fruto do casamento da sesmaria com a tropa, os governos da República, sensíveis a essa inelutável tendência brasileira, procuraram dinamizar o nosso sistema rodoviário, buscando nas linhas trans-

versais uma comunicação mais efetiva do litoral com o sertão, numa urdidura eivada de senso geo-político. Isto não quer dizer que tivessem sido desprezadas as grandes linhas longitudinais, estratégicas, algumas turísticas outras integrativas, todas.

Surgia assim o plano rodoviário nacional que se completaria na capilaridade das redes estaduais e municipais.

É bom registrar, por uma questão de justiça, que antes do advento do regime republicano, três grandes vultos haviam se empenhado na luta rodoviária, buscando nas ligações transversais uma melhor integração do litoral com o "hinterland" pátrio. Refiro-me a Júlio Frederico Koeler iniciador dos trabalhos da Estrada Normal da Estrela; a Mariano Procópio Ferreira Lage que, fazendo prosseguir essa estrada beirando o Piabanha e o Paraibuna, construía a estrada União e Indústria, que colocaria o Rio de Janeiro em contato com Juiz de Fora, com vistas a conectar-se com a Mantiqueira e o Planalto Central; a Teófilo Ottoni que, criando a colônia germânica do Mucuri, na região leste de Minas Gerais, tentou ligar o litoral baiano ao planalto mineiro, buscando o vale do Jequitinhonha e o Rio São Francisco.

Washington Luiz governou abrindo estradas, mas a única que deixou perfeita e acabada, segundo os melhores padrões da época, foi a Rio-Petrópolis, que hoje leva o seu nome. No fundo ele estava voltado para o Planalto Central, que não pôde atingir devido às carências de sua época.

Mas verdade se diga, as grandes rodovias brasileiras começaram a aparecer depois de 1950, implantando-se aqui a chamada República dos Empreiteiros, na avaliação feliz e oportuna de Samuel Wainer em seu recente livro de memórias. É então que o problema é atacado de verdade e que as ilhas brasileiras vão cedendo lugar a um continente de verdade. É quando o solo pátrio começa a ser pavimentado, permitindo melhor fluxo de veículos e a explosão da indústria nacional, pela maior facilidade da circulação das mercadorias.

Eu vi o Brasil ser asfaltado. Essa escalada teve início justamente quando eu começava a ver as coisas com interesse e espírito crítico. Em 1950, somente a Rio-Petrópolis, a Via Dutra, recém-inaugurada, podiam ter o nome de rodovia, com capeamento, faixas de segurança e sinalização. Ainda me recordo que se viajava na terra, de Juiz de Fora a Belo Horizonte, de São Paulo a Curitiba e daí a Porto Alegre, de Petrópolis a Salvador etc. etc.

Foi incontestavelmente Juscelino Kubistschek o homem que multidiacionou o progresso nacional, tendo entre suas metas prioritárias a nossa rede rodoviária adaptada aos padrões internacionais.

Aquele pólo hegemônico, longe do litoral, sonhado desde a Independência, materializou-se em Brasília, nascida da audácia do Presidente que, em complemento a ela, projetou e realizou a ligação de Belém do Pará com o Rio de Janeiro e o sul do país. Era a integração nacional de corpo

inteiro e estupendo avanço do ponto de vista geopolítico, fato que não escapou à sensibilidade dos analistas dos países vizinhos.

O campo estava pois aberto às futuras escaladas que houveram por bem consolidar a nova capital e conectá-la com todo o país, através de um redimensionamento da malha rodoviária nacional. Criou-se uma nova mentalidade e uma outra visão do Brasil a partir de Brasília. Mas o cumprimento dessas diretrizes e de outras mais somente tomariam vulto a partir de abril de 1964.



Se o Nordeste deve enormemente à Revolução de 64, o Piauí tem para com ela uma dívida irrisgatável.

Os arroubos libertários do após-Revolução confirmam aquela lei física aplicada à vida em geral, de que a toda ação corresponde uma reação igual e em sentido contrário. Aí estão pois expressões típicas de um período de transição, tais como **entulho do autoritarismo**, **atitude fascista** e outras tais, que já vão se desgastando na medida em que a perspectiva temporal permite um repensar do passado próximo e uma reavaliação do comportamento dos fatos que fizeram a História. Fala-se por exemplo do custo social do progresso brasileiro nos vinte anos do chamado período revolucionário. Escolhidos certos exageros e distorções, que obra gigantesca no mundo não impõe custo social e também político e financeiro? O que se não pode negar, a não ser que se tenha muita má-fé, é que o Brasil de 1985, máxime em termos materiais, está a milhares de anos luz daquele de 1964, que já era bem diferente do de 1950.

Naquela madrugada de janeiro de 1964, em que saí de Crato, no rumo de Teresina, gramei mais de doze horas de viagem, passando por lugarejos mofinos promovidos a cidades. Araripina, Picos, Valença, Elesbão Veloso, engatinhavam na barbárie, com falta de tudo. Nada de luz elétrica, telefone, asfalto, calçamento, água encanada, esgoto e assistência em geral. Estavam ainda em pleno período colonial.

Noite fechada, o ônibus cruzou as ruas escuras da capital piauiense estacionando numa praça diante da agência.

Um menino tomou a mala da minha mão e levou-me ao Teresina Hotel de Alarico Hidd, na parte alta da rua Paissandu, quase praça Pedro II.

Naquele "black out" em que velas e lamparinas davam a impressão de um mergulho no passado, perguntei ao hoteleiro onde eu poderia jantar.

Resposta imediata e sem cerimônia: — A esta hora, só na zona.

Era na parte baixa da Paissandu, quase à beira do Parnaíba, e o único ponto iluminado da cidade. Desconhecendo os hábitos da terra, não quis arriscar-me e resolvi dormir de estômago vazio.

No dia seguinte, inteirei-me da situação. A luz de Teresina era fornecida por uma usina movida a lenha, estabelecida na rua Santa Luzia. A cidade, dividida em dois setores, tinha cada um deles iluminado em dias alternados. Na noite da minha chegada a vez era da zona, nesse tempo enormíssima, hoje quase extinta.

Fundada em 16 de agosto de 1852, na Chapada do Corisco, vertendo para o Parnaíba e para o Poti, Teresina tinha quase 112 anos quando a vi pela primeira vez. Além dos problemas energéticos, já aludidos, a capital piauiense, substituta de Oeiras, vivia, em janeiro de 1964, à míngua de tudo. A Cidade Verde, cognome justíssimo pela exuberância da flora nas ruas e praças, quase não tinha transporte urbano. Havia linhas que não possuíam mais que dois coletivos, em péssimo estado de conservação, sem bancos, sem janelas, sem pintura, com motores que tinham entre vinte e trinta anos de uso. Hotéis, apenas o Teresina, onde me hospedara, e o Hotel Piauí, patrimônio do Estado, fronteiro à Praça Deodoro, mandado construir pelo governo, dada a inexistência de um local decente onde pudessem se hospedar pessoas gradas de passagem pela capital piauiense. Ainda assim o hotel deixava muito a desejar, com garçons mal-ajambrados, comida sofrível, pobreza total. Hoje não alcançaria meia estrela na classificação da EMBRATUR. Entretanto era o ponto para as reuniões diurnas e noturnas. Fora dali, as alternativas eram os bares infectos e a zona, regorgitando de gente baixa e mal-encarada.

O centro urbano, mal-calçado, conservava uns poucos templos dignos de menção — Igreja de Nossa Senhora das Dores, datada de 1871, na Praça Saraiva; Igreja de São Benedito, com frente para a avenida Antonino Freire, sagrada em 3 de junho de 1886; Igreja do Amparo, na Praça Deodoro, antigo parque da Bandeira. Os prédios públicos e alguns particulares davam um certo ar de nobreza à urbe, pela circunspecção de suas linhas, sendo abundante as janelas ogivais. Na Praça Pedro II, destacava-se o Teatro Quatro de Outubro e, em torno da Praça Deodoro, alinhavam-se as repartições oficiais quer do Estado, quer do Município. Num dos flancos da Praça, via-se o Mercado com feira quase permanente de comestíveis, roupa e artesanato. Pios de inhambu, colheres de mandacaru, urupemas, objeto em fibra regional, redes de dormir, vassouras de palha de carnaúba, sapatos, malotas e alpercatas de couro, podiam ser encontrados aí, a preços razoáveis para a época. Todo esse material, segundo informações obtidas no local, procedia primordialmente do Ceará e do Maranhão.

À margem do rio Parnaíba, divisor natural das terras piauienses e maranhenses, viam-se inúmeros barracos feitos de palha de babaçu, onde se aglomerava a população pobre. Diziam-me na altura, que a medida que o rio ia enchendo, na época das águas, os barracos iam mudando de lugar, sempre em busca de terreno seco e seguro. Teimosos heróis anônimos viviam ali, aperfeiçoando a paciência e a perseverança, a dar lições na burguesia flácida e pretenciosa, discursiva e palavrosa, distante do verdadeiro Brasil.

Do outro lado do rio, espalhava-se a pequena cidade maranhense de Timon, antigo São José de Flores, burgo que à época possuía até um jornal, o Correio do Timon.

Com todo esse atraso material em relação ao chamado mundo civilizado, Teresina era uma cidade esplendorosamente verde, aprazível, pacata, onde assalto era apenas grito de carnaval. Ali ainda viviam velhos hábitos interioranos. Registrei na altura o entregador de roupa procedente das lavadeiras, que usava uma bicicleta tendo balaio preso ao porta embrulho, forrado de pano branco, com sarrafo atravessado pelo lado de dentro, perto da boca. Nesse suporte eram penduradas as roupas transportadas que, protegidas pelo trançado do balaio, chegavam impecáveis ao destino. Variante desse tipo de entregador anotei em Salisbury, hoje Harare, na antiga Rodésia, agora Zimbábue e também em Maputu, capital de Moçambique. Eram mulheres que penduravam cabides de onde pendiam roupas por todos os lados do corpo e assim caminhavam pelas ruas no rumo dos fregueses.

Um outro tipo popular da Teresina de 1964 era o vendedor ambulante de carne, que atravessava uma vara sobre os ombros, de onde pendiam peças do produto, como acontece com os mercados de galináceos vivos, ainda encontrados em vários rincões brasileiros.

Teresina, cidade cujo nome é uma homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, foi, depois de Petrópolis, a segunda cidade projetada que o Brasil conheceu. Niterói teria sido a primeira, conforme o historiador Carlos Wehrs, não fosse o abandono do projeto por parte dos poderes competentes.

Oeiras, a antiga capital piauiense, vinda de princípios do século XVIII, cedeu aos impulsos das idéias progressistas do aurorescer do segundo reinado. Perto dela, no lugar Boa Esperança, município de Jaicós, o Padre Marcos de Araújo Costa fundou, em torno de 1820, colégio onde foram educados os filhos das principais famílias do Piauí, os Souza Martins, Coelho Rodrigues e outros. O Visconde de Parnaíba, Manoel de Souza Martins, senhor feudal da Província, foi um dos alunos daquele educandário.

Mesmo com o deslocamento do eixo político-administrativo para Teresina, o velho colégio de Boa Esperança seguiu na sua função educadora, até que outros estabelecimentos teresinenses ocupassem o seu lugar.

Boa Esperança é hoje não só uma grata reminiscência, mas uma mensagem de alívio e de esperança, pois é das centrais elétricas desse nome que provém a energia que redimiu o Piauí e fez de Teresina uma capital de verdade. Luz é vida e força é progresso.

Vinte e cinco anos se passaram. Nunca mais voltei a Teresina. Não obstante acompanhei o multidirecionado progresso brasileiro de 1964 a 1988.

Voltava de Natal, onde fora participar das homenagens aos noventa anos de nascimento de Luís da Câmara Cascudo. Já que estava no Nordeste e dentro daquele meu velho programa de reciclar Brasil, resolvi viajar até o Recife e daí a Teresina, servindo-me do sistema rodoviário.

Embarquei na moderníssima estação da capital pernambucana num ônibus confortável da tradicional empresa Princesa do Agreste. Rompi o ano de 1989 viajando pelo sertão de Pernambuco, sempre sobre o asfalto hoje um tanto danificado pela incúria do governo atual, criador da operação desmonte. Aqueles burgos precários e acanhados são hoje cidades com estações rodoviárias, hotéis, ruas calçadas, farta iluminação, orelhões por toda parte, animação em todos os quadrantes. Picos, Valença e Elesbão Veloso, já no Piauí, denunciam que por ali passou forte onda de progresso.

Enfim Teresina e sua Estação Rodoviária Lucídio Portela, inaugurada em 1983.

Não muito longe dali o imponente estádio Albertão, encravado em densa zona residencial de classe média baixa.

Tomei um táxi e à medida que o auto rolava por avenidas asfaltadas dotadas de ciclovias, tinha a impressão de haver chegado em outro planeta. Mas era Teresina mesmo. A presença do rio Parnaíba não deixava margem a dúvidas. Desembarquei diante do Teresina Palace Hotel, ostentando duas estrelas no frontispício. Não mais aquele albergue escuro e desconfortável, mas um hotel com apartamentos, banho privado, TV, frigobar e outras mordomias. Café da manhã régio, restaurante impecável. Era portanto um outro estabelecimento, embora construído no mesmo lugar onde Alarico Hidd explorava o seu negócio. O Hotel Piauí desaparecera. Em seu lugar estava o Luxor Hotel do Piauí, com suas quatro estrelinhas, ar condicionado central e todo um serviço de categoria, para turista nenhum botar defeito. E quantos hotéis encontrei em Teresina!!! São mais de dez hoje, puxando a lista o Rio Poty, com jardins de Burle Marx, cento e vinte apartamentos, salões de convenções, restaurante (cozinha francesa), piano-bar, pista de dança, piscina, sauna, "Shopping center" contando dezesseis lojas.

Os transportes urbanos melhoraram enormemente. Inúmeras linhas de ônibus trabalhando com veículos até certo ponto aceitáveis. E já se fala em pré-metrô.

As praças e parques seguem verdíssimos e agora me pareceram mais bem cuidados. A Praça Saraiva, lembra a Place des Palmistes de Caiena, capital da Guiana Francesa; a Praça Deodoro, está completamente gradeada e tem algo de um "Green Park" em pleno trópico; as praças Rio Branco, do Liceu, João Luiz Ferreira, da Liberdade ajudam a vestir a urbe com a exuberância das folhagens regionais.

Lá para os lados do Ininga, implantou-se a Universidade Federal do Piauí, criada em 1969 e instalada em 1972.

Na Praça da Liberdade está a Biblioteca Estadual desde 14 de novembro de 1973; no auditório Herbert Parentes Fortes, na Av. Manoel Rosa, funciona o Cinema de Arte; na Praça Marechal Deodoro estão o Teatro de Arena e o Museu Histórico do Piauí; na Praça Demóstenes Avelino está o Museu de Arte Didática; na rua Coelho Rodrigues, o Museu Artístico Histórico.

No lado par da Avenida Antonino Freire sobre um taboleiro verde guardado pelo buritital de cocares armados, pouso o Palácio de Karnak, sede do governo estadual, linda construção grega em estilo jônico, presença helênica no tropicalíssimo Piauí.

Mais de vinte restaurantes para todos os gostos espalham-se pela cidade. Ao longo do Parnaíba corre a avenida Maranhão, homenagem ao Estado vizinho e uma balaustrada de concreto guarnece a beira do rio, onde se alinham inúmeros pontos de ônibus urbanos. Não mais os barracos de palha de babaçu, embora sob a ponte interestadual exista discreto bolsão de miséria.

A iluminação, graças à Usina de Boa Esperança, é feérica e não há repartição pública que não tenha ar condicionado central, mormente a agência do Correio e a Telepisa.

O velho mercado está melhor servido de mercadorias. Dentro e fora do prédio é um merçar permanente de gaiolas de buritirana, pios de inhambu, esteiras, centros de mesa e serviços americanos de seda de buriti, luminárias de carnaúba, mucunã e sisal, redes e tarrafas de tucum, artigos de couro, artesanato em madeira, lúdica infantil, roupa, pássaros diversos, frutas de ocasião etc. etc.

Enfim, Teresina é hoje uma festa, uma cidade onde se respira otimismo e tranquilidade, onde assalto continua sendo grito de carnaval.

Basta que se atente para as datas adrede mencionadas e que se tenha alguma dose de isenção e honestidade, para se afirmar corajosamente que não só Teresina, o Piauí, o Nordeste em geral, mas todo o Brasil se beneficiaram enormemente com o movimento de 64.

E se quiserem, lá vão mais alguns exemplos: a Estação Rodoviária de Fortaleza, CE., foi inaugurada a 23 de março de 1973; o novo prédio da Biblioteca Pública do Ceará, criada em 25 de março de 1867, foi entregue ao público a 6 de fevereiro de 1975; a moderna e confortável Prefeitura de Crato, CE., começou a funcionar em 1979; o Terminal Rodoviário de Governador Valadares, MG., é de abril de 1976 e o de Teófilo Otoni no mesmo Estado é de 3 de julho de 1971 etc., etc.

E as hidroelétricas, as empresas de telecomunicação, as universidades, a rede hoteleira, as opções turísticas, o transporte integrado? Negar o óbvio é asnice ou falta de caráter.

Não poderia encerrar essa etapa da reciclagem brasileira, especialmente nordestina, sem viajar de ônibus de Teresina a Brasília. Foram 34 horas praticamente sobre asfalto, percorrendo o sul do Piauí, parte

da Bahia e de Goiás. É verdade que cruzei algumas corrutelas piauienses — Água Branca, São Pedro, Regeneração, Amarante, Cristino Castro, Monte Alegre, Corrente, — mas também foi gratificante contemplar o progresso de Floriano e Canto do Buriti e depois, já em território baiano, as lindíssimas plantações de soja da região de Barreiras, distante ainda 630 km da Capital Federal.

A bordo, piauienses, maranhenses, cearenses, mineiros e até o carioca autor dessas linhas se deslumbravam com a possibilidade de viajar da ribeira do Parnaíba ao Planalto Central, numa aventura impossível vinte e cinco anos antes.

Em 23 de janeiro de 1989

Cobras

A vida no sertão

Antenor Gomes de Barros Leal

Rendo-me aos tempos de minha meninice, de minha juventude e de homem, quando conheci a vida das populações rurais, seus costumes, seus sentimentos e suas cativantes virtudes.

O sertão, mesmo no estio, com os açudes e o verde vivo do canavial, que dança com o zunido dos ventos, é verdadeiramente maravilhoso. Mais ao longe, vemos os xerófilos, que enfeitam os campos, dando a impressão de inverno, destacando-se o juazeiro e o pau-branco com as suas copas bem ramificadas e abundantes de folhas. Dentro deste contexto, porém, temos a parte negativa. As labutas dos nossos fazendeiros são de uma crueldade impressionante; basta que lembremos a castração que se faz de macete, de volta e de faca em novinhos, carneiros, bodes, cachorros, frangos, touros, cavalos e jumentos. Difícil está um desses machos morrer como nasceu.

Atualmente, em fazendas ricas, a "torquês veterinária" executa o trabalho menos doloroso porque é mais rápido. As fêmeas e a criação miúda não escapam ao sofrimento. São ferradas com ferro em brasa, ou têm as orelhas retalhadas pelos sinais do seu dono. Depois vêm as vaquejadas para deleite dos homens. Corre o boi, e o indômito vaqueiro na corrida desabalada, com agilidade extraordinária, segura-lhe a cauda num impulso violento de baixo para cima, fazendo-o rolar pelo chão por cima de pau e pedra. Feliz a rês que não quebra as pernas, o pescoço ou o quarto.

Não há motivos para estranheza, dizermos que o homem é o mais inconseqüente e cruel dos animais, chamado de racional, ainda mais quando o vemos exterminando a nossa fauna e devastando as nossas matas.

Também ao lado da malvadez humana temos ainda as onças, os gaviões, os carcarás, o morcego que a noite sangra o animal para beber o sangue, mas, como conseqüência do extermínio da nossa fauna, devemos dizer que, felizmente já escasseiam mesmo nas serras, as terríveis onças que matam os rebanhos, como sejam a Suçuaruna, a Pintada, a Maçaroca, a Pixuna e a valente Onça Preta que ataca o homem principalmente o negro, devido ao cheiro desagradável do seu suor. Temos ainda o terrível gavião que devora os pintos e passarinhos, a raposa matreira que durante a noite ataca os galinheiros, e o perverso carcará que se banqueteia arrancando os olhos e as línguas dos borregos e dos bacorinhos, quando não estão protegidos pela presença das mães, que se transformam em indomáveis feras contra os agressores.

No quadrilátero formado pelo rio Curu, a Serra da Uruburetama, o litoral e o rio Aracati Assu, existe uma perigosa aranha conhecida pelo nome de Viúva Negra ou Flamengo (preta e vermelha) cuja ferroadada já tem causado a morte de muitas pessoas; as que não morrem, passam a sofrer, durante certo período, de numerosos achaques. Contra a picada da *Latrodectus mactans* (Viúva Negra), existe o soro Antictênico por via intramuscular e em caso grave por via endovenosa.

Também é sabido que os sapos daquela zona são sujeitos a uma espécie de hidrofobia. Quando doentes correm atrás das pessoas, e, se mordê-las, causam graves ferimentos de difícil cicatrização, já se tendo registrado casos de morte.

Por fim, temos as cobras venenosas: cascavel, jararaca, coral e surucucu. A cascavel (venenos hemolíticos e neurotóxicos) é uma cobra do gênero *Crotalus*, cujo veneno é muito ativo, e a cauda, munida de pequenas cápsulas secas, emite, quando agitada, um ruído comparável ao farfalhar de folhas.

A jararaca (veneno proteolítico), é o nome de várias espécies de serpentes venenosas da família dos crotalídeos e a coral (veneno neurotóxico) é uma cobra venenosa, cujo corpo é formado de anéis pretos, amarelos e vermelhos.

A surucucu é a mais peçonhenta das cobras existentes no território cearense e só é encontrada na Serra de Baturité — Ceará. Possui dois venenos, neurotrópico e proteolítico, da cascavel e da jararaca, respectivamente.

Venenos:

Coagulantes, que coagulam o sangue.

Proteolíticos, que destróem células da pele, músculos e veias.

Hemolíticos, que destróem os glóbulos vermelhos do sangue.

Neurotóxicos, que atuam sobre alguns centros nervosos do cérebro.

É importante que se diga que não é verdade que a serpente venenosa tenha a cabeça em forma de triângulo, nem que seus olhos sejam iguais aos de um gato durante o dia, nem que perca o veneno. Também não é verdade, que a idade da cascavel seja determinada pelo número de anéis do seu chocalho. Pode-se porém afirmar que cada vez que a cascavel muda de casca, cria um anel que desaparece com o correr do tempo, passando a ser chamada de "cascavel de sabugo". Outra idéia falsa é a existência de cascavel de quatro ventas. Com exceção da coral, a cascavel e a jararaca têm dois buracos entre as ventas e os olhos, que são as fossetas nasais, que servem para perceberem o calor que exala dos animais próximos.

Não esqueçamos que o veneno da cascavel é muitas vezes mais letal que o da jararaca. As outras cobras são mais traiçoeiras, porque primam pelo silêncio. Facilmente podemos distinguir a VENENOSA da não venenosa. A cobra que tem veneno possui duas presas, morde a vítima e

fica no local ou anda devagar e pára por perto. Embora ande preguiçosamente, é ágil no bote, que é certo, atingindo sempre no meio da perna para o pé, dificilmente alcança o joelho de um adulto, razão por que o trabalhador rural devia usar botas, ou, pelo menos, calça bem cumprida, de tecido grosso e bem larga. Todas as cobras nadam bem e podem mordem dentro d'água.

Só a coral venenosa tem dois dentes (presas) superiores dianteiros fixos. A coral que não tem veneno tem apenas pequenos dentes no fundo da boca.

A cascavel e a jararaca têm dois dentes (presas) móveis e geralmente deitados no céu da boca, projetando-se para fora quando irritadas e preparadas para o bote.

A cascavel prefere as capoeiras rasas, os coivaraís, enfim os lugares secos, enquanto a jararaca vive mais nos locais úmidos, como sejam baixios de açudes, moitas dos rios, lagoas e alagadiços. Todas as cobras sobem em árvores em caso de grandes chuvas e só param no meio da mata para descansar. As cobras venenosas rastejam suas vítimas, assustam-se com facilidade e rapidamente dão o bote, que atinge o alvo. As não-venenosas gostam de viver enroscadas nas árvores, nos troncos ou nos galhos. Como se alimentam de rãs, de caçotes, jias, mocós, catitas, sapos, preás etc. demoram mais em beira de estradas, de caminhos estreitos, dentro das lavouras, ao redor das casas, das cercas e dos currais. A várzea ao longo do rio não é menos perigosa que o local da pescaria. A CASCABEL, em tempo de chuva ou quando o terreiro está molhado, procura entrar nas casas por debaixo das portas. Se a pessoa mordida não for medicada com soro, suas possibilidades de escapar com vida dependerão da dose inoculada e também da espécie de cobra que a tenha mordido. O repouso absoluto se faz necessário antes da aplicação do soro.

Vemos assim que o principal motivo da morte é o atendimento tardio, a falta de repouso e a dosagem insuficiente. Isto acontece freqüentemente com as crianças, que por serem menores recebem pequena dose de soro. O soro é para a neutralização do veneno; portanto a dosagem deve ser a mesma do adulto. Também o tamanho da cobra não indica menor perigo. As pequenas cascavéis e corais, mesmo com um palmo de comprimento, podem matar uma pessoa adulta. Convém repetir que o veneno das cobras pode matar, conforme o local da mordida, em poucas horas ou até em sete dias por **coagulação** do sangue, pela destruição das células da pele, dos músculos e das veias, produzindo até a **gangrena**. Destróem os glóbulos vermelhos e atacam os centros nervosos do cérebro.

Sabemos que existem pessoas tão sensíveis, que, mordidas por cobra não venenosa, ficam em estado de morte, e se curam com a chegada do REZADOR, com aplicação da "pedra de tabuleiro", de dente de jacaré ou bebida de cachaça, chá de ateira, de raiz de cabeça de negro etc. Daí a necessidade da identificação da serpente, se é ou não venenosa.

Vejamos: a mordida da jararaca produz dor forte em poucos minutos e vai aumentando gradativamente. Depois vem a inchação, a vermelhidão, até ficar o local bem roxo, abrindo feridas. Por isso se diz: "Jararaca quando não mata, aleija". Horas após a mordida, podem aparecer vômitos e urina sangüínea e turva, assim como sangramento das gengivas, dos ouvidos, do útero, dos intestinos, febre e frios.

A dor da mordida da cascavel é forte se for na ponta dos dedos, poucas horas depois desaparece, ficando o dedo dormente e dando a impressão de ferroadas de vez em quando. As presas são finas o que dificulta perceber-se o local da mordedura. Dentro de uma hora a visão da pessoa vai faltando, as pálpebras se fecham e só com muita dificuldade ela consegue entreabri-las. A urina toma a cor de café fraco, até faltar completamente. Perto de morrer, o doente sente agitação em todo o corpo.

Mordida da Cobral Coral. Dentro de meia hora, começa a faltar a visão e adormecer a perna ou o braço. Aparecem salivação, dificuldade de engolir e de falar. Aparecendo agitação no corpo e dificuldade de respirar, é sinal de morte próxima.

Tratamento: Sabemos que existem nos grandes centros alguns serviços especializados, com métodos eficientíssimos, usando aspiração, antitoxinas, transfusões etc. além de técnicas especiais de determinação da quantidade de tóxico inoculada.

No sertão tudo é diferente. A vítima logo depois da mordedura da cobra permanece em repouso absoluto até ser levada para casa em cadeira ou rede — nesse ínterim procura-se matar a cobra para abrir a boca e verificar se é venenosa, isto é, se tem as duas presas.

Qualquer pessoa, mesmo que tenha os dentes estragados ou furados e não tenha ferida na boca e no estômago, chupa com força no local da cisura. O veneno da cobra não penetra pelas cáries dos dentes nem pela mucosa ou pele. Não saindo sangue fura-se o local umas seis vezes com agulha, espinho ou ponta de faca fina. Não se deve cortar. Tenta-se retirar o sangue com força, o mais possível, sem medo do veneno. O sangue é aspirado e cuspid. Mesmo que a pessoa engula o sangue com o veneno, não há perigo nenhum. Isto deve ser feito com a maior urgência, dentro de 10 a 15 minutos. O veneno da cobra só mata, quando injetado. Engolido, repito, não produz nenhum mal. Terminada essa operação de chupar o sangue, o doente é levado imediatamente para casa a fim de receber o soro indicado. NÃO se amarra a perna ou o braço do doente. Ele é reanimado com chás quentes adoçados com açúcar ou rapadura, de 2 em 2 horas. Duas ampolas, ou mais, de soro devem ser aplicadas por via subcutânea, uma, logo depois a outra nas costas, na barriga, na face lateral da coxa ou na fase interna da perna. Só em casos gravíssimos, devem ser injetadas uma ou mais ampolas na veia, o mais DEVAGAR POSSÍVEL. O resultado será animador quando se verifica que o pulso está voltando. OBEDECER religiosamente à dosagem indicada na bula,

que pode elevar-se a dez ou mais ampolas para cada vida, independente da idade do bebê ou pessoa pequena e fraca. Na picada de CASCAVEL aplicar o soro ANTICROTÁLICO do Instituto Vital Brasil. Na picada de JARARACA, aplicar o soro ANTIBOTRÓPICO do referido Instituto. Na picada da CORAL, na falta de soro ANTIELEPÍNICO aplicar o soro ANTIOFÍDICO. Na picada da SURUCUCU, na falta do soro ANTILAQUÉSICO aplicar o soro ANTIOFÍDICO do Instituto Vital Brasil.

Repito: o soro é para a neutralização do veneno injetado pela cobra e não tem relação com a idade ou o peso da vítima. No caso de dúvida da espécie da cobra, cascavel, jararaca, coral ou surucucu, convém aplicar com a máxima urgência o soro antiofídico do Laboratório Vital Brasil, que serve para mordedura das quatro terríveis serpentes, razão da maior quantidade de ampolas para cada caso.

Importante:

Todos os sintomas podem, nos casos tratados, reaparecer entre o 8º e 20º dias, o que indica novo tratamento — “não levar em consideração, nos casos graves, o perigo de um possível acidente anafilático se o doente já tiver tomado soro em ocasião anterior ao acidente atual; o risco de morte pela peçonha é, nos casos graves, sempre muitas vezes maior do que o de um acidente por hipersensibilidade ao soro.

POSOLOGIA: Compêndio Médico Andrei — 22ª edição, páginas 534 e 535.

Sintomas benignos: 5 ampolas do soro antiofídico. Sintomas graves: 8 ampolas do soro antiofídico. Sintomas gravíssimos: 15 ampolas do soro antiofídico. Todas as injeções de soro devem ser aplicadas na mesma ocasião, uma após a outra, aparecendo sintomas alérgicos, depois da aplicação do soro, deve-se procurar o médico urgentemente para que sejam tomadas as devidas providências.

E assim é a vida do Sertão, cheia de benesses e de perigos, mas o que nos conforta é sabermos que temos meios para enfrentá-la com coragem e amor.

Nota: No sertão de Boa Viagem — Ceará — vi duas pessoas com edema (inchação) em todo o corpo, no segundo dia da aplicação do soro, que ficaram curadas com um purgante de sal amargo.

Leitura científica
Tópicos do livro "Parasitologia Médica"

páginas 381 a 389
Drs. Ruy, Inácio e Enio

Ofidismo

— **Aparelho inoculador de peçonha:**

O aparelho produtor e inoculador de peçonha (aparelho ióforo) é formado pelo conjunto das glândulas secretórias de peçonha (salivares modificadas) e dos dentes maxilares diferenciados para injetar a peçonha e que possuem, ou não, um canal ou sulco longitudinal, em conexão com a glândula.

De acordo com a posição e estrutura destes dentes inoculadores, as serpentes podem ser grupadas em quatro séries:

Aglifodonte (Aglifas) — sem dentes maxilares diferenciados. Todos os dentes mais ou menos iguais, maciços (sem sulco ou canal) serpentes consideradas não peçonhentas (boipeva, caninana etc).

Opistoglifodonte (opistóglifas) — com um par de dentes maxilares diferenciados, localizados na parte posterior e providos de um sulco longitudinal dorsal. Dada a posição dos dentes, a inoculação da peçonha se torna difícil. Raros são os acidentes causados pela picada dessas cobras. Semipeçonhentas (maçurana, corais não peçonhentas etc).

Proteroglifodonte (Proteróglifas) — Com um par de dentes maxilares diferenciados, localizados na parte anterior e providos de sulco longitudinal dorsal. Peçonhentas (corais verdadeiras).

Solinoglifodonte (Solinóglifas) — Com um par de dentes maxilares diferenciados canaliculados, localizados na parte anterior, solidariamente móveis com o maxilar — verdadeiras presas — recobertos, no estado de repouso, por uma prega da mucosa à guisa de bainha. Peçonhentas (jararaca, surucucu, cascavel etc).

— **Famílias de importância médica:**

Família Elapidae

Os elapídeos são cobras pequenas com o corpo apresentando faixas transversais ou anéis, vermelhos e negros. São as chamadas "cobras corais". O povo confunde as "verdadeiras corais" com opistóglifas que podem apresentar também manchas no corpo formando anéis. Os elapídeos são serpentes extremamente venenosas, embora pouco agressivas e rápidas na fuga. Os elapídeos brasileiros pertencem todos ao gênero *Micrurus* (as que têm cauda curta).

Família Crotalidae

São os mais perigosos ofídios; 90% dos casos de ofidismo são devidos a picadas de cobras desta família.

A subfamília *Crotalinae* é representada no Brasil pela terrível cascavel (*Crotalus terrificus*). Crotalismo.

A subfamília *Lachesinae* tem como principais representantes; a Surucucu. (*Lachesis muta*); a jararaca (*Bothrops jararaca*) e várias outras espécies do gênero *Bothrops*. Botropismo.



“Não há remédio algum até hoje preparado, a não ser o soro, capaz de curar um só caso de picada por serpente, peçonhenta”. (Flávio da Fonseca).

Nota: Devemos proteger os animais ofiófagos (comedores de cobras), “cobra preta (muçurama), “Siriema”, “Maratataca”, “Cangamba” etc.

3 Mensagens

Valdelice Alves Leite

Maravilhosa Dádiva

CHAMA-SE VIDA!

Num ambiente social agressivo e dispersivo às vezes, onde se deprecia o valor da vida, percebemos quão maravilhosas é essa dádiva de Deus. É ter a consciência da realidade de estar vivo, dá às pessoas uma força imperiosa que as faz vencer os obstáculos e as leva a uma existência prazerosa. A chave deste prazer é ser intrinsecamente sincero pois quem é sincero sabe escutar as vozes da razão e da emoção.

Sabemos que a vida oferece o direito de acumular experiências que propiciam melhor vivência a quem se ama a si mesmo, e, conseqüentemente ao próximo. Tentando a prática do primeiro e grandioso mandamento “Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo” consegue-se ver claro nos momentos mais difíceis. Ser consciente deste dever requer um processo de aperfeiçoamento contínuo e progressivo.

Claro que a ânsia de viver existe: os enfermos, os deficientes físicos, salvo algumas exceções, têm uma poderosa fonte de bom astral que os fazem conservar a esperança do bem-viver. Por que não darmos a nós mesmos chances de progredir sem queixas e insatisfações, assumindo responsabilidades perante a própria vida?

Acordemos para o real e agradeçamos a Deus pelo milagre da vida... maravilhosa dádiva!

Conservar uma boa aparência somada com a vivacidade, esta é a receita para uma imensa alegria de viver. Nunca se deixar abater pelas transas do destino, pelos traumas da velhice — patrimônio dos muitos anos bem vividos.

Diz o Dr. Zerbini, que quando uma pessoa opta por uma carreira, ela tem que ser a melhor naquilo que escolheu. Procuremos, portanto, ser os melhores na arte do bem-viver e reconheçamos sempre os benéficos efeitos da graça divina.

Todos os dias há um novo sol para fazer renascer o ritmo da existência para todos nós, embora ninguém escape ao passar do tempo. Mas, nem por isso o espetáculo da vida fica menos atraente. Diz Hélio Carneiro em um dos seus artigos publicados na revista “Mulher de Hoje”, que, “a medida que os anos vão correndo, mais atenções temos de dar a nós mesmos para preservar o imenso capital de beleza que temos e que se resume mesmo numa única coisa: VIDA”.

“Procurar viver bem, é uma obrigação e um direito de cada ser humano.”

Dia de graças

Emocionadas ouvimos a leitura da ata redigida há 50 anos, por ocasião do término do nosso curso normal, a 23 de novembro de 1937.

Aqui estamos de volta, alegremente e em grande número, para rendermos graças ao Altíssimo pelos anos bem vividos que se foram.

Nos momentos mais duros, encontramos em nossa fé, o ensinamento, a edificação e o consolo. Imbuídas dessa fé que nos foi inculcada ardorosamente na juventude, pelos nossos pais e pelas filhas de Paula Frassinetti, perlustramos os caminhos da vida, afrontando quiçá, obstáculos ou vendavais, escalando a íngreme subida, às vezes quase inacessível, em busca da realização dos nossos ideais.

Ao longo dos acessos, como apóstolas, mães e educadoras, discípulas que fomos da "Flor da Ligúria", cultivamos flores, procurando aliviá-las dos espinhos e, felizmente, o temos conseguido. Estas, trazemo-las simbolicamente ao altar, como preito de gratidão.

Nossos filhos receberam a herança do nosso sangue e as verdades de nossa crença e de nossas virtudes. E é com grande satisfação que temos como partícipe dos nossos descendentes, o celebrante padre Pedro Vicente, filho de nossa colega Maria Inês Albano. Ele, representante de Cristo, oficia esta missa solene, onde o filho de Deus, como no Calvário, é oferta sagrada, para a salvação da humanidade. Jesus nos afasta os espinhos e os assume no flagelo de sua coroação. Corpo e sangue na Eucaristia. Ele nos dá a vida eterna. Neste momento de emoção em que nos comunicamos diretamente com Deus, nossos olhos se fecham e ao redor tudo parece escuridão. Mas, bem no íntimo se acende a claridade do nosso eu. Então vemos o horizonte pontilhado de esperanças, e de nossa boca plena de ternura, sai a canção do amor eterno: a ORAÇÃO.

Também neste momento solene, recordamos, com saudade, as colegas Cleide Alcântara e Antonieta Siqueira. Não choremos a sua ausência, elas apenas partiram antes para guardar os nossos lugares na mansão do além; estão em paz, e em espírito aqui presentes.

Quanto à inesquecível Zezita Petribu, o nosso amado colibri... repousa um pouco, cansado de tanto adejar de flor, distribuindo o pólen vivificador de sua sabedoria. Um dia voltará ao nosso convívio.

Nós, componentes da turma de 1937, escalamos um longo aclave, e do alto onde nos encontramos, podemos descortinar a beleza das paisagens terrenas por onde andamos, sobraçar flores e perscrutar o infinitismo do firmamento, onde o azul é pura essência e onde tudo é PAZ. Já estamos aureoladas pela névoa das alturas, porém as rosas que conduzimos não se despedirão jamais ao anoitecer das nossas vidas. Ao clarear das madrugadas sempre chegando, o orvalho benfazejo de graça divina nos renovará até podermos depositar aos pés de Deus, rosas redivivas para todo o sempre.

Que nos sejam dados muitos anos de vida profícua, mas, quem sabe... já estamos às vésperas de tudo o que não finda?! Por isso mesmo queridas colegas, marquemos o nosso encontro daqui a 50 anos nos páramos celestes. JESUS, sem cruz e sem espinhos, nos acolherá num amplexo de amor eterno. Assim seja!

COMBINADO?

Agradecimento

Estamos aqui, Gisela, Jufacha e eu própria, sendo homenageadas pelo decorrer da nossa permanente união matrimonial por 50 anos: “Jubileu de Ouro”. Cada qual com seu parceiro, é claro.

O que significa esse período de tempo, parecendo longo, mas que é tão curto pela passagem célere dos dias, das semanas, dos anos?...

Diz o nosso poeta maior, Artur Eduardo Benevides, que: “a árvore da vida em verde se transfaz mesmo ferida”; daí, penso eu, o milagre da renovação do amor ou mesmo só da amizade, no convívio dos casais assim unidos permanentemente.

Em nossos dias, quando o matrimônio não é mais o único caminho para a mulher se realizar na vida, a verdade é que precisamente a amizade, compreensão e carinho, o respeito mútuo, fazem parte da “química misteriosa” que une um homem e uma mulher num casamento.

Lembremos certo diplomata israelense (antigo padeiro), que no Brasil foi convidado a dar uma aula sobre a sua especialidade culinária a algumas senhoras da sociedade. Ele usou a didática das comparações, dando a receita de uma massa de pão básica e depois ensinou a confeccionar uma trança de pão; disse ele: “basta usar a regra da justiça social absoluta: quem está por cima vai para baixo e quem está embaixo vai para cima”. É uma técnica perfeitamente adaptável ao casamento, pois, justamente da troca de atividades, do emaranhado de afinidades físicas, sociais, intelectuais e espirituais sobretudo, resulta a massa básica da vivência ou sobrevivência, acessível ao manuseio da trança que une firme e permanentemente os casais no decorrer de suas vidas. O pão alimenta o corpo; o casamento dá vida às sociedades subseqüentes.

Diz o poeta: “Nem sempre a vida é má e o tempo rubro/Há momentos azuis, há cousas belas/há pássaros em nós, há paralelas/que conduzem o finito ao infinito”.

E é agradável, depois de tantos anos... 50 anos... ouvir o parceiro dizer: “Como é bom estar casado com você”.

Fomos homenageadas pelas companheiras da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

Enterrando os meus mortos

José de Alencar Bezerra

Isidro Bezerra

Faleceu em 23 de janeiro deste ano, o meu irmão Isidro de Alencar Bezerra. Nasceu em 1905, em pleno advento da borracha.

Seu pai, o Major Vitalino Pereira de Maria Bezerra, era alto comerciante, exportador e importador em Pio IX, Piauí. Assistiu, mais tarde, às secas de 15 e 19, quando o viu perder quase tudo o que possuía.

Com 15 anos de idade perdeu o pai, tendo que assumir as responsabilidades de chefe de família.

Estudou com o professor Antônio Pereira Bezerra (Pico) que tinha o curso completo de Seminário e foi um dos pioneiros da introdução da gramática em Pio IX. Professor primário, Isidro, a princípio, ensinava particular, depois ajudou a esposa, Argemira Bezerra, professora em escola pública em Patrocínio, pois casara com ela em 1926.

Nos primeiros anos de casados, enfrentou a vida de ambulante. Comprava fazenda em Fortaleza e vendia, a prazo, nos municípios de Pio IX, Picos e Oeiras.

Em 1930 entrou para o serviço público, tendo sido nomeado Tabelião em Patrocínio. Nesse campo sempre se conduziu com honestidade e competência. Era advogado do povo, mas nunca cobrou consulta de ninguém.

Gozava da confiança dos amigos e dos adversários.

As sentenças que fazia para os juizes leigos de Pio IX eram aprovadas por unanimidade no Tribunal de Justiça.

Os alistamentos que fez eram elogiados pelo Tribunal Eleitoral.

Certa feita, seus adversários pediram uma correição no Cartório de Isidro. Veio fazê-la o Secretário do Tribunal Eleitoral, Dr. Jorge Modesto, com todo o rigor. Depois de concluídos os trabalhos, o Dr. Modesto deixou em ata, mais ou menos, os seguintes conceitos: "Meus parabéns ao Tabelião Isidro Bezerra, pela honestidade e competência demonstradas no alistamento".

Do primeiro casamento, teve os seguintes filhos:

Vitalino de Alencar Bezerra, formado em Direito. Destacou-se na advocacia, principalmente na tribuna do júri. Aposentou-se como Procurador Geral da Prefeitura de Teresina. Publicou a biografia do Pai, "Mensagem Humana do Tabelião Isidro". Casou-se com a prima Ivone Alencar Bezerra, professora.

Joaquim de Alencar Bezerra, formado em Direito. É professor da Universidade Federal do Piauí, Diretor da Faculdade de Direito da mesma Universidade. Tem vários trabalhos jurídicos publicados. Procura, com a sua liderança política, ajudar as novas gerações. Foi Deputado Estadual do Piauí e Presidente da Assembléia Legislativa do seu Estado. Casou-se com Elizabeth Melo de Alencar Bezerra, companheira e amiga que o realizou no casamento.

Maria do Carmo Maciel Bezerra (Carminha). Substituiu o Pai com grande competência no Primeiro Cartório de Pio IX. É inteligente e boa, tem uma bonita obra de assistência social. É viúva do agrimensor Crisóstomo Maciel.

Almerinda Oliveira de Alencar Bezerra. Professora. Muito solidária com a família. Funcionária da Universidade Federal do Piauí. É boa mãe de família e está dando bom grau na educação de todos os seus filhos. Casou-se com o colega de repartição, José Alexandrino de Oliveira. Gosto muito dele. Foi meu companheiro em Fortaleza, para resolvermos muitos problemas sociais.

Quero evocar, agora, um pouco da vida de rapaz de Isidro. Pio IX, naquele tempo, da década de 20 a 30, era uma cidade verde, cercada de colinas, que ficavam muito bonitas nas épocas de inverno. As árvores floridas circundavam a cidade. Os invernos bons. Boas safras de milho, feijão e algodão, numa atmosfera de progresso religioso, social e econômico, com o paroquiato do Pe. Cícero Santos, bandas de música, serenatas...

Isidro gostava de serenatas. Não cantava, mas declamava muito bem. Os amigos mais próximos eram o primo Heli Bezerra, jovem alegre, de bom papo nas rodinhas de calçada e Oriel Cortês. Oriel era seresteiro, dono de bonita voz, acompanhava-se ao violão e cantava saudosas modinhas, vai, aqui, o fragmento de uma:

“Acorda, virgem, não durmas;	Não vês o belo luar
Que o meu peito se inflama	Que a tua ausência reclama?
A noite é tão preciosa	A noite é tão preciosa
Não deve dormir quem ama	Não deve dormir quem ama.

Casou-se Isidro em segundas núpcias com a professora Antônia Moura Santos de Alencar Bezerra. O casal lutou para educar a família, tanto ele quanto ela orientavam os filhos e seus deveres escolares no 1º e 2º graus e mesmo na Universidade.

Isidro chegou a mandar para os filhos na Universidade trabalhos de português, de gramática narrativa e de literatura, que muito auxiliaram os filhos, sempre estudiosos, e graças a Deus, vitoriosos.

Foram filhos do segundo matrimônio:

Maria Isis Santos de Alencar Bezerra, engenheira civil e química, dirige a AGESPISA da região de Picos, é conciliadora, muito estimada por funcionários e clientes, tem se conduzido à frente desse repartição com competência e probidade. É filha extremosa e parenta dedicada.

Eugênio José Santos de Alencar Bezerra, acadêmico de letras, tem boa redação e tendência para a música. É prestimoso, amigo e solidário com a família.

Isidro Filho, acadêmico de Medicina, está fazendo o curso com distinção.

Francisco Santos de Alencar Bezerra, cirurgião dentista, homem de ação, já tem resolvido problemas sociais intrincados, de familiares.

Berilo Santos de Alencar Bezerra, engenheiro-químico, empregou-se no ano de sua formatura, pela competência demonstrada nos cursos e concursos públicos.

O mano Isidro deixou profundas saudades em todos os seus, que lhe veneram a memória. Todos estão sendo dignos do pai e avô que tiveram.

Alzira Maria Bezerra

Faleceu a 30 de dezembro de 1988, minha prima Alzira, em Teresina. Era filha do Major Joaquim Pereira Bezerra e Maria Carolina Bezerra. Passou a sua adolescência e mocidade numa década privilegiada de Pio IX, de 1920 a 1930. Em 1925, na festa da Padroeira, em agosto, veio o primeiro automóvel a Pio IX. Era do senhor Joaquim Arraes.

Logo em setembro do mesmo ano, o Pai de Alzira, comprava um caminhão Federal Naity e meu tio um automóvel Ford.

Era uma época de progresso.

Alzira era encarregada de botar para todo o povo os discos na vitrola do irmão Heli. Tendo nascido na riqueza e com boa situação econômica, isso não influiu na sua formação moral, espiritual e comportamento.

Vestia-se bem. Seus vestidos eram feitos em Fortaleza e Teresina, mas conservou sempre a simplicidade, que permaneceu com ela enquanto viveu.

Casou-se com José Gomes de Alencar, Zezinho, de Várzea Alegre, CE.

Ele foi Juiz de Direito, leigo, da Comarca de Pio IX, vereador na mesma cidade em várias legislaturas, homem de coragem, sempre soube resolver situações difíceis com inteligência e valor; é uma figura humana de ricas qualidades, leal e bom, constituindo um privilégio tê-lo como amigo.

Os filhos do casal:

Maria Núbia Simões Bezerra de Alencar, no episcopado de Dom Augusto Alves, primeiro bispo de Picos, Diocese a que pertence a Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio de Pio IX, houve grandes transformações em sua pastoral.

Núbia foi uma das líderes dessa renovação. Explica o evangelho, faz homilias, dirige celebrações pelos defuntos, com o seu cristianismo autêntico e progressista. Tem feito muito bem aos paroquianos de Pio IX.

Casou-se com Júlio Simões Filho, pecuarista, com largo espírito de justiça social.

Anadir Bezerra de Alencar, coordenadora do Complexo Escolar de Pio IX. Grande educadora. Casou-se com o primo Antônio Alencar, jovem que foi colaborador do irmão Francisco Alencar. Os caminhões de sua usina não cobravam passagem de ninguém. Foi um bom comunicador. Era uma fonte de informação entre a cidade e o sertão.

Neusa Bezerra de Alencar, professora. Sempre cuidou da parte social da unidade escolar onde servia. Casou-se com o primo, Dr. José de Alencar Neto, médico benemérito, a quem Pio IX muito deve. Foi ele prefeito e fez boa administração. Neusa foi uma perfeita primeira dama, cuidando dos pobres e da assistência social.

Joaquim Bezerra de Alencar, comerciante no Estado do Acre.

Inácio Bezerra de Alencar, funcionário federal.

Geraldo Bezerra de Alencar, secretário do Colégio Francisco Suasuna de Melo, de Pio IX.

Dr. Benedito Bezerra de Alencar, engenheiro-químico em Macció-Alagoas.

Disse Augusto Comte que os mortos governam os vivos. É verdade. Eu sinto grande presença, em minha vida, dos meus queridos mortos.

Antônio de Alencar Araripe

Conheci Dr. Araripe nos idos de 1933 em Pio IX, de passagem para a sua fazenda CONDADO. Senti logo que tinha ganho nele um grande amigo.

Cego de nascença, desejava sair de Pio IX para frequentar uma escola especializada. Dr. Araripe me incentivou a executar este meu ideal dizendo: “se a família não concordar com sua ida, fuja para a minha casa em Crato, que eu o encaminharei para um instituto”. Escreveu para o Dr. Belizário Távora, no Rio de Janeiro, pedindo um lugar para mim no Instituto Benjamim Constant, estabelecimento do Ministério de Educação e Cultura, para a educação de cegos. O Dr. Belizário respondeu que

o Benjamim Constant estava fechado para obras, oferecia-me um lugar na Sociedade Aliança dos Cegos.

A família se opôs que eu fosse, com medo que eu viesse a sofrer. Quando fundou-se o Instituto de Cegos do Ceará, escreveu para o meu irmão Isidro me enviar para lá. Recomendou-me ao Rotary Clube de Fortaleza e colaborei na consolidação naquela grande obra de ensino especializado.

“Um transformador de regiões”

Casou-se com Donita, a grande companheira e colaboradora de sua obra social! Quando começou a visitar Pio IX, a cidade não tinha telégrafo; ele o conseguiu logo por intermédio de Juez Távora. Incentivou os parentes da mulher a estudarem. Promoveu a família, tanto a própria como a de Donita, dando-lhes ambiente nas grandes cidades.

O humanista

Tratava bem todas as classes sociais. Nas rodas de calçadas do sertão, orientava vigários, prefeitos e juizes do que deviam fazer para o progresso daquelas comunidades. Dava gosto à noite se ver, em sua fazenda Condado, como conversava com os trabalhadores, aconselhando-lhes a maneira de viver melhor.

Hoje, quando há uma seca na fronteira do Piauí com o Ceará, os açudes que abastecem d'água foram todos arrançados por ele. Do lado do Piauí, o açude Cajazeiras, em Pio IX, e Barreiras, em Fronteiras; e no Ceará, Poço de Pedras, em Campos Sales, e Várzea do Boi, em Tauá. Era um grande homem.

Aniversário

Simeão Luna Machado

Ao mano Sebastião, que comigo aniversaria

Eu quis fazer um poema,
Pra nossa festa alegrar;
As palavras me faltaram
E eu tive de repensar.

Nossa mãe, a fazer queijos,
Nós, a rondar a cozinha,
Atrás da rapa queimada,
Bem cedo, de manhãzinha.

Eu insisti na procura,
Pra alguma coisa escrever,
Mas só encontrei saudades
De tudo que vou dizer:

Caçadas de borboletas,
Criação de passarinhos;
E a enorme alegria,
Quando encontrados seus ninhos.

Saudades de nossa infância,
Que nunca mais voltará;
Das águas do Batateiras,
Dos poços do Jatobá!

Nos passeios pelos campos,
De manhã ou à tardinha,
Com alegria alvoroçada
Colhíamos a bananinha.

Das partidas de pião
E das gostosas peladas;
Dos nossos banhos de chuva,
Correndo pelas calçadas.

Saudades da Araripe,
Da Garganta, propriamente;
Das eternas farinhadas,
Brincando com aquela gente!

Das caçadas lá no Lobo,
Da Cascata, da Nascente,
Das festas da padroeira,
Que tanto alegravam a gente!

Saudades daqueles tempos,
Do velho Manoel Palmeira,
De Isabel, sua filha,
Das moças, a mais faceira.

Nossa casa, no Farias,
Dentro dos canaviais;
Nossos alegres folguedos
À sombra dos mangueirais!

Do "seu" Raimundo Curáu
Com sua foice amolada,
A derrubar jequeri
Pra queimar na farinhada.

Da garapa nos engenhos,
Dos pulos nas bagaceiras
E dos gostosos balanços
Nos galhos das ingazeiras.

Até do trabalho árduo
Que tínhamos de executar,
Com o fole aceso nas mãos
Para a saúva matar.

E da Carnaúba eu falo,
Com vontade de chorar;
Era o lugar mais bonito,
Mais gostoso de morar.

Das caçadas de rolinhas
Com as nossas baladeiras,
Das esperas no barreiro,
Passando tardes inteiras!

Tinha banhos no açude;
No riacho, pescarias!
E o ajuntar dos bezerros,
Correndo nas pradarias.

Das nambus nas arapucas,
Das esperas pra jacu;
Dos fojos para preás,
Das caçadas de tatu.

Como me lembro de Tila,
Birro, Boim e Joaquina,
De Antônia e Madalena,
De Nenen e de Regina!

Saudades de todos eles,
Que nossa infância alegraram;
Quantos deles já se foram?
Quantos são os que restaram?

Hoje, completando anos,
Sessenta e tantos janeiros,
Relembrei a nossa infância,
Os nossos anos primeiros.

E passando u'a vista em tudo
Que para trás foi ficando,
Não controlei a emoção:
Senti que estava chorando.

Fevereiro de 1988.

Meu sabiá

Simeão Luna Machado

Meu sabiá, na gaiola,
Com seu cantar estridente,
Para a prisão não dá bola;
Parece viver contente!

De manhã, quando lhe mudo
A água e a velha comida,
Canta um pouquinho de tudo;
Parece alegre com a vida!

Com sua voz modulada
Estala e alto assobia.
Na sua linda toada,
Gorjeia com alegria.

Acostumado à prisão,
Não quer mais a liberdade:
Tendo garantido o "pão",
Prefere a soledade!

Se lhe deixo a porta aberta,
A sair, já nesta altura,
Com medo da vida incerta,
Olha mas não se aventura.

É como algumas pessoas
Que se acomodam na vida
E, achando as coisas boas,
Vão vivendo sem ter lida.

Preferem cativas ser
De um pedaço de pão;
Por isso, para viver,
Já não sabem dizer não.

Assim a vida se passa
Na gaiola da ilusão;
Convivendo com a desgraça,
A parte nenhuma vão.

Têm sua porta aberta,
Mas é triste verdade:
Com medo da vida incerta,
Desprezam a liberdade!

Documentos para a história de Missão Velha

João Bosco André

A Paróquia de Missão Velha foi criada a 28 de janeiro de 1748, tendo como primeiro orago Nossa Senhora da Luz, tendo sido mudado o seu Padroeiro no ano de 1760, que ficou sendo São José, e foram seus Vigários:

- 1º) Padre Gonçalo Coêlho de Lemos;
- 2º) Padre Manoel dos Prazeres Souza e Magalhães (em cujo Paroquiato foi construída a atual Matriz de São José);
- 3º) Padre José da Costa Calado;
- 4º) Padre José Ferreira da Costa;
- 5º) Padre José Gomes Barrêto ou de Sá Barrêto;
- 6º) Padre Antônio Lopes de Macêdo;
- 7º) Padre Manoel Ferreira da Cruz;
- 8º) Padre André da Silva Brandão (fundador da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de São José em 21.04.1791);
- 9º) Padre Hypólito Pereira da Cruz;
- 10º) Padre Francisco Xavier de Vasconcelos Maltêz;
- 11º) Padre Gonçalo Bezerra de Brito;
- 12º) Padre Antônio Leite de Oliveira;
- 13º) Padre João Nepomuceno de Brito, que faleceu antes mesmo de assumir as rédeas da Paróquia;
- 14º) Padre Ignácio Luiz de Melo;
- 15º) Padre Antônio Pinheiro Lobo de Menezes, serviu como coadjutor do antecedente (era filho do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro);
- 16º) Padre João Fernandes Vieira (eleitor na Confederação do Equador);
- 17º) Padre José Alexandre Correia Arnaud;
- 18º) Padre Joaquim José da Costa Caldas;
- 19º) Padre Francisco Benício de Carvalho;
- 20º) Padre José Modesto Pereira de Brito;
- 21º) Padre Antônio Pinheiro Lobo de Menezes, citado, que inventariou os bens da Paróquia para a mesma ser entregue ao seu sucessor;
- 22º) Padre Félix Aurélio Arnaud Formiga (foi vigário de Missão Velha durante 47 anos, de 1855 a 1902, quando faleceu a 28 de fevereiro. Homem de um despreendimento sem par, faleceu pobre, tendo como casa paroquial a sacristia da igreja. Caridoso a toda prova, foi o enfermeiro dos coléricos (pessoas acometidas pela *cólera-mórbo* no século passado), chegando o

seu espírito caritativo a tal ponto que, em 1877, por ocasião da grande seca que assolou o nosso Estado, não tendo mais o virtuoso Vigário Padre Félix sequer um vintém para socorrer aos famintos, desarmou a sua própria rede de dormir e deu a uma mãe acompanhada de seus filhos morrendo de fome, para que a vendesse e comprasse algo para matar a sua fome e de seus filhos);

23º) Padre Pedro Esmeraldo da Silva;

24º) Padre Horácio Teixeira;

25º) Padre Francisco das Chagas Barros;

26º) Padre Monsenhor Antônio Feitosa (grande benfeitor de Missão Velha, fundador e primeiro Diretor do Ginásio Paroquial e Escola Normal de Missão Velha, onde os estudantes pobres estudavam às expensas do mesmo);

27º) Padre Luiz Gonzaga Xavier;

28º) Padre Francisco Luna Tavares;

29º) Padre Luiz Martins Parente; e

30º) Padre Manuel Pereira Bezerra, atual.

Vale ressaltar a passagem de nomes importantes do clero cearense e outras paragens, como coadjuutores e cooperadores na labuta dos trabalhos paroquiais, podendo-se citar os padres: Martinho de Luna e Melo; Frei José Thomáz de São Bento (antigos missionários da Missão dos Cariris Novos — 1816); Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, mais tarde 1º Bispo do Crato; Carlotto Fernandes da Silva Távora, mais tarde sagrado Bispo de Caratinga-MG; José Castro Bezerra; João Francisco da Costa Nogueira; Manoel Antônio Martins de Jesus; João Carlos Augusto; Joaquim Franklin Gondim; Manoel Furtado de Figueiredo; José Silvino Ferreira Lima; Vicente Pinto Teixeira; Manoel Raimundo Nonato Pita; Manoel Cândido dos Santos; Nazário David de Souza Rolim; Paulino Nogueira Oliveira Gondim; José Coêlho da Rocha; Joaquim Alves de Oliveira; Aluísio Rocha Barreto; Raimundo Nonato Dias; Ágio Augusto Moreira; Davi Augusto Moreira; Silvino Moreira Dias; Neri Feitosa; José Leite Sampaio; Nicolau Leite de Souza; José Jésu Flor; João Begon; Rubens Gondim Lóssio; Osvaldo Rocha; Francisco Lopes Abath; Henrique José Cavalcante; Manoel Rodrigues de Lima; Francisco Limeira; Emídio Leite Cabral; Januário Campos; Hilário Leite de Macêdo; João Damasceno Penha; Francisco Tavares Arco-Verde; Semeão Macêdo; Argemiro Rolim; Isaac Antero Soares; Henrique Kleffner; Antônio Elfrink; Francisco Bli-sale; Manoel Lemos de Amorim; José Ferreira Lobo (Padre Ferreirinha); Manoel Duarte de Queiróz; Alzir Sampaio; Pe. Dr. Misael Gomes; Raimundo Evangelista; João Antônio de Araújo; Raimundo Monteiro; Joaquim Severiano Vasconcelos de Maria.

Em 12.dez.88.

A nova constituição e a “Vacatio legis” em matéria tributária

*Dr. Luís Otávio Brígido Memória**

A ampliação do âmbito de regulamentação da LEI COMPLEMENTAR, na nova Constituição Federal, ensejará graves e imediatas repercussões no nosso sistema tributário.

Anteriormente, previa a Constituição do Brasil, no seu art. 18, § 1º, que a legislação complementar teria incidência, apenas, quanto aos conflitos de competência tributária entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e regularia as limitações constitucionais ao poder de tributar.

Na nova Carta Magna, o legislador constituinte tratou exaustivamente da matéria tributária a ser complementada (art. 146, I, II e III, letras a, b e c).

Ora, todos sabemos que a Constituição é a fonte primária, suprema, magna, maior e superior do direito, que estabelece quais são as outras fontes do direito, validando ou invalidando as normas jurídicas do sistema. Aí o princípio da legalidade e o princípio da estrita legalidade, em matéria tributária, assumem feição constitucional. Em matéria tributária, mais que em outras, não somos obrigados a obedecer senão à lei e estritamente ao que na lei se contém.

O inidôneo DECRETO-LEI e seus congêneres, como veículos de criação ou majoração de tributos no regime da CF de 1967 e Emenda n. 1/1969, hoje já não mais afligem o contribuinte. E se eles não mais existem, porque extirpados pela cristalina fonte do novo texto constitucional, seus reflexos atinentes aos tributos e respectivos fatos geradores ou bases de cálculo não poderão se constituir direito anteriormente adquirido, do Fisco. É que, inexistindo tais preceitos na nova Constituição e sendo eles contrários à mesma, com a sua promulgação operou-se a natural “DESCONSTITUCIONALIZAÇÃO” dessas “elaborações legislativas”.

Ademais, sendo as LEIS COMPLEMENTARES, na escala hierárquica estabelecida pelo próprio texto constitucional, uma das mais eminentes e que está nos primeiros lugares, somente após a sua vigência é que poderemos conhecer como serão estabelecidas as “normas gerais

* *Juiz de Direito em Crato-CE.*

em matéria de legislação tributária, especialmente sobre: a) definição de tributos e de suas espécies, bem como, em relação aos impostos discriminados nesta Constituição, a dos respectivos fatos geradores, bases de cálculo e contribuintes; b) obrigação, lançamento, crédito, prescrição e decadência tributários”.

Portanto, até que seja elaborada LEI COMPLEMENTAR que explicita o que expressamente foi requerido pelo texto constitucional, nenhuma coercibilidade poderá ser praticada pelo Fisco contra o contribuinte, mesmo àqueles inadimplentes e que encontram-se “sub judice”, posto que operou-se a “VACATIO LEGIS” (vacância da lei).

Na atualidade, como poderiam os magistrados decidir sobre matérias atinentes a obrigação, lançamento, crédito, prescrição e decadência tributários, se o Estado se governa pelos três órgãos do poder e, constitucionalmente, pelo Executivo e pelo Legislativo, nesta matéria? Se não houve legítima participação do Executivo e do Legislativo, atinente à elaboração e sanção da LEI COMPLEMENTAR, o Estado não manifestou a sua lúdima vontade.

Inaugurado o Centro de Pesquisas Paleontológicas da Chapada do Araripe

A cidade do Crato viveu uma grande festa, na manhã do dia 29 de outubro de 1988, quando foi oficialmente inaugurado o seu Museu de Fósseis, integrante do Centro de Pesquisas Paleontológicas da Chapada do Araripe — C.P.C.A., também oficialmente aberto naquele dia.

Trata-se de um local para conservação e classificação de todos os tipos de fósseis existentes na região, estando as suas metas assim previstas:

- Proteger e preservar os depósitos fossilíferos da Bacia do Araripe e regiões adjacentes, em observância ao disposto no Decreto-Lei nº 4.416, de 04 de março de 1942.
- Organizar e manter um acervo fossilífero e exposições permanentes ou temporárias.
- Executar e incrementar os estudos e pesquisas paleontológicas estratigráficas da Bacia do Araripe e adjacências.
- Organizar e manter uma Biblioteca científica especializada.
- Promover e estimular cursos, palestras e excursões sobre a paleontologia e geologia da Chapada do Araripe.
- Orientar e instruir a população local sobre a importância cultural e o valor científico dos fósseis, imbuindo nelas o fundamento da preservação.
- Criar uma infra-estrutura capaz de receber pesquisadores e estudantes em paleontologia e outras ciências afins.
- Impedir a exploração ilegal e predatória de quaisquer tipos de fósseis.

Programação

As solenidades foram presididas pelo vice-governador do Estado, Castelo de Castro. Houve, às 9h o lançamento da pedra fundamental do prédio próprio do Museu, no bairro Mirandão. Depois, a inauguração das atuais instalações, na Praça da Sé, no prédio histórico que foi a Câmara do Crato no tempo do império, hasteamento das bandeiras, inauguração de placas, discursos do Dr. Belfont Bastos, Diretor-Geral do DNPM; do Prof. Cunha, representante do Prefeito; do Dr. Ferreira de Sousa e do Vice-Governador. A seguir, lançamento do livro Perfil do Urânio, com a palavra do Deputado Raimundo Bezerra; visita às instalações e coquetel. As autoridades, cientistas, diretores da Nuclebrás e DNPM de vários estados, técnicos etc. foram homenageados depois com um almoço pela Chaves e Cia., no Clube Recreativo Grangeiro.

Presença de autoridades

Prestigiaram a inauguração do Museu de Fósseis do Crato, dentre outros: o Vice-Governador Castelo de Castro; o Dr. José Belfont dos Santos Bastos; Diretor Geral do DNPM; o Deputado Federal Raimundo Bezerra; o Deputado Estadual Eudoro Santana; Secretário da Agricultura do Ceará; e Prof. Francisco Cunha; representante do Prefeito Walter Peixoto; o Sr. Laércio Vasconcelos, Presidente da Câmara Municipal do Crato; o Dr. José Ferreira de Sousa, Diretor do Distrito nº 10; o Dr. Leonardo Leopoldo Hangeon, Diretor do Primeiro Distrito; o Dr. Augusto César, Diretor do 4º Distrito.

Também presentes: Vandete Sampaio, Diretor do DEOF/DNPM; Lincoln Malaquias Mendes, Chefe do Gabinete do DNPM; José Betimar Melo Filgueiras, Chefe do Museu de Fósseis; Vicente de Paula Medeiros Freitas, Presidente do CDMR (Paraíba); Hélio Senac, representante da NUCLEBRÁS; Ângelo Vieira Treva, Chefe da Residência da CPRM; Diógenes Almeida Campos, Assessor da Academia Brasileira de Ciências e Chefe da Seção de Paleontologia do DNPM; Sara Cabral, representante do Reitor da Urca etc.

O Museu de Fósseis do Crato pretende ser, no futuro, um dos mais importantes centros de estudos geológicos do país e seus estudos poderão revelar as verdadeiras riquezas que existem no subsolo do Cariri, abrindo perspectivas de sua exploração para o futuro.

A sede própria terá seus trabalhos iniciados brevemente, dispondo de instalações e equipamentos dos mais modernos.

Cearense de Missão Velha lança livro em São Paulo

J. Lindemberg de Aquino

O cearense, onde chega, é um vitorioso, em qualquer ramo da atividade humana. Tal frase se adapta muito bem a Raymundo Farias de Oliveira, filho de Missão Velha, no Cariri cearense, há mais de quatro décadas residindo em São Paulo, onde hoje é Procurador do Estado e autor de muitos livros.

Dominando, com extraordinária segurança e maestria a nossa língua, Farias de Oliveira já lançou a lume: O COMÍCIO, crônicas, 1979; POEMAS DA MADRUGADA, poesia, 1982; PRECE AO VENTO, poesia, 1984; PARLAMENTARISMO, PLENITUDE DEMOCRÁTICA, estudos, 1986; e agora vem de lançar HORÁRIO NOBRE, crônicas, 1988.

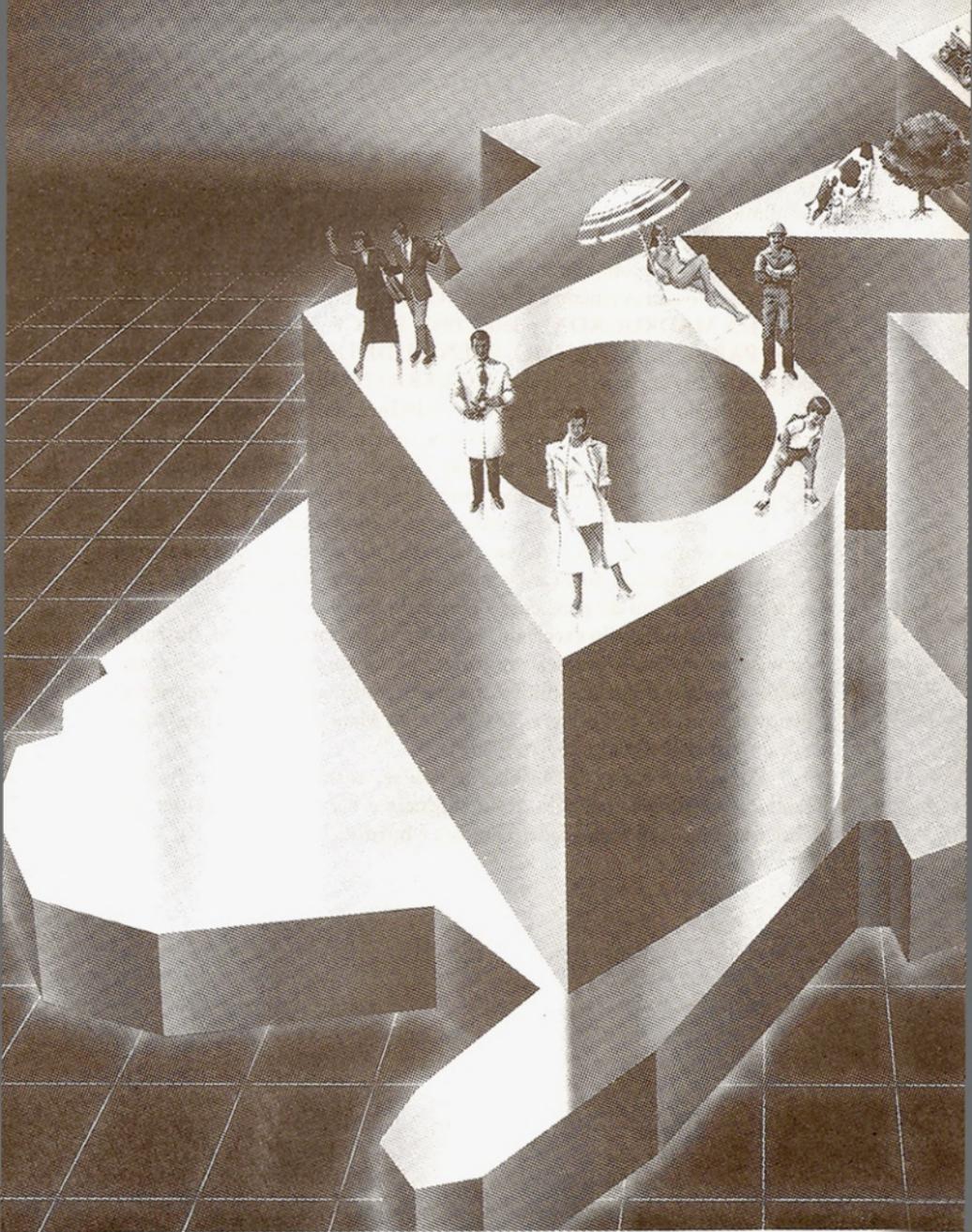
O último livro é uma deliciosa coletânea de crônicas, com sabor e linguagem regionais, enfocando pessoas, tipos populares, assuntos, paisagens e o cotidiano da capital paulista (Região de Santana) ou da Alta Sorocabana (Presidente Venceslau) onde o autor morou muitos anos.

Obra preciosa, pelo conteúdo, linguagem sóbria e distinta, estilo agradabilíssimo, que coloca Raymundo Oliveira em pé de igualdade com os melhores cronistas do Ceará (Caio Cid, Moreira Campos, Milton Dias) e até mesmo do sul do país, como Fernando Sabino e outros.

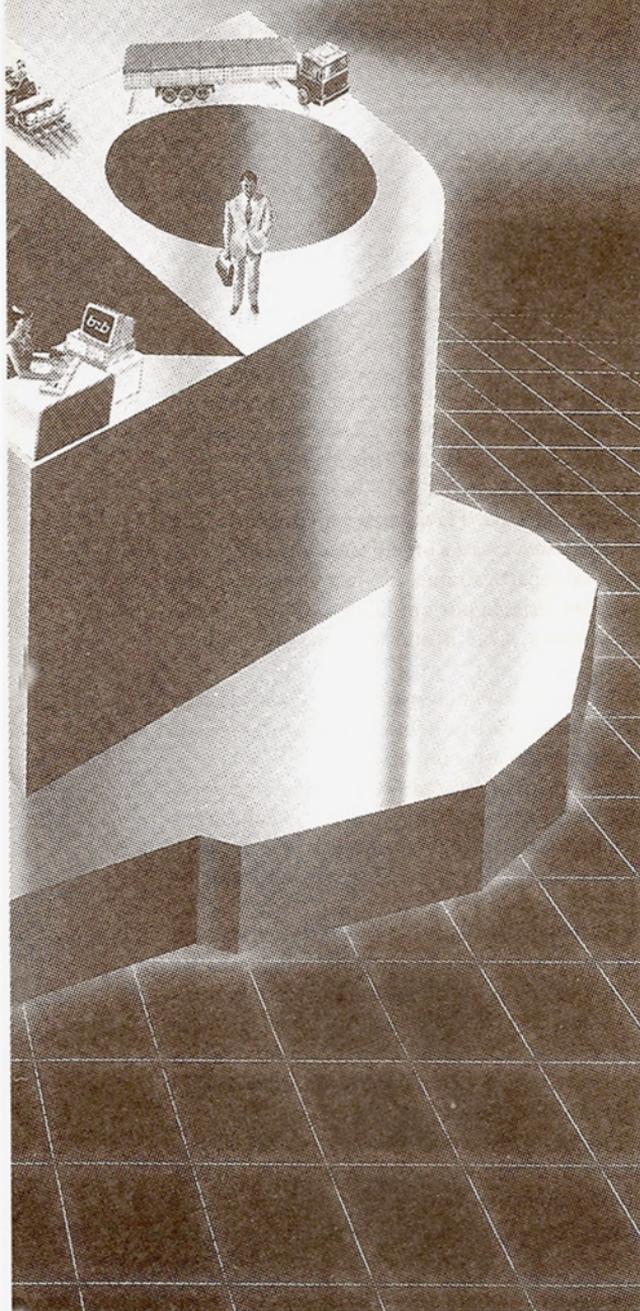
“Ele tem um estilo excelente, usa linguagem clara e fluente, dosando, convenientemente, a erudição histórica, para não cansar o leitor, recordando a melhor doutrina política, mas, sobretudo, apoiado na experiência histórica concreta...” (palavras de Gilberto de Melo, no suplemento Cultural, do jornal O Estado de São Paulo).

Raymundo Farias de Oliveira destaca-se, assim, no sul do país, honrando as melhores tradições de inteligência e bravura do cearense, que abre caminho com tenacidade, teimosia e lucidez.

FAZ UMA GRANDE DIFERENÇA TRAI



BALHAR COM O BNB.



O mesmo banco que vem honrando seu compromisso com o desenvolvimento do Nordeste está sempre com você e sua empresa como banco de negócios. Moderno e dinâmico no atendimento a seus clientes, o Banco do Nordeste promove e financia a Região, através do crédito rural, industrial, comercial e para infra-estrutura, bem como custeando pesquisas e difusão de tecnologias inovadoras. Ao mesmo tempo em que cumpre sua missão como banco de desenvolvimento, o BNB oferece também agilidade no crédito e cobrança, cheque especial com aceitação garantida e conta remunerada com máxima rentabilidade, operando com igual eficiência os demais produtos e serviços de ponta do mercado bancário. Por tudo isso, faz uma grande diferença trabalhar com o BNB. É por ele que passa todo o desenvolvimento do Nordeste.

bnb BANCO DO NORDESTE
DO BRASIL S.A.
Governo Federal. Tudo pelo social.

Mordomias

Raymundo Farias de Oliveira

No estudo das palavras, no curso dos tempos, às vezes nos defrontamos com verdadeiras preciosidades pelo que de cômico e trágico se desenha nas mutações por elas sofridas nas suas significações. Cada época tem sua linguagem, seus termos, sua gíria. Antigamente “cara” era parte do corpo; agora, é o corpo inteiro, às vezes com alma e tudo, como quando se diz, por exemplo: o “cara” é bom de violão... Assim, é perfeita hoje a concordância quando alguém diz: vou quebrar o “cara”, isto é, vai quebrar o fulano por inteiro, coitado, e não apenas o rosto...

Mordomo — do latim “major” (maior) e “domus” (casa) era o chefe dos criados de um soberano ou de uma casa de grande Estado; era o encarregado de preparar e dirigir uma festa de igreja, ou ainda, o antigo oficial de justiça encarregado de citações e execuções; também era mordomo aquele que administrava bens de confrarias ou irmandades.

Mordomia era então a atividade exercida pelo mordomo. Tal era sua importância que foi institucionalizada. Havia uma repartição de casa real encarregada das despesas da mesma casa e a organização das recepções. Chamava-se Mordomia-Mor a tal repartição que, obviamente, não podia ser chefiada por qualquer um. Era dirigida por um fidalgo. Quem sustentava os custos? Isso é outra história. Que digam as almas dos súditos e escravos da época.

Os reis e imperadores caíram, em sua grande maioria. As mordomias não, que ninguém é de ferro. Continuam resistindo às reformas sociais e políticas no mundo inteiro, resistindo até a revoluções!

Entre nós, o furor das mordomias tem variado no tempo e no espaço. A situação econômico-financeira dos homens públicos que ocupam cargos públicos também costuma seguir o diapasão das mordomias. Mera coincidência. Há, evidentemente, exceções — os “franciscanos” de todos os tempos, graças a Deus.

Assim, cansado dos noticiários atuais sobre mordomias, verbas de representação e eufemismos do gênero, resolvi dar uma olhadinha na história da vida pública dos homens da primeira república. Mera curiosidade. Sorteiei um: Manoel Ferraz de CAMPOS SALLES, daí o nome de tantas ruas deste País, depois de ter sido vereador em Campinas, deputado na Província e na Corte, Presidente do Estado e Presidente da República, possuindo três fazendas, lá pelas bandas de Campinas e São João do Rio Claro (Rio Claro, hoje), após deixar o mais alto cargo da República, escreveu ao mano Quinzinho, em 19 de janeiro de 1904, pedindo seu apoio numa operação de crédito que pretendia realizar junto ao Banco Comércio e Indústria. Naqueles tempos, a febre amarela andou matando

muita gente. Em 1888, foi a vez do jovem José Maria, filho de Campos Salles, sepultado lá mesmo no Rio.

Ao final de seu mandato presidencial, palácio deserto como costuma ser em todos os tempos, Campos Salles escreve a D. Anninha, sua esposa:

Gabinete do Presidente da República.

Rio de Janeiro, 12 bro. de 1902.

Aninha.

“Fui hoje pela manhã despedir-me do nosso querido morto. Às 6 da manhã fui a palácio e colhi algumas rosas das roseiras que v. plantou e coloquei-as sobre seu túmulo. Fiz assim v. compartilhar de minha despedida. Abraça-o o seu Campos Salles”.

Era o tempo em que as primeiras damas plantavam roseiras para que os maridos colhessem rosas e as destinassem a quem quisessem. Como era romântico. Ah, as mordomias daqueles tempos!...

N. R. Raymundo Farias de Oliveira é escritor e jornalista cearense, de Missão Velha, Procurador no Estado de São Paulo, onde reside.

Wellington Alves lança livro em Crato

Realizou-se na sede da Sociedade Lírica do Belmonte, no Lameiro, em Crato, a solenidade de lançamento do livro NOSSOS MOMENTOS/3, de autoria do médico e poeta Wellington Alves de Sousa.

O Pe. Ágio Moreira, diretor da Sociedade, presidiu o cerimonial e anunciou a palavra do médico Miguel Newton Arraes, para fazer a apresentação. O mesmo tece palavras elogiosas ao Autor e à sua obra, que foram analisados com grande felicidade e erudição, pelo Dr. Miguel Newton.

A seguir a Orquestra Pe. David Moreira executou três números em homenagem a Dr. Wellington e aos presentes. O poeta, por fim, falou emocionado do seu reencontro com o Crato e sua gente, agradeceu a presença e a participação de todos e passou a autografar o livro.

Duas centenas de pessoas estiveram presentes, adquirindo o livro, cujo resultado da venda ficou para a Sociedade Lírica do Belmonte. Houve um distinto coquetel para encerrar essa festa literária de rara beleza e distinção.

Dr. Miguel Newton Arraes de Alencar Apresentando "Nossos Momentos" de Wellington Alves

Honrado com o convite para fazer a apresentação, em nossa terra, de "NOSSOS MOMENTOS", do Dr. Wellington Alves, senti-me, a um só tempo, lisonjeado e temeroso. Lisonjeado, porque nada mais gratificante do que testemunhar o talento, a inteligência, a criatividade de quem, como Tonton, esteve e está sempre presente em nosso cotidiano. Temeroso porque, de imediato, assalta-me a dúvida! A quem homenagear?

O psiquiatra brilhante, que soube se sobrepor à amargura do exílio e conquistar o título de Assistente Estrangeiro da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris?

O político destemeroso, cujo ânimo não se arrefeceu diante das punições que lhe foram impostas?

O poeta consagrado, que nos brinda com mais uma obra em cujas páginas fulgura o dom da criatividade?

O esposo fidelíssimo e apaixonado que, a cada verso, deixa transparecer o grande amor pela companheira invulgar?

O pai carinhoso? O filho amantíssimo?

O amigo certo de todas as horas, que nunca nos faltou com sua atenção, sua bondade excelsa, mesmo naqueles momentos em que as pressões, enormes e injustas, violentaram, muitas vezes, a natureza humana?

Fácil seria louvar tantas pessoas assim, de por si. Difícil para mim, no entanto, é fazê-lo quando todas essas pessoas são, a um só tempo, em um só momento, a mesma, que consegue amalgamar com a grandeza do seu amor e seu caráter sem jaça, tantas virtudes.

Virtudes que contaminam toda sua obra, quando o poeta exalta o amor maior à esposa, aos filhos, pais, irmãos, amigos, como tão bem registrou Moreira Campos ao prefaciá-lo “Nossos Momentos”.

Mas, a sensibilidade do poeta não se exauria aí. Tudo diante dele se anima, ganha cor, luz, som, movimento, numa construção caleidoscópica do mundo. Assim, é que o poeta dialoga com as cidades:

*Fica Paris, eu vou partindo...
Não deixe que as saudades acumuladas
me atormentem a alma num instante só.
Que elas cheguem vagarinho,
Uma de cada vez,
de mansinho como a mulher-amante*

Conversa com seres inanimados, como no “Diálogo com minha máquina de escrever”:

*Você chegou com sua cor vermelha
e começou a fazer parte de meu sangue
das idéias que se conjugam no coração e no cérebro
e se materializam pra alguém numa mensagem.*

Ou, ainda, com a emoção desatada, nas ruas de Santiago de Cuba, impregnadas do sangue dos bravos irmãos cubanos, liderados pelo legendário Ché, evoca o herói das Américas:

*Senti sua presença, querido guerrilheiro,
quando andei nas trilhas libertárias nas
sendas solitárias
De nossa Cuba sempre amada...*

A preocupação com o tempo, a angústia cósmica, que atormentou tantos poetas, não poupou o bardo cratense. O poeta mobiliza todo o seu engenho e arte para aprisionar em versos límpidos — e o faz de modo inimitável — o instante fugaz, tão bem definido nesses versos de Fernando Pessoa:

“Viver é ser outro. Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o meso que ontem não é sentir — é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi a vida perdida”.

A aproximação da poesia de Wellington Alves à de Fernando Pessoa é inevitável, pois as vidas dos poetas verdadeiros — que possuem o dom da universalidade, têm muito em comum. Exemplo curioso — o ponto de contacto entre os dois — é esta auto-análise de Fernando Pessoa:

Estou num dia em que me pesa, como uma entrada no cárcere, a monotonia de tudo. A monotonia de tudo não é, senão, a monotomia de mim. Cada rosto, ainda que seja o de quem vimos ontem, é outro hoje, pois que hoje, não é ontem. Cada dia é o dia que é, e nunca houve outro igual no mundo.

Do mesmo modo o tédio, a monotonia incomodam o poeta cratense como, em “Tardes de Domingo”, quando extravasa seus sentimentos:

*Tédio...
Inutilidade...
Momento inútil do meu tempo...
Nas tardes de domingo
O vazio enche a tarde
e a minha vida
atormenta a espera
projeta a tristeza
dimensiona a lágrima
eterniza o luto
trazendo a melancolia
e a nostalgia
pra fazerem companhia
à minha solidão...*

Wellington Alves — poeta universal!

Tudo o que aqui foi dito não teria o menor sentido se não falasse na razão de ser da obra do poeta — não a musa, palavra desgastada, pobre para tanto traduzir, mas a fada que também cruzou o meu caminho, e deixou a marca indelével de seu carinho — FÁTIMA.

Não me lembro quando a conheci porque, quando encontramos a bondade, de tão rara, apegamo-nos a ela, sepultamos a lembrança dos infortúnios, e ficamos com a impressão de que ela sempre esteve ao nosso lado.

Nunca ouvi de Fátima um lamento, uma palavra de exasperação. Vezes muitas parei à porta do meu consultório — que confrontava com o seu, afogado em problemas, sem ânimo para reiniciar a atividade profissional. Abria a porta do seu consultório e encontrava o mesmo sorriso, a alegria, o otimismo, a paz, que me davam forças para continuar o difícil exercício da psiquiatria.

Os bons se atraem. Tonton, é, assim, um privilegiado. Como privilegiados foram aqueles que, felizes, exortaram as vantagens da união, desde os tempos bíblicos:

Melhor é, pois, estarem dois juntos, do que estar um só, porque têm a vantagem da sua sociedade. Se um vai cair, o outro o sustentará; ai do que está só, porque quando cair, não tem quem o levante. E se dormirem dois juntos, aquecer-se-ão mutuamente, mas um só como se há de aquecer? E, se alguém for mais do que um só, dois resistem-lhe; o cordel triplicado dificilmente se quebra.

Aí está o casal exemplar, semeando amor e bondade, que hão de se perpetuar em Wellington Filho e Bruno, para se cumprir o ciclo do mistério da vida, que faz o homem curvar-se diante da onipotência do desconhecido e acreditar na existência de DEUS.

Palavras pronunciadas na Sociedade Lírica do Belmonte, em Crato, em 08.10.88, quando do lançamento do livro NOSSOS MOMENTOS.

Escritor denuncia: Estão destruindo a autenticidade do Caldeirão

O escritor pernambucano Cláudio Aguiar, autor de inúmeras obras, inclusive para cinema, teatro e TV, em visita ao Crato, trouxe consigo o professor André, também de Pernambuco.

Veio a dupla em visita a Juazeiro e Crato e foi até à localidade de Caldeirão, sítio entre os distritos de Santa Fé e Dom Quintino, em Crato, local célebre onde atuou o famoso Beato José Lourenço, protagonista de uma das maiores tragédias rurais do Nordeste, cuja comunidade foi destruída, e até bombardeada (1926) numa ação conjugada das autoridades, polícia e proprietários rurais.

Estão destruindo a autenticidade do Caldeirão, disse Cláudio Aguiar, ele que é autor de um famoso livro sobre essa saga sertaneja, de sucesso internacional até no Teatro.

Cláudio Aguiar revela que um incêndio (broca) destruiu muita coisa nos arredores, até o engenho totalmente de madeira, engenho velho abandonado, do tempo do beato, que ficou em cinzas. E agora há o projeto de um açude que poderá cobrir o restante da Vila, acabando com esse trecho do patrimônio histórico do Nordeste, localizado em Crato.

Apelo

O conhecido escritor faz apelo à Universidade Regional do Cariri, à Prefeitura do Crato, às nossas instituições culturais, à Secretaria de Cultura Violeta Arraes e a todos os que, de um modo ou de outro, estão ligados à preservação da memória histórico-cultural da região, para impedirem a ação predatória sobre o Caldeirão, que, a seu ver, deveria ser restaurado tal qual na época, por se constituir num pedaço bem vivo da recente história rural do Nordeste.

Recebendo meu filho na Academia

Aluísio Napoleão

NOTA INTRODUTÓRIA:

O discurso que abaixo publicamos foi pronunciado pelo Acadêmico Aluísio Napoleão de Freitas Rego, embaixador, ocupante da Cadeira nº 11, na Academia Piauiense de Letras, saudando o seu filho, Hugo Napoleão do Rego Neto, Ministro da Educação, que se empossava na mesma Academia, Cadeira nº 9. Sessão solene, tendo como local a Associação Comercial Piauiense, em 09 de março de 87.

*Orações publicadas na Revista
da Academia Piauiense de Letras. 1987.*

Aqui, neste cenáculo augusto das letras piauienses, surge, neste momento, uma situação singular: a de um Pai, acadêmico, recebendo seu filho nesta Academia. Irei falar sobre este ser, na presença de sua mãe, evocando seu nascimento no dia 31 de outubro de 1943, em Portland, Oregon, Estados Unidos da América, quando uma das mais belas enfermeiras do Wilcox Memorial Hospital, mais bela ainda por me trazer a notícia do nascimento de meu filho, às 2 e meia da madrugada, me disse, como um anjo bom: “O senhor teve um filho, senhor Napoleão. Um grande menino”. Outra enfermeira o trouxe nos braços, inundando-me de emoção. Fui ver, em seguida, minha esposa, pensando nos entes queridos que deixáramos na pátria distante. Telegrafei logo aos meus pais, dando a notícia alvissareira. Mais tarde, telefonei para o Rio de Janeiro, falando, muito comovido, com meus pais, de uma cidade próxima ao Oceano Pacífico para outra diante do Oceano Atlântico, de Portland, onde eu era vice-Cônsul do Brasil, para o Rio de Janeiro. E tive a maior surpresa: foi a ligação mais nítida, límpida que podia imaginar, como se falássemos na mesma cidade. Somente aqueles que viveram fora de seu país, como os diplomatas, podem aquilatar o significado intenso desse momento, a perfeita comunhão na distância, que a saudade aumentava. Como vêem, meu caro Presidente e prezados colegas, não poderia este discurso, por todas essas razões, ser mais diferente daqueles que são pronunciados de acordo com as praxes acadêmicas.

Quando passamos a residir em Washington, de 1944 a 1949, o nosso filho, ao qual demos o nome de Hugo em homenagem ao avô paterno, foi, muito cedo, matriculado na Maret School, entrando em contato com seus colegas e revelando imediatamente sua capacidade de fazer amigos,

que convidávamos sempre para as festas de Natal em nossa casa da Rua Q, em Georgetown. Quando completou um ano, meus pais (Hugo Napoleão do Rego e Matilde de Freitas Rego) foram a Washington para conhecer o neto, ocasião em que andou, pela primeira vez, na direção do avô, que o acolheu de braços abertos. Meu filho tem, em sua casa, o tapete sobre o qual fez essa primeira caminhada, que lhe demos de presente, como recordação da cena. Foi, tal a impressão que o avô causou que, aos 2 anos, ao levá-lo ao Rio de Janeiro, onde residiam os avós, quando o avião pousou em Belém e ao dizer-lhe que estávamos pisando no solo do Brasil, perguntou-nos, fazendo-nos rir: “Se isso é Brasil, onde está o Vovô?...”

Quando Hugo completou 5 anos, deixamos Washington, indo morar no Rio de Janeiro, onde, como diplomata, assumi minhas funções no Ministério das Relações Exteriores. Teve ele, assim, o primeiro contato com as nossas famílias, convivendo com os avós, os tios e os primos, encantado com esse mundo de parentes que desconhecia até então. Completando esse contato com a família, nós o trouxemos, mais tarde, ao Piauí, para assistir conosco, em 1950, a posse de meu tio Pedro de Almendra Freitas no governo do Estado. Ficou de tal modo feliz com esses encontros com os familiares que, ao irmos para Paris, em 1951, sentiu grande falta do aconchego brasileiro. A essa altura, já falava quatro línguas estrangeiras: o espanhol, o francês, o italiano, o inglês e, claro, o português, tal a versatilidade que demonstrou desde a mais tenra idade. Em 1953, ainda em Paris, chegou para nós, seus pais, o momento mais difícil de nossa vida, o momento de uma decisão que muito nos custou e que atinge e marca aqueles que servem seu país no exterior, o da separação, pois Hugo já estava na idade de começar seus estudos no Brasil. É que eu havia sido transferido para Ancara, capital da Turquia, país de língua exótica, em pleno Oriente Médio convulsionado pelos conflitos seculares. Que fazer? Minha mãe, nessa ocasião, foi visitar-nos em Paris e deveria, depois estar em Roma com minha irmã, casada com um diplomata. Decidimos, a duras penas, que Hugo acompanhasse a avó paterna, ficando aos cuidados de meus pais no Rio de Janeiro, onde deveria continuar seus estudos. Essa decisão, difícil e dolorosa, como disse, teve, também, a intenção de evitar que se tomasse, como muitos filhos de diplomatas, desambientados em sua própria pátria. Como a separação estivesse afetando profundamente o sentimento materno, em que as lágrimas eram permanentes, propus, em certo momento de grande emoção, fazê-lo voltar, mas minha esposa foi sublime, ao dizer-me que a vinda do nosso filho para o Brasil era para o seu bem, assim estava pensando no seu futuro. E assim ficamos, na solidão do Planalto da Anatólia, até 1955, quando regressamos à pátria e pudemos retomar o convívio e a educação do Hugo até 1961, época em que servi na Presidência da República, o que nos permitia ficar no Brasil. Pudemos, então, acompanhar a evolução de sua educação e dar-lhe a assistência de que carecia, até os 18 anos, quando

passou, novamente, a ficar sob a guarda de meus pais, encantados com a sua presença em sua casa. Antes de minha partida novamente para o exterior, meus pais trouxeram toda a família ao Piauí, a fim de visitar sua terra e rever seus parentes e amigos, pois, apesar de viverem na capital da República há alguns anos, jamais deixaram de trazer os filhos e os netos ao Piauí e de evocar para nós, constantemente, sua terra natal, União e Livramento (hoje José de Freitas). Foi nessa ocasião que pude realizar pesquisas e escrever na casa do meu tio Antônio de Almendra Freitas o livro "Meu Avô José de Freitas", que agora em segunda edição, graças à iniciativa do então Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jusceldo Cavalcanti, terci a honra de autografar hoje em Teresina.

Foi, pois, a partir dessa época, que Hugo, ficando novamente com meus pais, começou a realizar viagens mais demoradas e periódicas e freqüentes ao Piauí e, da convivência com seus avós, nasceu esse seu acendrado amor pelo Piauí, despertado pelo convívio com a terra e os piauienses, integrando-se arduamente em sua vida, num verdadeiro mergulho nas suas origens, que envolveu e impregnou seu espírito, passando a ter como seu grande objetivo, a defesa, o bem-estar e o desenvolvimento deste Estado, como atestou o Novo Tempo inaugurado em seu governo, aprovado pelo povo piauiense, ao elegê-lo com a maior votação nas recentes eleições senatoriais, e fazendo-o, assim, seu representante na Assembléia Nacional Constituinte. Seguiu, dessa forma, os passos do primeiro Hugo Napoleão do Rego, constituinte de 1933-1934, que foi eleito 5 vezes para representar o povo piauiense na Câmara dos Deputados, num longo período, que vai de 1927 a 1959, interrompido apenas pelos hiatos que entrecortaram a vida republicana. Meu Pai foi sempre um defensor dos ideais e interesses piauienses, vigoroso, firme, sem hesitação, não deixando nunca que sua cor política interferisse nos seus atos, quando as medidas propostas beneficiavam a comunidade piauiense, exemplo esse seguido pelo neto, que sempre colocou o Piauí acima de tudo nas suas lutas políticas, numa verdadeira vocação que o avô soube perceber com argúcia, num convívio cultural em que a Política e o Direito eram motivos diários de conversa e troca de idéias. Esse convívio só cessou em 1965, quando meu inesquecível Pai faleceu e o neto o substituiu na direção dos negócios da família, cuidando da avó, até 1980. Meu Pai ainda chegou a tomar conhecimento de um fato que lhe deu grande alegria, ao ser informado que a Congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil havia votado um ato de louvor ao jovem estudante da Pontifícia Universidade Católica e Presidente do Diretório Acadêmico, Hugo Napoleão do Rego Neto, ao declarar que ele deveria constituir um exemplo a ser seguido pelas futuras gerações de colegas. Também, antes de falecer, meu Pai teve outra alegria, ao ler esta notícia, publicada no Jornal do Brasil do dia 8 de maio de 1965, em que o Piauí era citado com destaque. Dizia o Jornal do Brasil, por ocasião da visita do Xá do Irã, Mahomed Reza Pahlevi, ao Brasil, ao ser recebido na Universidade do Brasil pelo

Magnífico Reitor Pedro Calmon: “Após esta rápida cerimônia (da inauguração do busto do filósofo persa Avicena), o Xainxá Reza Pahlevi cumprimentou o estudante Hugo Napoleão do Rego Neto, filho do Embaixador brasileiro no Irã e Presidente do Diretório Acadêmico de Direito da Pontifícia Universidade Católica, perguntando-lhe se ele já havia terminado a série de reportagens sobre o Irã, que estava publicando num jornal do Piauí. O senhor Hugo Neto respondeu-lhe afirmativamente. Em seguida, o Imperador foi conduzido ao Salão Nobre”.

Nessa época, Hugo já se interessava intensamente pela história piauiense, através de estudos, pesquisas e artigos que escrevia para o “O Dia” e o “Jornal do Piauí”, enviando-nos sempre os recortes desses órgãos da imprensa de Teresina. Nas 3 vezes em que estive servindo meu país no exterior, a última como Embaixador no Irã, na Suécia e na China, mantivemos uma correspondência ativa, semanal, com meu filho, ininterrupta, que era a maneira de estarmos juntos em espírito, embora separados pela distância. Essa correspondência, sem falha, composta de vários volumes, está guardada nos nossos arquivos, que contêm documentos que serão indispensáveis para os futuros estudos da História do Piauí. Hugo demonstrando, assim, sem reboços sua vocação para a vida pública foi orador de sua turma no Colégio Padre Antônio Vieira, tanto no Curso Ginásial como no Científico e Clássico, sob a direção do grande educador Décio Werneck. Ao ingressar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Hugo foi eleito Vice-Presidente, no 1º ano, e Presidente, no 2º ano, do Centro Acadêmico Eduardo Lustosa, tendo sido eleito orador de sua turma em 1967, quando falou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, por ocasião da formatura com as dependências completamente lotadas de estudantes e suas famílias, sob os aplausos frenéticos da assistência, pois defendia a democracia e o Estado de Direito.

Logo depois de formado, teve Hugo um convite excepcional, o do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, já fora do poder, para ser Consultor Jurídico do Banco Denasa. O jovem advogado acompanhou-o durante todo o período de ostracismo, nos mais difíceis momentos de sua vida pública, tendo tomado parte em reuniões com os grandes juristas da época, como Sobral Pinto, Cândido de Oliveira Neto, Evaristo de Moraes Filho e Victor Nunes Leal, de cujo escritório de advocacia passou, depois, a fazer parte. Em Estocolmo, recebi uma carta do Presidente Kubitschek, datada, do Rio de Janeiro, aos 12 de junho de 1972, na qual dizia, entre outras palavras lisonjeiras: “Estou conseguindo realizar o milagre de ser amigo de três gerações na mesma família — avô, o pai e o filho”. Acrescentava: “Nos temporais que me assaltaram, de oito anos para cá, pude sentir, vibrando na mesma intensidade de sentimentos, amigos que nunca me faltaram e que me auxiliaram nas boas horas de vitória assim como nos momentos difíceis e amargos”. Cito, ainda, este trecho sobre o Acadêmico que estamos recebendo hoje nesta egrégia Casa:

“Tendo você viajado, presenteou-me com a permanência ao meu lado o seu filho Hugo que tem sido uma verdadeira revelação de cultura, inteligência e caráter. Está ele seguindo a vocação histórica da família, voltando-se para o Piauí, em cuja representação nós esperamos vê-lo breve, no Congresso de Brasília”.

Daí para cá, todos conhecem a trajetória do jovem político, que teve o apoio de Petrônio Portella, com quem conviveu estreitamente, e do seu partido: duas vezes eleito Deputado Federal, depois Governador do Piauí, chega, agora, ao Senado com sua pujante juventude aos 43 anos, para dar o melhor de sua já longa experiência, apesar da idade, ao seu Estado e ao seu país, na Assembléia Nacional Constituinte, da qual tanto esperam os brasileiros. E ninguém se esqueceu, estou certo, da atitude do Governador Hugo Napoleão, pois seu gesto já faz parte da história recente do Brasil, ao decidir comunicar ao então Presidente João Figueiredo, gesto que teve grande repercussão na imprensa de todo o país, que, levando em consideração as aspirações do povo que governava e os anseios do povo brasileiro, votaria em Tancredo Neves e José Sarney para Presidente e Vice-Presidente da República. Foi um momento alto da democratização do país, tudo empolgado pela pregação fervorosa do fundador da Nova República.

A sua atividade jornalística e de historiador, já postas em relevo com a publicação de “Fatos da História do Piauí”, seguiu-se sua ação parlamentar, tão fecunda que apenas extratos de seus numerosos discursos deram 11 publicações, revelando-se um exímio orador, cultor da boa linguagem, das idéias claras e dos ideais democráticos, das conquistas atuais da sociedade, sempre com expressões tersas, em que o pensamento era exposto com concisão, com alguns floreios da mocidade que lhe davam uma forma literária graciosa, encantando os ouvintes, quer nas reuniões fechadas, quer na praça pública, em que mostrou recursos de orador de massas, ao expor seus pontos de vista, jamais atacando os opositores, defendendo-se com elegância das acusações feitas por alguns adversários sem espírito, pois ninguém é mais tolerante em relação ao próximo, quando revela sua superioridade moral, sua conduta profundamente cristã, seu senso de educador político, do qual não se afastou durante todo o período à frente do governo piauiense.

Professor, também muito jovem, Hugo demonstrou um interesse precoce pela cultura, tendo tido sempre grande respeito por esta Academia e pelos autênticos valores da literatura piauiense, de que sois os esclarecidos guardiães, sob a Presidência desta eminente figura, que é o Professor José de Arimathéa Tito Filho.

Como Governador do Piauí, colocou sua força jovem a serviço da comunidade, como acentuei no meu discurso de posse nesta Academia, tendo tido a fortuna de ser compreendido e auxiliado com competência pela sua equipe governamental, não desejando eu deixar de mencionar

sua fiel companheira Tânia Luiza Mascarenhas Napoleão do Rego que, em sua ação esclarecida na Comissão de Assistência Comunitária, mostrou vocação para o serviço social, recebendo, pelo que realizou, o título de Cidadã Piauiense. Não é demais pôr em relevo que o governo de Hugo Napoleão Neto caracterizou-se por atividades profícuas, tendo ultrapassado graves momentos de dificuldades, em virtude das secas e enchentes, procurando minorar os sofrimentos do povo com sua ação pessoal e direta assistência às vítimas, em momentos de aflição coletiva.

Por fim, desejo fazer uma revelação — e aqui fala o historiador, ainda desconhecido dos piauienses, no momento em que, pela primeira vez, traço estas linhas da biografia de Hugo Napoleão do Reto Neto, nesta oportunidade feliz e após o que tanto já realizou sua mocidade radiosa: não sou o seu único ascendente na diplomacia. Pelo lado de minha esposa, aqui presente, Hugo descende de Raymundo Nonato Pecegueiro do Amaral, seu bisavô, diplomata que se consagrou inteiramente à obra do Barão do Rio Branco na pasta das Relações Exteriores, como seu íntimo colaborador, de 1902 a 1910, no ingente labor do Chanceler no Itamaraty, com seu avô materno, Edmundo Quinto Alves, e seu tio-avô Henrique Pecegueiro do Amaral. Grandes trabalhadores, o Chanceler e seu colaborador, varavam noites em atividades patrióticas, tendo o Barão demonstrado seu apreço por Pecegueiro do Amaral, ao fazer-lhe a caricatura, descoberta por Afonso de Carvalho e publicada em seu livro “Rio Branco”, no qual foi também reproduzida uma fotografia do então Ministro das Relações Exteriores, na qual figura Pecegueiro do Amaral ao lado dos maiores intelectuais da época: Euclides da Cunha, Graça Aranha, Barão Homem de Melo, Domicio da Gama, Afonso Arinos (o primeiro), Gastão da Cunha e Araújo Jorge.

Não menciono a ascendência do novo Acadêmico com o espírito de nepotismo, que não tenho, pois sigo o exemplo de meu Pai, que se fez pelo esforço próprio. Ele sempre considerou, como considero, que somente honram seus antepassados aqueles que realizam, pela sua atividade, pela sua inteligência e pela sua capacidade pessoal, as obras que lhe dão merecimento. Não desejo concluir sem demonstrar a honra de estar, neste momento único para mim, nesta Academia, com meus colegas acadêmicos, nesta hora que considero solar para minha família, assistindo à consagração de Hugo Napoleão do Rego Neto pelo mais elevado cenáculo das letras piauienses.

Leão Sampaio

*Paes de Andrade**

Senhor Presidente,
Senhores Deputados,

Vitimado por complicações cardíacas, morreu, no último final de semana, no Hospital Santo Inácio, na cidade de Juazeiro do Norte, situada no chamado Vale do Cariri, em meu Estado, o Ceará, o médico oftalmologista Leão Sampaio, deputado federal durante quarenta anos, com o privilégio de haver assinado três constituições da República — as de 34, 46 e 67.

Nascido a 6 de fevereiro de 1897, filho de José de Sá Barreto Sampaio e Maria Costa Sampaio, o doutor Leão Sampaio era casado com a senhora Odorina Castelo Branco Sampaio, de cujo matrimônio teve treze filhos, dentre os quais o nosso valoroso companheiro do PMDB-deputado federal Mauro Sampaio, que o sucedeu, no comando político regional, com a mesma força de liderança, que ao passar dos anos se há revelado irresistível e dominadora — confirmada, ainda agora, de forma consagrada, no pleito de 15 de novembro — com a eleição de seus candidatos, em vários municípios do Sul do Ceará, dentre os quais de Juazeiro do Norte, Barbalha e Barro.

Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia e Faculdade de Medicina da Universidade Nacional do Brasil, o doutor Leão Sampaio fez da atividade profissional autêntico sacerdócio, — conquistando a confiança e o respeito das comunidades de vasta região do Ceará, o que lhe valeu verdadeira idolatria, sobretudo de parte dos mais pobres e sofredos, — aos quais assistia com raro desprendimento, sem nada receber pelos serviços prestados. Era médico por vocação e de exemplar destinação humanista. Fidalgo no trato, para com todos os que o procuravam, era, sobretudo, um homem simples e desprendido, sempre atencioso e cortês, que não fazia discriminação de qualquer ordem, jamais faltando aos seus concidadãos, fossem ricos ou pobres, poderosos ou humildes trabalhadores. A todos procurava ouvir com paciência e interesse muito especial, para ter condições de melhor servir.

Esta dedicação fascinante, fez de Leão Sampaio um ídolo, na sua região. Dotado, igualmente, de extraordinário espírito público, — foi convocado à militância partidária, com a vitória da Revolução de 30, sendo eleito para o primeiro mandato na Câmara dos Deputados na legislatura de 1933-34. Em 46 foi novamente sagrado nas urnas, participando

* *Discurso pronunciado na Câmara Federal. O Dr. Leão Sampaio faleceu em 24.11.1988.*

da Assembléia Nacional Constituinte de 1946. Permaneceu como membro da Câmara dos Deputados nas legislaturas seguintes: 1951-1955, 1955-1959, 1959-1963-1967, 1967-1971 e 1971 a 1975, quando encerrou sua atuação parlamentar.

Foi, em sua passagem pelo Legislativo Federal, membro efetivo da Comissão de Saúde e suplente da Comissão de Relações Exteriores (1978). Cumpriu, com muito brilho, importantes missões no Exterior, tendo participado como membro titular da Delegação do Parlamento brasileiro à 49ª Conferência da União Interparlamentar, em Tóquio, no ano de 1960. Integrou, também, como observador parlamentar, da delegação brasileira à Conferência Internacional sobre Comércio e Desenvolvimento, em Nova Delhi (1968). Mas a atuação política de Leão Sampaio não se circunscreveu, apenas, no âmbito dos trabalhos parlamentares, próprios da instituição que soube honrar. Foi, também, um incansável advogado das mais sentidas reivindicações do seu povo e do Nordeste. Na formulação dessas postulações era obstinado e intrépido. Esteve, igualmente, identificado com os postulados democráticos, exercendo a atividade política com honradez, austeridade e espírito público. Colocava, acima de quaisquer conveniências eventuais da militância partidária, os imperiosos interesses do povo e do Estado.

A sua vida, foi, desta forma, um exemplo edificante de solidariedade às comunidades sertanejas. Dele, disse o padre Antônio Vieira, uma das mais fulgurantes inteligências do Ceará, ter sido "mais sacerdote do que médico, mais santo que humano, um mártir do dever, um sementeiro de felicidade, de esperança, de alegria, de consolações".

Padre Vieira compara o doutor Leão Sampaio ao padre Cícero Romão Batista, o idolatrado patriarca do Juazeiro do Norte. Segundo ele, os dois se igualavam em prestígio e simpatia junto aos pobres, aos humildes, aos sofredores. Ao padre, faziam promessas. Ao médico, confiavam o seu destino.

Vale ressaltar, afinal, que mesmo afastado da política, e do exercício da medicina, por entender ter chegado o momento da retirada, Leão Sampaio se manteve até o final de sua vida como um observador atento dos acontecimentos nacionais, acompanhando-os com interesse e constante preocupação quer através do noticiário diário dos jornais ou através do relato do seu filho e sucessor o deputado Mauro Sampaio.

Por todas estas razões, a notícia de sua morte consternou, profundamente, não somente sua família, seus incontáveis amigos, mas, igualmente, as populações do Sul do Estado, e, também, de todo o Ceará, onde era estimado e respeitado. Seu sepultamento, na cidade de Barbalha, sua terra natal, foi uma consagração póstuma, como raras vezes se viu, no Nordeste.

Milhares de pessoas o homenagearam na despedida final, valendo ressaltar, sobretudo, a consternação retratada, nos semblantes dos mais

humildes, dos mais sofridos, aos quais nunca faltou a solidariedade do líder e do amigo desaparecido.

Associando-nos a esse legítimo sentimento de dor e pesar, estou certo de que, os deputados da atual legislatura prestam a Leão Sampaio o tributo do reconhecimento da instituição parlamentar a que ele serviu com tanta devoção, dignificando-a com seu trabalho fecundo, seu exemplo de austeridade e sua fidelidade à sua terra e ao seu povo.

Elogios feitos a ITAYTERA

O Presidente da Academia Petropolitana de Letras, de Petrópolis, Estado do Rio, enviou o seguinte ofício ao jornalista J. Lindemberg de Aquino, Diretor de ITAYTERA:

Petrópolis, 15 de agosto de 1988.

Caro Lindemberg:

“Recebi a revista ITAYTERA nº 32, que o amigo teve a gentileza de me enviar. O volume foi devidamente catalogado para a nossa Biblioteca, à disposição dos consulentes e acadêmicos.

Li, com especial atenção, seus trabalhos na Revista. Sua despedida da Presidência do Instituto Cultural do Cariri é um documento daqueles que tanto fazem bem: relata o dever cumprido, bem cumprido. Parabéns pelo trabalho!

O elogio ao Padre Vicira no mesmo Instituto é, na síntese, indispensável aos dias de hoje, um retrato vivo do escritor que tem o mesmo nome ilustre de grande autor do passado luso-brasileiro. Merecida a inserção no rol dos cidadãos juazeirenses do ilustre Amigo e Confrade. Em suas palavras, as entrelinhas da emoção mais justa. Parabéns!

A homenagem, em 1987, ao grande Tristão Gonçalves, honra da Pátria, da lavra do confrade, é, igualmente, ponto altíssimo na bela edição de ITAYTERA.

No momento, leio e releio os demais trabalhos, com grande agrado. Muito obrigado em nome da Academia, pela oferta de tão precioso relicário cultural. Aceite as minhas fraternas Saudações Culturais.

(Assinado) Joaquim Eloy Duarte dos Santos, Presidente da “Academia Petropolitana de Letras.”

ITAYTERA elogiada na Argentina

O escritor argentino Rafael Sánchez escreveu o seguinte sobre a revista ITAYTERA, que lhe chegou às mãos:

**Pinta tu pueblo y estarás pintando el mundo.
ITAYTERA**

Itaytera es algo más que un libro con alma de quijote; es un cofre dando vida a una historia que se escribe en cada aurora, y es espejo donde suelen reflejarse en sus cristales sus actores, en totales-cotidianos movimientos.

Itaytera es campanario, es campana y es voz de un pueblo hecho letras.

Itaytera es, simplemente: CARIRI-CRATO-CEARÁ.

Si bien es cierto que, no siempre los habitantes de un pueblo o ciudad son actores directos de su historia, no lo es menos cierto, que, si lo son a través de todos sus ilustres ciudadanos, por los que trascienden a la vida más allá de sus costumbres, más allá de sus modismos, más allá de sus fronteras.

Aunque no sea menos cierto, y es lo doloroso-lamentable; que no todos los pueblos o ciudades tengan en sus almas el fanal de una "ITAYTERA".

Es decir: Un diccionario donde se pueden leer apellidos; paisajes y significados.

Yo, Rafael Sánchez, de la ciudad La Plata tengo "ITAYTERA" en mis manos gracias a la gentileza y sutileza de esta maravillosa amiga llamada Zénith Feitosa, una flor-mujer poeta natural de Fortaleza.

Un abrazo, amém de mis mejores deseos para estas fiestas finañeras, para todos los amigos Brasileños.

La Plata, noviembre de 1988
Rafael Sánchez

Poemas

Jéfferson de Albuquerque

Fantasia

Tenho por vezo
olhar o céu.
Fitá-lo nos dias claros,
de muito sol...

Tenho por costume,
observar as nuvens que no firmamento
se diluem:
cinzentas ou brancas,
e que,
suavemente,
pelo vento empurradas são.

Assim tangidas,
mansamente,
vão formando imagens muitas.

Imagens de bailarinas dançando,
perfis de gente,
debuchos de animais.

Mas,
sonhador,
em momentos de saudades,
no céu também busco,
naqueles dias,
figurado,
o rosto de alguém.

Crato, fevereiro, 89

Moderna Iracema

Quando jovem,
montava
cavalo chucro,
bravo,
inda indomado.

Cavalo que corria,
corveteava,
obstáculos pulava.

Cavalo que me fazia notado,
admirado,
também,
criticado.

E,
em Itapipoca,
onde intendente eu era,
me exibia para as moças da cidade,
especialmente para uma,
morena,
edição moderna de Iracema.

Maió/89

Patativa

Homem simples.
Tranquilo.
Sincero.

De estatura, meão.
Chapéu malarrumado.
P'randar,
se arrima num bastão.

Fala mansa,
quando conversa.
Mas sua voz se altera
quando,
contra injustiças,
blatera.

Defende o explorado pelo patrão
e pelo político parasitado.
O sem-terra.
O sem-pão.

Sensível,
se impressiona com o Belo,
com os Puros,
com o Bem.
E a respeito,
sua voz se alevanta,
o seu canto, encanta
e há prazer em ouvi-lo
em seguir seu postar.

Patativa:
é de v. que falo,
é a v. que pretendi debuxar,
e o seu perfil traçar,
nesta homenagem simples,
sincera,
que o Instituto lhe presta,
nesta festa
por seus oitentanos de vida.

Crato, 05.03.89

Ao Crato

Um canto.
Estou devendo um canto,
Um canto,
Uma ode,

Um canto,
uma canção
à cidade que me abriga,
que me tornou seu cidadão.

Estou devendo
estou,
um canto
à cidade que adotei como minha,
berço dos que me são caros:
mulher e descendentes.

Um canto de louvor,
de amor,
de exaltação,
estou devendo.

Que seja,
então,
a Crato,
este poema,

tal canto,
tal ode,
tal canção.

02.jun.89

Poema dedicado a Maracanaú

Silveira Santos

Das Maracanãs
Maracanaú originou-se,
uma nova Canaã
Maracanaú tornou-se.

Por ordem do progresso,
Maracanaú é um manancial.
Que assustadoramente cresce
tornando-se celestial.

Maracanaú celeste!
terreiro dos bravos pioneiros.
Salve! Salve!

És a pequena-grande cidade
a dama do Nordeste
e na tua claridade
no mapa resplandece.

Tu cresces a cada dia
e em teu seio, habita a liberdade.
Símbolo de democracia
futuro e prosperidade.

Cidade querida,
entre todas a mais bela
deste imenso Brasil.

Dos maracanauenses,
és a mãe querida
a rainha do Brasil.

A caíva nos faz recordar
os tempos de escravidão.
Mas hoje podemos cantar!
viva a libertação.

Terra dos milagres
da gruta de Santo Antônio do Pitaguarí
onde crescem grandes árvores
inclusive o buriti.

Maracanaú celeste!
terra dos bravos pioneiros.
Salve! Salve!

E entre serras,
és o símbolo da grandeza
e no mapa encerra
presente da natureza.

O trem foi o pioneiro
cortando o município
de meio a meio.

Cidade querida,
entre todas a mais bela
deste imenso Brasil.

Dos maracanauenses,
és a mãe querida
a rainha do Brasil.

O Boi

Giosue Carducci

Tradução de Olegário Mariano

Amo-te, ó pio boi! Um sentimento
De vigor e de paz tu me ofereces
Quando, impassível como um monumento,
O olhar nos campos verdes adormeces.

 Preso à canga, momento por momento,
 Mais útil e paciente me pareces.
 O homem te ordena e tu, no macilento
 Volver dos olhos tristes, lhe obedeces.

Pela tua narina escura e fria
Teu espírito passa, e é um hino ardente
Teu mugido cortado de agonia.

 E em teu olhar, que pelo azul se perde,
 Se esconde longe e dolorosamente
 Toda a planura do silêncio verde.

Da pena de Mariza Abath

Mariza Abath

A criança hoje

Vem comigo, criança, hoje quero fazer um passeio contigo, pois o dia é inteirinho teu. Vamos andar por aí, no meu passado, vou mostrar-te os caminhos que percorri quando também fui criança: andei a cavalo correndo pelos campos, tomei banho de rios sem poluição, subi em árvores frondosas sem o agrotóxico, brinquei de bonecas que não a Xuxa, brinquei de ciranda cantando nas rodas, pulci tanta corda que até me cansei, porém tive sonhos assim como os teus. Meu caminho a poeira do tempo apagou, só restando na mente o que ela guardou, mas um dia fui criança, e criança feliz!

Tu criança de hoje, de “tempos modernos”, teu caminho é bem diferente, já não conheces o que é “brinquedo simples”, o que é natural, pois como criança hoje, tens tudo nas mãos, desde o brinquedo mais sofisticado à televisão, teus brinquedos são tão passageiros que não chegas quase a sonhar, isto a criança que pode brincar! Existe porém outra criança, aquela que nem brinquedos tem, e quando os tem, já lhes vêm estragados, pois são sobras dos mais afortunados... Criança pobre nascida e criada com todo carinho, com todo amor em parte és feliz!...

Porém quero aqui homenagear mais neste dia, àquela criança que nem mesmo carinho da mãe que a colocou no mundo ela tem, pois às vezes nem a conhece. Criança de rua, abandonada, maltratada, que este dia seja todo teu, não da tua responsabilidade, porém para chamar a atenção das autoridades competentes, que não basta para ti um dia, porém que sejam para ti as preocupações de todos os dias. Tu que não tens escola, saúde, nem abrigo, pois as escolas que frequentas são as calçadas, e o mundo a ti ensinar a conviver com o vício, destruindo-te assim a saúde, a vida. O teu abrigo é qualquer viaduto ou banco de jardim, e assim vais crescendo desiludida de tudo. Na caminhada da vida entras na escola do mundo onde a tua formatura é o teu primeiro assalto, o teu baile é realizado no presídio a dançares a valsa da violência em todos os seus matizes. Estás formado, e assim prosseguirás uma caminhada sofrida e infeliz até quando?

Para ti dedico este dia e rogo a Deus que as autoridades vejam com mais sensibilidade o problema do menor carente, para que no futuro talvez bem próximo, não sejam culpadas por ter um país povoado de analfabetos e marginais. Olhe, cada um, nos olhos de cada criança e veja em cada olhar os olhos dos seus próprios filhos, solicitando amparo e compreensão.

Vamos fazer da criança carente de hoje o homem realizado do amanhã.

Arquitetura cósmica

A noite já envelhece
A lua já passou
As estrelas já cansadas
Alguma, seu brilho guardou

O vento mais solitário
No deserto se deitou
Beijando a areia ainda morna
Do calor que o sol deixou

Nas matas misteriosas
O silêncio ali reinou
E os pássaros no seus ninhos
Se encontraram para o amor

O mar que não dorme nunca
No seu mistério profundo
Vigia sempre constante
Os tesouros que ali guardou

E o homem que Deus criou
Com tamanha perfeição
Deixa de louvar a Deus
Pra brigar contra o irmão

Guerras feitas de ódio
De rancor e ambição
Quando tudo que foi feito
Deus deixou em nossas mãos

Vamos louvar a Deus
Vamos bendizer o chão
Vamos deixar a violência
E ser novamente irmãos!

Acabando a violência
A miséria e o sofrer
Vamos nos integrar à terra
Pois somos também criação
De uma arquitetura perfeita
Que só Deus soube fazer!

O negro

Em alto mar zimbava o navio
Nas galés, a soluçar negros gemiam
Dor de saudade, dor de agonia
Dor de uma África que longe ficou
Dor de um pai, dor de uma filha
E naquelas galés escuras
Nada se via, só se ouviam
Gemidos, soluços, tristezas
E açoites em carnes vivas
E o banzo de noite chegava
Pela incerteza de um outro dia

Navio aportou
E os negros desciam
E pela primeira vez
Chegaram à Bahia
Que sol, que luz
Que praias, e o vento gemia!
Pois eles coitados, chegavam escravos
E escravos de brancos ali se tornavam.
Vendidos em mercados, como
mercadorias
Sem humanidade, sem cultura,
sem alma

Só o seu corpo servia
Para o trabalho pesado
A pele que cobre teu corpo
Escureceu a tua alma
Porque para brancos; eras escuridão
De uma raça enfeitada que não tinha
perdão

Negro!
Porque tu foste condenado assim
Porque só tu tiveste que sofrer assim
Porque só tu conhecestes o pelourinho,
Máscaras de zinco e a cafua?
Porém, negro
Só tu tiveste um zumbi
Um quilombo dos palmares
Só tu tiveste a coragem
De lutar pela alforria
Que um dia chegou num 13 de maio
Libertando o teu corpo
Da longa agonia

Negro
Continuas escravo, quando não devias
Pois preconceitos ainda te ferem o
 coração
Mas não precisas hoje de abolição
Pois já te faz querer
Pelo teu valor de ser
Es muito mais que um irmão
Pois teu sangue corre nas veias
Tua bravura
Tua brasilidade
Tua raça tão pura
Que povoou a nação
É fez do Brasil o que é
Pois se não fosses tu, negro
De nada seria
A nação que cresceu, que surgiu
Erguida pelas tuas mãos

Salve o negro brasileiro
Inzoneiro-africano
Que depois da abolição
Lutou, venceu e gritou
"Libertei meu coração"
Pois hoje és tão livre quanto eu
tão cidadão quanto eu
Filha dessa grande nação

*Cem anos de abolição
1888-1988*

“HABEAS-PINHO”

Petição para liberar um violão

Ronaldo Cunha Lima*

Exmo. Sr. Juiz de Direito da 2ª Vara desta cidade

I
O instrumento do crime que se arrola
neste processo de contravenção,
não é faca, revólver nem pistola
É simplesmente um violão.

II
Um violão, doutor, que na verdade
não matou nem feriu um cidadão.
Feriu, sim, a sensibilidade
de quem o ouviu vibrar na solidão.

III
O violão é sempre uma ternura,
Instrumento de amor e de saudade.
O crime a ele nunca se mistura,
Inexiste entre ambos afinidade.

IV
O violão é próprio dos cantores,
dos menestres de alma enternecida
que cantam as mágoas que povoam a vida
e sufocam as suas próprias dores.

V
O violão é música e é canção,
é sentimento, vida e alegria,
é pureza, é néctar que extasia,
é adorno espiritual do coração.

VI
Seu viver como o nosso é transitório.
Mas, seu destino, não se perpetua.
Ele nasceu para cantar na rua
e não p'ra ser arquivo de cartório.

VII
Mande soltá-lo pelo amor da noite
que se sente vazia em suas horas,
p'ra que volte a sentir o terno açoite
de suas cordas leves e sonoras.

VIII
Libere o violão, Dr. Juiz,
em nome da Justiça e do Direito.
É crime, porventura, o infeliz
cantar as mágoas que lhe encham o peito?

IX
Será crime e, afinal, será pecado,
será delito de tão vis horrores,
perambular na rua um desgraçado,
derramando na praça as suas dores?

X
É o apelo que aqui lhe dirigimos,
na certeza do seu acolhimento.
Juntada desta aos autos nós pedimos,
e pedimos também DEFERIMENTO.

ass. Ronaldo Cunha Lima
Advogado

Despacho do Juiz, Dr. Artur Moura:

Para que eu não carregue
remorso no coração,
determino que se entregue
ao seu dono o violão.

* Ronaldo Cunha Lima é poeta, advogado e foi Prefeito de Campina Grande

Pequena história do hino

A. Tito Filho

Com a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, surgiram vários cânticos de louvor à liberdade. Um deles foi o de Francisco Manuel da Silva, que depois se tornou o Hino Nacional Brasileiro. O autor não conseguiu divulgar nem executar oficialmente a música que compusera para saudar a independência da Pátria.



A consagração da música de Francisco Manuel da Silva veio em 1831, quando abdicou Dom Pedro I. Era grande o descontentamento do povo relativamente ao Imperador, que havia dissolvido a orquestra da Capela Imperial, suspeitando que os músicos lhes eram infiéis. E estes passaram a reunir-se num armário da rua Senhor dos Passos, onde se fez a letra do hino.



O hino de Francisco Manuel da Silva tomou o nome de SETE DE ABRIL, data da abdicação do Imperador. Escreveu a primeira letra o poeta Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, nascido em Parnaíba, Piauí. Música e letra tocada e cantada no dia 13 de abril de 1831, quando o ex-monarca deixava o Brasil. Eis os versos do autor piauiense:

Os bronzes da tirania
Já no Brasil não rouquejam,
Os monstros que nos escravizam
Já entre nós não vicejam.

Da Pátria o grito
Eis se desata
Desde o Amazonas
Até o Prata.

Ferros e grilhões e forcas
De antemão se preparavam:
Mil planos de proscricção
As mãos dos monstros gisavam.

Da Pátria o grito etc.

Amanheceu finalmente
A liberdade no Brasil...
Ah! não desça á sepultura
O dia Sete de Abril.

Da Pátria o grito etc.

Este dia portentoso
Dos dias seja o primeiro:
Chamemos Rio de Abril
O que é Rio de Janeiro.

Da Pátria o grito etc.

Arranquem-se aos nossos filhos
Nomes e idéias dos lusos
Monstros que sempre em traições
Nos envolveram, confusos.

Da Pátria o grito etc.

Ingratos à bizzarria,
Invejosos de talento,
Nossas virtudes, nosso ouro,
Foi seu diário alimento.

Da Pátria o grito etc.

Homens bárbaros, gerados
De sangue judaico e mouro,
Desenganai-vos, a pátria
Já não é vosso tesouro.

Da Pátria o grito etc.

Neste solo não viceja
O tronco da escravidão
A quarta parte do mundo
Às três dá melhor lição.

Da Pátria o grito etc.

Avante honrados patrícios
Não há momento a perder
Se já tendes muito feito
Nada mais resta a fazer.

Da Pátria o grito etc.

Uma prudente regência
Um monarca brasileiro
Nos prometiam venturosos
O porvir mais lisonjeiro.

Da Pátria o grito etc.

E vós donzelas brasileiras
Chegando de mães ao estado
Dai ao Brasil tão bons filhos
Como vossas mães têm dado.

Da Pátria o grito etc.

Novas gerações sustentam
Do povo a soberania
Seja isto a divisa delas
Como foi de abril um dia.

Da Pátria o grito etc.



O hino de Francisco Manuel da Silva voltaria a ser executado por ocasião dos festejos da coroação de Dom Pedro II, em 1841, com novos versos, desta vez de autor anônimo. Ei-los:

Quando vens faustoso dia
Entre nós raiar feliz,
Vemos em Pedro II
A ventura do Brasil.

Negar de Pedro as virtudes
Seu talento escurecer
É negar como é sublime
Da bela aurora o romper.

Exultai, Brasil, e o povo
Cheio de santa alegria,
Vendo de Pedro o retrato
Festejado neste dia.

Estrilho
Da pátria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até o Prata.



Com a proclamação da República adotou-se o hino nacional francês — A MARSELHESA — durante dois meses como HINO PROVISÓRIO, para comemorar o acontecimento. E surgiu a música de Ernesto Fernandes de Sousa, com letra de Medeiros e Albuquerque, enaltecendo o novo regime.

Muito se passou sem novo hino nacional. Para compô-lo foi convidado Carlos Gomes, que não aceitou o convite, alegando que a música de Francisco Manuel da Silva era de exemplar beleza. No dia 22 de novembro de 1889, o governo instituiu concurso para a música destinada ao HINO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, que deveria ser adaptada aos versos de Medeiros e Albuquerque. Apresentaram-se vinte e nove compositores. Mas a imprensa fazia campanha em favor da música de Francisco Manuel da Silva.



Em 15 de janeiro de 1890, contingentes da Marinha desembarcaram no Rio para saudar o chefe da esquadra Wandenkolk, também ministro da Marinha. Houve grandes passeatas e discursos vibrantes. O orador Serzedelo Correia pediu que o Hino de Francisco Manuel da Silva fosse adotado como Hino Nacional. Houve grandes manifestações do povo favoráveis à idéia. Deodoro da Fonseca, no momento, em nome do governo, declarou que o Hino Nacional de Francisco Manuel da Silva seria conservado como da Nação Brasileira. Manteve-se o concurso, já agora para escolher a música do HINO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA. Foi vitoriosa a composição de Leopoldo Miguez, com letra de Medeiros e Albuquerque.



Decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890, assinado por Deodoro da Fonseca, Aristides Lobo, Campos Sales, Benjamim Constant e Dêmétrio Ribeiro:

“Art. 1º: É conservado como Hino Nacional a composição musical do maestro Francisco Manuel da Silva.”

“Art. 2º: É adotado sob o título de Hino da Proclamação da República a composição musical do maestro Leopoldo Miguez, baseado na poesia do cidadão José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque.”

O decreto, como se vê, não tratou da letra do Hino Nacional.



Contra a falta de letra oficial, houve vários protestos, inclusive do deputado federal Coelho Neto. Nomeou-se comissão para rever a música de Francisco Manuel da Silva. Membros: Alberto Nepomuceno, Frederico Nascimento e Francisco Braga, que sugeriram a abertura de concurso público para escolha da letra e os seguintes versos que serviriam de modelo ao Hino:

Brasil é teu destino oh! Pátria amada,
Pugnar em prol da paz e do direito.
Fazer perante os mesmos respeitados
Princípios de justiça e de equidade.

Que a razão seja o teu lema
E a tua arma seja o gládio da justiça!
Seja o teu culto a verdade.
E oficinas, campos sejam tua liça.
Oh! Pátria amada! Estremecida!
Salve! Salve!

Brasil no mundo inteiro terra eleita!
Brasil da natureza filho amado!
Brasil teu céu é puro entre os mais puros,
Teus mares verdes-azuis são os mais belos,
Risonhos são teus vales luminosos,
Altivas tuas serras verdejantes,
Teus grandes rios os mais caudalosos,
Teus vastos campos floridos e férteis,
Oh! Brasil Oh! Pátria amada!
São bem-estar, fortuna são, Brasil
Pátria amada! Brasil!



Coelho Neto, na Câmara dos Deputados, apresentou projeto, autorizando o governo a criar prêmio de dois contos de réis para a melhor composição poética que se adaptar com todo o rigor do ritmo à música do Hino Nacional Brasileiro. Isto em 1909.

Surgiram várias letras, entre as quais a de Osório Duque Estrada que caiu depressa no domínio do público.



Para que o poema fosse perfeitamente encaixado à melodia, Osório Duque Estrada praticou várias alterações nos versos originais:

Da independência o brado retumbante	Entre as ondas do mar e o céu profundo
De um povo heróico o brado retumbante.	passou a Ao som do mar e à luz do céu profundo.

Pelo amor da liberdade	Fulguras, ó Brasil, jóia da América
passou a	passou a
Em teu seio, ó liberdade	Fulguras, ó Brasil, florão da América.

Quando em teu céu azul, risonho e límpido,	Brasil seja de amor eterno símbolo
passou a	passou a
Se em teu formoso céu, risonho e límpido.	Brasil de amor eterno seja símbolo.

És grande, és belo, impávido colosso	O pavilhão que ostentas estrelado
passou a	passou a
És belo, és forte, impávido colosso.	O lábaro que ostentas estrelado.

Dos filhos do teu flanco, és mãe gentil	Mas da injustiça erguendo a clava forte
passou a	passou a
Dos filhos deste solo é mãe gentil.	Mas se ergues da justiça a clava forte.

O concurso proposto por Coelho Neto nunca se realizou. A letra de Osório Duque Estrada permaneceu difundida até 1922, sem oficialização. Mas a 21 de agosto do mesmo ano, Epitácio Pessoa assinou o decreto n.º 4.559, permitindo o Poder Executivo adquirir, pela importância de cinco contos de réis, a letra do Hino Nacional Brasileiro, escrita por

Joaquim Osório Duque Estrada. Feita a aquisição, Eptácio Pessoa, em 6 de setembro de 1922, baixou o decreto nº 15.671, declarando oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro escrita por Joaquim Osório Duque Estrada.



FRANCISCO MANUEL DA SILVA nasceu na antiga capital do país, em 21 de fevereiro de 1795. Era violonista. Compôs principalmente hinos e músicas sacras. Morreu a 18 de dezembro de 1865, na cidade em que nasceu. JOAQUIM OSÓRIO DUQUE ESTRADA veio ao mundo na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, a 29 de abril de 1870. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Poeta, jornalista e crítico literário. Publicou várias obras.

*A. Tito Filho — é o atual Presidente da
Academia Piauiense de Letras.*

Sumário da vida trepidante do escultor José Rangel

Otacílio Anselmo

A idéia desta reportagem surgiu no decorrer do primeiro contato que tivemos com o artista, exatamente quando lamentávamos o esquecimento do nome de Vicente Leite nos festejos do Centenário do Crato, logo depois de sua realização. Os vestígios das ruidosas comemorações ainda pairavam sobre a nobre Cidade e sua ufana gente. O próprio escultor, cujo semblante era u'a máscara de enfado, debelava a ressaca com alguns goles de cerveja, enquanto, a nosso pedido, rememora fatos dos quais partilhara com o inspirado paisagista filho do Crato. Sem que José Rangel percebesse o nosso intuito, começamos a inquiri-lo a respeito de sua própria vida. A narrativa porém foi interrompida. No nosso segundo encontro no "Bar Glória", ao verificar que anotamos certos dados, o artista, que é avesso à publicidade, quis recusar-se à prossecução do assunto. Todavia, diante de nossa insistência, concluiu sua narração, que enfeixamos no resumo que se segue.

José Rangel nasceu em Jardim a 8 de maio de 1898. Distingue-se na escola primária pelos borrões que produz em papéis e paredes. A confecção de um judas foi a sua primeira manifestação artística, o qual, por ter sido feito à semelhança de seu avô, provocou as iras do pai, que o castigou com uma surra. O incidente determina-lhe a ida para Fortaleza, onde passa um ano em companhia de um tio. Volta à terra natal. Retornando a Fortaleza em 1912, passa a exercer várias profissões modestas e retoma o curso primário iniciado em Jardim. Trabalha de dia e estuda à noite. Coloca-se nas oficinas da Estrada de Ferro Baturité como aprendiz de torneiro. Pela segunda vez revela o seu pendor artístico, ao construir sua própria ferramenta. Passa a ter salário, enquanto seus companheiros continuam ganhando experiência. Consegue estudar de graça no Colégio Nogueira. Depois de algum tempo ingressa na Guarda Civil de Fortaleza. É colhido pelos acontecimentos políticos da época, embarcando com as forças do Governo Franco Rabelo para o Cariri. Toma parte no ataque a Juazeiro. Com a derrota das forças legais, dirige-se ao Crato em cuja defesa luta até o fim, em companhia de Eloy Fernandes e outros. Segue para Barbalha e toma o rumo de Iguatu. Ludibria a vigiância da gente de Da. Fideralina, em Lavras da Mangabeira, e atinge seu objetivo. Apresenta-se ao Cap. José da Penha, no Iguatu. Une-se às suas forças que se organizam defensivamente em Miguel Calmon. Ocupa lugar nas trincheiras e luta. Na noite chuvosa do combate em que tomba J. da Penha, Rangel é ferido. A bala que o atingiu ainda está entranhada

nos músculos da perna esquerda. Com a vitória dos jagunços, José Rangel foge para o Amazonas, abandonando as moletas em Belém. Vai até o Território do Acre. Embrenha-se na selva amazônica como seringueiro. Luta pela vida de vários modos, inclusive como embarcaçõ. Regressa ao Ceará em 1917, a bordo do vapor "João Alfredo". Volta a ser guarda civil e pleiteia uma ajuda do Estado para os seus estudos no Rio de Janeiro. Patrocinando-lhe a causa na Assembléia Legislativa, um deputado mostra em plenário um nu artístico de sua autoria. Um parlamentar das caatingas rejeita a proposta alegando o cunho imoral (!) da produção do artista. Demite-se da Guarda e é colocado na Recebedoria do Estado pelo professor Leiria de Andrade, ao tempo Secretário da Fazenda. Foi nessa época que José Rangel iniciou sua aprendizagem prática de escultura, erigindo estátuas de areia sob a luz da Lua, apavorando os pescadores e habitantes da antiga Praia do Peixe. Com a entrada do Brasil na I Grande Guerra, Rangel senta praça no 49º Batalhão de Caçadores. No mesmo dia que é graduado a cabo se vê rebaixado definitivamente, em consequência de uma rusga com um soldado da Polícia Militar. Deixa o Exército. Durante o ano de 1920 recebe aulas de Carlos Câmara. No ano seguinte, por interferência do professor Leiria de Andrade, obtém do Estado um auxílio de 100\$000 mensais para estudar no Rio. É seu companheiro Vicente Leite, também contemplado pelo auxílio governamental. Entretanto, três meses depois, falecendo o presidente Justiniano de Serpa, desaparece o auxílio. Para manter-se e estudar, Rangel trabalha como tecelão e lavador de pratos. Durante esse tempo aprimora os seus estudos em areia, tendo recebido uma medalha de ouro das mãos do Rei Alberto (1922), pela ereção de sua estátua em companhia da Rainha, na Praia de Copacabana. Prepara-se para a admissão à Escola de Belas Artes estudando com o professor Modesto Brocos, de quem recebeu 7 horas de aulas de desenho. De 96 candidatos apenas 12 são aprovados. Rangel é o 6º colocado, seguido de Vicente Leite. No dia 5 de dezembro de 1925, centenário do nascimento de D. Pedro II, o ex-Imperador é homenageado por José Rangel, com a sua estátua em areia, na praça Sans Pena, modelada às caladas da noite, em cujo trabalho foi auxiliado por um filho do Gal. Fontoura, Chefe de Polícia. Somente à tarde daquele dia foi identificado o autor do trabalho, cujo nome ocupou as páginas dos jornais cariocas.

José Rangel estudou 16 anos na Escola de Belas Artes, onde teve os seguintes mestres: Raul Pederneiras (Anatomia), Pedro Vernier (Modelagem), Rodolfo Chambelland (Modelo Vivo) e Flexas Ribeiro (História das Artes). Sua especialidade artística repousa em Escultura Monumental e Salão, matérias que cursou particularmente com Rodolfo Bernardelli e Otávio Corrêa Lima, respectivamente.

Ainda em 1925, firmou popularidade no Rio através duma competição artística com um famoso escultor italiano, no Instituto Nacional de Música, por ocasião de um festival em benefício dos artistas pobres, sob o patrocínio

da filha do então presidente Artur Bernardes. Rangel modelou em barro, de olhos vendados, o busto de Carlos Gomes, no curto espaço de 8 minutos, enquanto o seu competidor (seu nome foi omitido pelo entrevistado) executou o trabalho em 15, de olhos abertos.

José Rangel, escultor pela Escola Nacional de Belas Artes, "Hors — Concours", tem os seguintes trabalhos premiados:

ENTRE O ÓDIO E O MEDO — Mensão Honrosa, 1º Grau.

EPOPÉIA DO SACRIFÍCIO — Medalha de Bronze.

AD GLORIUM — Medalha de Prata.

ÍNDIO MORUBIXABA — Prêmio de Viagem ao País.

EPOPÉIA DO SACRIFÍCIO é o título do monumento dos "18 do Forte", localizado na Praia de Copacabana. *AD GLORIUM* foi erigido no Aeroporto Santos Dumont, em homenagem ao Pai da Aviação, na Capital Federal.

O maior triunfo de Rangel foi, sem dúvida, o monumento de Olegário Maciel, em Belo Horizonte, conquistando 1º lugar num concurso em que figuravam artistas famosos como Humberto Cozzo (autor da estátua de José de Alencar, em Fortaleza), Leão Veloso e outros.

O monumento do Almirante Alexandrino de Alencar é outra prova do seu talento. Entre outras obras do seu cinzel, destacamos as seguintes: BENEDITO VALADARES (herma) em Montes Claros, Minas; CEL. CORREIA LIMA, no C.P.O.R. do Rio de Janeiro; AO VOLTAR DE UMA TRINCHEIRA, no Regimento Sampaio, no Rio; A CAMINHO DA TABA; O LAVRADOR; NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS.

Este último trabalho foi uma dádiva do escultor ao patrimônio de sua terra natal.

A convite do Deputado Federal Antônio de Alencar Araripe, vai esculpir o monumento ao Centenário do Crato, cujos estudos já iniciou "in loco". Será um coletivo, reunindo os revolucionários de 1817.

Considerando Humberto Cozzo, Correia Lima, Zeca Paraná, Fleury Gama, Leão Veloso e Carlos del Negro os maiores artistas nacionais, José Rangel permanece fiel à Arte Clássica e confessa desconhecer as inovações da Arte, cuja maior expressão, no País, é Cândido Portinari.

Revista ALVORADA, nº 15, órgão oficial do Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Ceará, Fortaleza, Dezembro de 1957 e Janeiro de 1958.

José Rangel

Nascido a 28 de maio de 1895 e falecido a 11 de novembro de 1969. Filho de Cirilo Rangel e Maria Bringel. Aos doze anos de idade passou a residir em Fortaleza, onde, nas praias, construiu com areia, esculturas,

revelando, já, o seu talento de grande artista. Graças à ajuda do Presidente do Estado, Justiniano de Serpa, partiu para o Rio de Janeiro, onde cursou a Escola de Belas Artes, da qual foi, posteriormente, professor.

Dentre suas obras, citam-se, como principais: Os 18 do Forte, em Copacabana; Da Aviação; A Imagem de Nossa Senhora de Fátima, em plena Serra do Araripe; a Estátua de Nossa Senhora das Graças em Jardim, cuja bênção se deu a 1º de janeiro de 1949.

A inauguração da estátua foi um acontecimento inesquecível, desses que raramente ocorrem nas cidades do interior. Pessoas vindas de todas as cidades do Cariri e dos Estados vizinhos, encheram as ruas de Jardim para assistirem à grande festa religiosa, a maior festa do século para os jardinenses. A majestosa estátua da Mãe de Deus ergue-se na Praça do mesmo nome, em frente à matriz e constitui ponto de atração turística.

O povo de Jardim ainda não retribuiu a José Rangel o sacro presente com que ele brindou a terra natal.

Espera-se que as gerações porvindouras sejam menos ingratas que a atual.

*Verbete de Maria Alacoque de Lima Pe-
reira, em seu Livro JARDIM, SUA HIS-
TÓRIA E SUA GENTE, ed. de 1986.*

Nota de Itaytera:

José Rangel é nome em rua do Crato desde 1980, no bairro Novo Horizonte.

Apresentando “MEMÓRIAS (Fragmentos de minha Vida)”

J. Lindemberg de Aquino

Profundamente honrado, cabe-me, nesta hora de tantas alegrias espirituais, neste ambiente de luz e de festas, dizer algumas palavras sobre o livro de memórias do Dr. Raimundo de Oliveira Borges.

Estamos em dia festivo, quando a heráldica cidade de Caririáçu festeja 112 anos de sua emancipação política.

Quis a sua eminente Prefeita, em meio às inaugurações que se processaram durante o dia, dar um toque especial de carinho e refinamento à data maior, patrocinando o lançamento do livro do Dr. Borges, que, na realidade, é um dos maiores, mais ilustres e mais renomados filhos desta gleba, em toda a sua história.

Dados biográficos do Autor não precisam ser ditos. Quase todos aqui o conhecem profundamente. Alguns com ele conviveram. Outros o conhecem de nome e de fama — o pecuarista evoluído, o professor culto, o advogado brilhante, o cidadão inatacável, o homem público circunspecto, sobretudo o exemplar pai de uma família que já tem o seu lugar na sociedade caririense, mercê do estudo, do comportamento, da inteligência e da grandeza cívica.

Dr. Raimundo de Oliveira Borges — com este livro que hoje é lançado em sua terra natal — MEMÓRIAS (Fragmentos de minha vida) — dá seqüência à série de publicações que intentou realizar e que, querendo Deus, ainda haverá de tornar realidade, para gáudio dos apreciadores da legítima literatura histórica, ramo a que se tem dedicado com inegável entusiasmo.

Para tanto não lhe faltam garra, espírito de pesquisador, tempo e dedicação, qualidades que se aliam a um profundo conhecimento da língua, a um senso interpretativo e analítico de sua gente e do seu meio, um estilo leve, solto e escorreito, um poder de síntese e uma inexcedível vocação para as letras.

A memorialística é uma das temáticas mais difíceis da literatura. Por exigir espírito crítico, boa memória, especial cuidado para não enveredar pela ficção, poder de análise e especial maneira de colocar e delinear os fatos, concatenando os acontecimentos, ela é um desafio aos que se lançam no setor. Poucos têm sido os vencedores, dentre os quais um Gilberto Freyre, um Gilberto Amado, um Afonso Arinos, um Gustavo Barroso, um Rubem Braga, que também soube aliar amenidades e cotidianos nos seus escritos, um Viana Moog, um Monteiro Lobato e, por último, no alto do escalão, como sumo pontífice dessa plêiade privilegiada de

escritores, um Pedro Nava, que encantou o país com 6 livros focalizando sua vida, revelando-se mestre dos mestres dos que fazem livros de memórias pessoais.

Pois bem. Corajosamente, diligentemente, heroicamente, se encararmos a pobreza do meio e a falta de incentivos, o Dr. Borges chegou ao patamar desses memorialistas, sentando-se lado a lado, e aspirando a fama e a glória que só o futuro dirá com mais precisão.

O seu livro de memórias tem o sabor da terra. Das gentes, das cousas, dos cenários, dos frutos, dos engenhos tocados à força do boi, das lavouras de algodão, dos criatórios sacrificados — muitas vezes dizimados — pelas secas, de permeio com incursões de cangaceiros e tumultos de ordem fanática, como o que sacudiu o Cariri e se refletiu nesta boa terra de S. Pedro.

Tem a majestosa beleza dos invernos, as agruras dos períodos de escassez, o poema das noites de luar, das cantigas de roda, das lendas de assombração, do folclore e da música, das lembranças de festas e dos serões familiares.

A esses ingredientes se juntam, harmoniosamente, os percalços da vida de uma família pobre, a de Clemente Ferreira Borges e Maria José, país do autor, nas suas andanças, suas lutas, suas aspirações, seus sonhos, seus sacrifícios, seus heroísmos diários dentro do lar e no trabalho afanoso da agricultura e da incipiente pecuária, para criar, educar, projetar uma plêiade de filhos que mais tarde se destacariam em todos os ramos.

Esse Clemente Ferreira Borges foi um herói. Um herói que comportaria, só ele, um estudo, perfilando as suas qualidades de líder incontestado, de surpreendente liderança em um meio pobre, acanhado, vencido pela natureza e pelas agruras das secas temporárias.

Um lutador, que procurava trazer, para a terra, benefícios sem conta, arrostando dificuldades mil, vencendo empecilhos inimagináveis, tendo sido ele de tudo um pouco nesta terra abençoada do patrono do Céu, São Pedro, iniciador histórico do seu processo de desenvolvimento, cujos trabalhos, cujo esforço, cujas atividades, cujas iniciativas, se mensuradas nos dias atuais, lhe dariam uma proporção de verdadeiro gigante.

É esse o herói que Caririçu ainda não homenageou. Nada existe com seu nome, uma rua, uma praça, uma escola, uma obra pública — e isso, naturalmente, é uma lacuna imperdoável que cumpre corrigir, num resgate à sua memória e num reconhecimento dos pósteros a quem tanto lutou pela terra.

Dr. Borges traça-lhe o perfil, o tronco de onde se originou, educado no cadinho do lar, com a severidade e o exemplo de austeridade do pai, a doçura e o carinho da mãe, o amor fraternal dos manos, ramificando-se essa árvore em esplêndidos galhos espirituais, que corporificaram esta comunidade e a projetaram pelo Brasil afora.

O Autor demora-se exatamente em 240 páginas de deliciosos fragmentos de sua vida, moldada à têmpera da persistência e da obstinação de vencer, até chegar ao topo majestoso de hoje, onde pode, graças a Deus, descortinar o cenário de sua vitória pessoal.

São fielmente narradas, neste singelo volume, sua infância, suas aspirações, seus sonhos, sua juventude, seus estudos — medicina, inicialmente, depois uma guinada feliz para o Direito —, suas idéias, sua análise dos homens e das cousas.

Dr. Borges é de uma fidelidade espantosa aos fatos, prendendo-se à narrativa em detalhes que dão gostosura ao banal e evidenciam seu espírito crítico e seu senso de análise.

MEMÓRIAS — Fragmentos de minha vida é, portanto, um livro que retrata Caririçu do passado, seus vigários, seus juizes, seus delegados, suas lideranças, seus proprietários rurais, valendo como um retrato em corpo inteiro dos primeiros anos desta terra nas duas primeiras décadas do século.

É um desses livros destinados a ficar. Obra permanente de consulta, tira-dúvida, tira-teima, que essas são as vantagens dos grandes livros, sempre lembrados, sempre relidos, sempre consultados, sempre citados.

Daí a sua grandeza, imperceptível, à primeira vista, mas grandeza que o fará eterno, porque denso de informações, recheado de ternuras, repleto de casos, rico de ilustrações morais de uma gente, brava, altiva, soberana e viril, que sempre ocupou e povoou esses rincões abençoados por Deus, e aqui ramificou-se em famílias tradicionais.

Creio que já me alonguei bastante. Se mais o dissesse, iria, certamente, tirar os prazeres indeléveis e revelar as amenidades incríveis que este livro retrata, num admirável caleidoscópio ditado pela alma e pelo sentimento.

O mais é comprar e guardar, depois de ler. Porque é dessas leituras que enriquecem o espírito e enobrecem a alma, em meio a tantas desilusões, mágoas, angústias e apreensões dos dias atuais.

O livro do Dr. Borges terá a perenidade dos tempos, imortalizando o seu Autor e sua obra — e nesta hora invocamos o santo Padroeiro desta terra, S. Pedro, para que esconda a chave do Céu, não abra tão cedo as suas portas para receber Dr. Borges. Porque o queremos, ainda, muito lépido e vivo, muito tempo, escrevendo, exemplando, construindo, criando, deixando nas letras a marca vigorosa de sua inteligência criadora, reflexo de um coração que só sabe pulsar para o amor, para o bem e para as grandezas espirituais!

Discurso de J. Lindemberg de Aquino em Caririçu, na noite de 18.08.88, no lançamento do livro de memórias do Dr. Raimundo de Oliveira Borges.

Inaugurada a Casa de Cultura Portuguesa

Discurso do Reitor da Urca, José Teodoro Soares, na inauguração da Casa de Cultura Portuguesa, em Juazeiro do Norte, 10.06.88.

A História é a memória coletiva dos povos, memória que reflete não só o que eles têm, mas sobretudo o que eles são. Patrimônio comum que cada geração preserva, aumenta, modifica ou inflete.

De fato na vida dos povos existe uma consciência histórica que mais não é do que um meio de olharmos o que fomos para sabermos o que somos. Consciência que pode conferir unidade a um corpo social. Ser força aglutinadora de vontade que nos transcende sem deixar de nos unir a um todo indiviso.

Na oportunidade em que se instala a Casa de Cultura Portuguesa, torna-se difícil deixar de enfatizar a contribuição de Portugal ao resto da humanidade, a revelação do mundo a si mesmo, como noção de serviço ao bem comum. São quinhentos anos de marcos importantes no universo dos descobrimentos marítimos. No dizer de Serra Brandão, presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, não se pode negar que entre os fatores mais significativos e mais importantes que unem e identificam os portugueses, mesmo quando espalhados pelas cinco partes do globo, sobressaem a projeção da cultura e a grandeza da história, onde os descobrimentos constituirão sempre justo motivo de orgulho nacional.

Na realidade em nenhum outro momento da história um povo, partindo de uma pequena nação europeia, foi tão longe e foi tão forte no tablado do mundo. D. Dinis, D. Henrique, D. João II, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Cristóvão Colombo, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães, todos eles se tornaram figuras a quem o tempo histórico prolongou a vida e o exemplo. Agora quinhentos anos passados sobre os descobrimentos, recolhidas de vez as velas históricas, os portugueses do presente só têm razão para se reverem e se afirmarem à luz de um passado que foi dos mais empolgantes da história da humanidade.

Instalar a Casa de Cultura Portuguesa foi uma exigência da comunidade desde o nascimento da URCA. Eis porque se inaugura, aqui, nesse instante, a Casa de Cultura Portuguesa. Criam-se laços entre Portugal e o Cariri. E o Cariri — URCA cria objetivos que intercambiarão a Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, e a

Universidade Vale do Acaraú, para onde converge o verdadeiro ministério da educação e da cultura dos cearenses.

Por feliz coincidência a esse evento que ora levamos a efeito, viaja o Senhor Governador Tasso Jereissati a Portugal para estabelecer relações, criar vínculos culturais e revigorar as nossas origens junto ao país irmão. Inaugura-se a Casa de Cultura Portuguesa em Juazeiro do Padre Cícero para confirmar mais ainda as profecias de autêntico progresso conforme previa o santo Padre, referindo-se ao conglomerado das romarias. Para aqui afluíram filhos de Portugal e hoje formam uma comunidade portuguesa. “Contribuíram todos eles, para o engrandecimento dessa terra tão hospitaleira. São dezenas deles entre pais, irmãos, filhos, netos e bisnetos, que recentemente assinaram documentos às instituições portuguesas reivindicando apoio à Universidade Regional do Cariri. Diziam eles, textualmente, “Nós que fazemos a comunidade portuguesa de Juazeiro do Norte e da região do Cariri, ao ensejo da instalação da Universidade Regional do Cariri — URCA, servimo-nos da presente para solicitar às instituições portuguesas, Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (...) que se dignem apoiar e colaborar com a Casa de Cultura Portuguesa cuja instalação está sendo processada pela referida Universidade. Assim procedendo, tenderemos a aumentar os laços de fraternidade, crescer e divulgar a cultura portuguesa nesta região tão rica de valores culturais, e que acolheu a nós e aos nossos antepassados com tamanho carinho e hospitalidade que aprendemos a vivenciar o universo cultural desse povo, sem perder o elo que nos transcende a Portugal”.

Nesta oportunidade agradecemos às instituições portuguesas que nos apoiaram na concretização deste ideal, bem como à comunidade regional. Estamos cientes da necessidade de repensar a História a fim de vivermos o presente e projetar o futuro. Assim sendo, temos de estreitar os laços de amizade e fraternidade como forma de vivermos os verdadeiros valores humanos.

5 Sonetos

Zênith Feitosa*

Ecoss...

De corpo e de alma, banho-me em cascata
bela e singularíssima, pois feita
de argênteos fios que o luar desata
por sobre a noite imensa... tão perfeita!

E eis-me de corpo e de alma envolta em prata.
Tamanha é a claridade que me enfeita,
que o teu olhar com enlevo me retrata
e o teu abraço cálido me estreita.

Noite que luz, em jorros, irradia,
faz-se harmonia, ritmo, melodia:
— Chopin? “Noturno”? Schubert? “Sercnata”?

Não sei. Talvez a música que eu ouço
seja o eco suave e lindo do alvoroço
desse amor que o nosso íntimo arrebatá!

Noturno

Quero esta noite para mim apenas.
Egoísmo, sim! Mas, que me importa? É lindo!
— Dançam estrelas fúlgidas, serenas,
no palco azul do céu, em luz sorrindo...

Entoa a voz das coisas cantilenas,
murmurando... Embeveço-me, as ouvindo...
— É a voz da noite. Múltiplas antenas
pelo amplo espaço a estão reproduzindo...

Há murmúrio. Há sussurro. Há confiança...
Dos vaga-lumes a fosforescência
é voz de luz luciluzindo no ar...

Um instrumento, além, toca em surdina.
— Flauta ou violino? — Sei que me fascina.
— É tua voz, ansiosa, a me chamar!

* Poetisa de Jardim-Ceará, residente em Fortaleza.

Asfixia Linda

Triste e cansada, bato à sua porta...
Abra-a, por gentileza, e me recolha,
me aconchegue em seus braços... Não importa
o mundo... os outros... — Sou a sua escolha.

E deixe-me chorar. Quando a comporta
da Dor se rompe em lágrimas e molha
a árida terra da alma — é bom! conforta!
— E a Vida exsurge em broto, caule e folha...

É sonho seu reter-me entre os seus braços...
Prenda-me, pois! Com esses ardentes laços,
você asfixiará a minha dor...

Se um dia, nada mais restar, ainda
restará a Lembrança — porta linda
que, em busca de consolo, hei de transpor!...

Andarilha

O pensamento cale-se. É jardim, nada mais.
Carlos Drummond de Andrade.

Sem palavras. É mágico. É perfeito
este momento. Faço-me andarilha
do Verde. E só Sonho e Emoção aceito
junto ao meu ser, que o Verde já palmilha...

É canavial. É encosta. É fonte. É leito
de riachos, pés molhando... É tosa trilha...
É florzinha silvestre com que enfeito
minha alma... — Isso é JARDIM! É maravilha!

São espaços azuis frementes de asas
de borboleta e pássaro... — Sorriso
de DEUS no ar, que mais límpido se faz!

Sonho e Emoção — eis vossas belas casas!
JARDIM não é bem vale. É o Paraíso
em verde miniatura... É a própria PAZ!

Paralelas

Sou como sou. Ninguém me modifica.
Ninguém ou nada. Opção por mim foi feita.
Seja, talvez, para outros, imperfeita,
não importa, se a mim me gratifica.

Não me seduzem aparências... Rica,
vale-nos a alma, e límpida e escorreita.
Convencional hipocrisia enfeita
somente a superfície... o lodo fica...

Radical... farisáica... Não! Repleta
de asco, frente a “sociais virtudes”... Tantas
e vãs, quão fúteis. — De “erros” ao invés...

Príncipes? Semideuses? — Como o POETA,
digo: “ARRE!” e, às etiquetas... Vezes quantas
nos tais tapetes enrolei meus pés!...

Autores caririenses

Índice alfabético dos autores, dos quais
se fez registro bibliográfico no livro "Autores Caririenses"
de Joaryvar Macêdo, até julho de 1979.

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------------|
| Abraão Batista | Jéfferson de Albuquerque e Souza |
| Estêvão Rodrigues | João Lindemberg de Aquino |
| Aldenor Jayme Alencar Benevides | João Alves Rocha |
| Alencar Peixoto | João Nuvens de Sousa |
| Alexandre Arraes de Alencar | João Paiva Cavalcante |
| Alfredo Correia de Oliveira | Joaquim Amaro |
| Amália Xavier de Oliveira | Joarivar (Joaquim) Lobo de Macêdo |
| Antenor de Andrade Silva | José Alves de Figueiredo |
| Antônio Correia Coelho | José Alves de Lima |
| Antônio de Alcântara | José Bernardino Carvalho Leite |
| Antônio de Alencar Araripe | José Carlos Pimentel |
| Antônio Feitosa | José dos Anjos Dias |
| Antônio Gomes de Araújo | José do Vale Arraes Feitosa |
| Antônio Inaldo de Sá Barreto | José Esmeraldo da Silva |
| Antônio Levi Epitácio Pereira | José Furtunato Brandão |
| Antônio Manuel de Sousa | José Helder França (Dedé de Zeba) |
| Antônio Vieira | José Newton Alves de Sousa |
| Azarias Sobreira | José Onofre Marques |
| Bernardino Gomes de Araújo | José Pereira da Silva |
| Bruno de Menezes | José Pereira Gondim |
| Cícero Martins | Jurandy Temóteo |
| Daniel Walker Almeida Marques | Leopoldo Fernandes |
| Duarte Júnior | Ludmila Mendonça |
| Edmilson Félix | Luiz de Borba Maranhão |
| Elias Rodrigues Sobral | Lusmar B. Amorim |
| Emídio Macedo Lemos | Manoel Caboclo e Silva |
| Enéas Braga Fernandes Vieira | Manuel Isau |
| Everardo Arraes de Alencar Norões | Manuel Macêdo |
| Everardo Nobre | Manuel Pereira Bezerra |
| F. Monteiro de Lima | Marcus Vinícius Moreno |
| Francisco de Andrade | Maria Alacoque Bezerra de Figueiredo |
| Francisco de Assis Brito | Maria Eurenice Coelho |
| Francisco Lopes de Aquino | Maria Lindalva Machado Ribeiro |
| Francisco Silvano de Sousa | Mário Teixeira Gurgel |
| Francisco Xavier Nierhoff | M. Diniz |
| F. S. Nascimento | Menezes Barbosa |
| Gilberto Magalhães Sobreira | Mirian Carciol Teixeira |
| Geraldo Macedo Lobo | Mozart Cardoso de Alencar |
| Inácio Filho | Múcio Duarte |
| Irineu Nogueira Pinheiro | Neri Feitosa |
| Ivanilda Rodrigues de Carvalho | Noemi de Alencar Arraes |
| J. Calíope | Otaclíio Anselmo |
| José de Figueiredo Filho | Patativa do Assaré |

Pedro Bandeira
Pedro Felício Cavalcanti
Pedro Rocha (Mons.)
Pedro Valter Leal
Pio Carvalho
Raimundo Augusto
Raimundo de Oliveira Borges

Reinaldo Carleal
Rosendo Miranda Tavares
Rubens Gondim Lóssio
Tomé Cabral
Walter Barbosa
Zélia Pinheiro

Instituto Cultural preencherá, em agosto, duas cadeiras vagas

No próximo mês de agosto, o Instituto Cultural do Cariri realizará bonita solenidade, na URCA — oportunidade em que preencherá duas de suas Cadeiras vagas.

A Cadeira 12, que tem como Patrono Leandro Bezerra Monteiro, está vaga com a morte do General Raimundo Teles Pinheiro.

Será ocupada pelo Dr. Antônio de Araújo Ribeiro, magistrado cratense, autor de diversos trabalhos jurídicos, advogado de renome no fôro do Estado do Rio e com cursos em Coimbra.

Falará ele sobre Leandro Bezerra e, principalmente, sobre o seu antecessor na Cadeira, o General Raimundo Teles Pinheiro.

A Cadeira n.º 18 tem como Patrono Raimundo Monte Arraes. Seu último ocupante foi o Dr. José Arraes de Alencar. Será ocupada pela beletrista conterrânea, D. Isabel Arraes Bandeira, autora de diversos livros de poesia e figura de relevo da inteligência feminina do Ceará.

Falará ela sobre Monte Arraes e sobre o antecessor ocupante da Cadeira 18, Dr. José Arraes de Alencar.

O Instituto viverá, assim, uma noite de esplêndida emoção e ambiência cultural.

Circulando novos livros no Cariri

BOM DEVERAS e seus irmãos

Trazido pelo próprio Autor, pernambucano da zona fronteira com o Ceará, Dr. José Peixoto Júnior, alto funcionário do Ministério da Fazenda, em Brasília, foi vendido e está circulando em Crato o livro BOM DEVERAS E SEUS IRMÃOS (Escopo Editora Comércio e Indústria, Brasília, 1988).

Trazido de um apanhado de casos e fatos ocorridos na Serra do Araripe e seus Municípios pernambucanos próximos (Ouricuri, Trindade, Exu, Ipubli, Sítio dos Moreira e outros), relatando façanhas do bandido Bom Deveras e seus irmãos.

Usando um estilo coloquial e sóbrio, lembrando personagens autênticos, sítios, pessoas, fazendas, lugares, o livro torna-se, até, folclórico, pela descrição de usos e costumes, linguajar, manias, hábitos, credences, tudo descrito em linguagem fluente e fácil, que se constitui uma vigorosa contribuição ao estudo sociológico da área, com ramificação, até, pelo Cariri cearense.

Todo esse material estaria perdido, se muito sobrevivesse estaria, futuramente, deturpado na lembrança popular, se não fora o espírito de investigador arguto dos fatos sociais de sua zona, do Autor, que nos dá um livro primoroso, encantador, entregando ao público nordestino uma obra que se recomenda pela seriedade, pela profundidade e pelo relato singelo e puro de sua gente nativa. Um grande livro, cuja leitura é indispensável, com fatos relatados generosamente para, em futuro, serem desdobrados por aqueles que quiserem se debruçar na saga admirável e perene que constitui, ainda, o interior nordestino.

Versos & Visões — Novo livro de Zula Murinelly

Poetisa de fino lavor, de extremada sensibilidade e de grande acuidade, dona Zula Murinelly chega-nos, agora, com mais um livro de sua autoria, VERSOS & VISÕES. Um livro encantador pela sua singeleza, que prende o leitor da primeira à última página, que traduz intimidade com a vida e a beleza. Muitos sonetos poderiam figurar numa antologia poética pela sua fulgurante beleza e densidade.

D. Zula faz parte de diversas instituições culturais de Fortaleza e mesmo com os cabelos brancos, jamais deixou de sonhar — o que é a primeira qualidade das poetisas.

O livro é de profunda beleza espiritual e intimista e a autora está de parabéns por oferecer ao público cearense mais essa publicação de real valia poética.

Alguns sonetos

Dandinha Vilar

O amanhecer no sertão

Quando o dia desponta no nascente
E abre as cortinas pra mostrar o sol;
A passarada entoa docemente
Os acordes sonoros do arrebol.

Mugem os bois pastando calmamente...
Contam galos no alto empoleirados;
E os cães, despertando alegremente,
Correm latindo, ufanos, agitados.

Assim é o sertão quando amanhece.
Flores várias despontam nas campinas,
Cobrindo o chão de virtual beleza.

E este espetáculo o homem entontece,
Contemplando as inspirações divinas
Nos encantos sem par da natureza.

Ao pôr-do-sol

Descamba o sol no ocaso além do monte...
O dia moribundo se despede!
Entre os rochedos rumoreja a fonte
E o silêncio ao redor saudades mede.

A escuridão já paira no horizonte...
A tarde pra dormir, tristonha pede...
E sobre as nuvens, reclinando a fronte,
De que o dia partiu não se apercebe.

No campanário, o bimbalar de um sino
Jange dolente, ao perpassar do vento,
Doce acorde de paz, tranqüilidade...

Meu coração se sente pequenino
Para conter, num canto de lamento,
O infinito sem par de uma saudade!

O tempo

Indomável, invencível, arrogante
Como um rio, a correr vertiginoso,
Não te condóis nem mesmo por instante
Aos clamores de um coração choroso.

Passageiro do mundo, incessante,
Num desafio bruto, desdenhoso,
Vais rasgando num gesto delirante
As entranhas da vida, impetuoso.

Conduzindo aos abismos do passado
Tudo quanto te surge no caminho!
O tempo, não conheces a piedade!

Nada te faz parar. No triste fado
De não retroceder, seguir sozinho,
Só quem te faz deter é a saudade!

Porque não voltas

Volta o sol quando a noite já tem ido...
Voltam astros no céu quando anoitece.
Volta o pranto a embaçar o olhar sofrido,
Simbolizando a dor de quem padece.

Aos pombais voltam pombos voejantes!
E as andorinhas, com a primavera!
Voltam sonhos à mente, delirantes,
Volta a saudade com a doce espera.

Tudo volta. Só tu que não voltaste!...
E eu fico a te esperar com ansiedade
Mas chego à conclusão que em mim persiste:

Como voltar, se nunca te afastaste
Dos pensamentos meus, desta saudade...
Se do meu coração nunca partiste?

Devaneio

Paira no ar um doce encantamento
E uma saudade triste me domina...
Em meio à solidão deste momento
Escuto a voz de um galo-de-campina.

Ouvindo o seu cantar, meu pensamento
Esconde-se no enleio que me fascina
E eu tento disfarçar no esquecimento
O amargo recordar que me alucina.

O silêncio envolvente me apavora!
Vencendo a solidão minh'alma chora,
Revedo uma lembrança adormecida.

E o galo-de-campina com seu canto
Vem magoar meu peito e faz o pranto
Esmagar nesta dor a minha vida.

Meditando

Além da solidão, ninguém comigo...
Nem mesmo o pranto ou um sorriso triste...
Assim, no meu silêncio, então prossigo
Curtindo a dor que dentro em mim resiste.

Relembro as horas que passei contigo!
Cruel saudade a me magoar persiste.
Quisera te esquecer mas não consigo
Deter o amor que o meu viver consiste.

Diante a placidez serena e calma
Que me embriaga me envolvendo a alma,
Meus olhos secos fitam o passado.

E desfilam por mim tantas lembranças
Que vicejaram cheias de esperanças
Para deixar meu peito amargurado.

Para Juarez, meu irmão

Ana Valderez Ayres Neves de Alencar

Ah! o verde vale de teus dias:
todos eles,
apesar dos anos e desenganos,
embalados na harmonia
das cantigas correntes
dos regatos
de tuas alegrias.

Ah! a sombra generosa
da árvore frondosa
de tua vida:
quanta flor, quanto fruto
e proteção
nos galhos dos teus braços
sempre abertos
para o abraço
e abrigo ao cansaço
do viandante.

Ah! a vivenda do teu coração:
como era grande na simplicidade,
tão limpa, tão singela
e iluminada,
escancaradas todas as janelas
ao sol, à brisa,
à vida, às esperanças.
À porta,
a generosidade de mãos cheias
anunciando que era posta
a mesa
e já servida
a ceia!

Mas te mudaste para um outro vale,
um vale azul
de luzes cintilantes,
e habitas (quem dera!)
o próprio coração de uma galáxia
onde recebes o retorno em luz
de todo o amor e todo o bem
que aos quatro ventos
semeaste.

Nós que por enquanto aqui ficamos,
queremos na tristeza cultivar
as sempre-vivas
de tuas alegrias
e ciosamente resguardar
entre as nossas lembranças
mais queridas,
junto às linhas viris
de teu semblante,
o traçado feliz,
gratificante
da imagem
de tua paisagem.

Agora, olhando o céu azul-profundo,
na beleza das noites estreladas,
do fundo da saudade que deixaste,
queremos crer na realização,
poeta visionário,
do teu sonho de peregrinação
no plano atemporal,
imponderável:

Perambular
na vastidão dos mundos,
sem peias,
sem amarras,
sem barreiras,
investigando
e traduzindo em versos
os segregos da esfinge
do universo!

E quando, de repente,
num momento,
vivemos a ilusão de vislumbrar,
na transparente e iluminada
esteira
da suave poeira
das estrelas,
teu muito amado vulto
em movimento.

Brasília, maio de 1988.

Homenagem da autora ao Dr. Juarez Ancilon Ayres de Alencar, poeta, orador, escritor, jornalista, advogado, consumado intelectual cariense radicado em São Paulo e recentemente falecido.

Centenário do Dr. Joaquim Fernandes Teles

Uma vasta programação teve lugar em Crato para comemorar o centenário de nascimento (15 de abril de 1889) do Dr. Joaquim Fernandes Teles. Houve palestra no Lions Club, proferida por J. Lindemberg de Aquino, homenagens no Rotary Club (palavras do Dr. Ribamar Cortêz, Vice-Presidente do ICC, homenagens no Hospital S. Francisco e Maternidade do Crato, Missa em ação de graças, celebrada por Mons. Montenegro, na Sé Catedral, sessão na Câmara Municipal e homenagem na Assembléia do Estado.

Reproduzimos aqui dois discursos: o do Vereador Emídio Lemos na Sessão da Câmara Municipal do Crato e o discurso do Deputado Humberto Macário na Assembléia Legislativa do Estado.

Centenário de Dr. Teles

Dr. Emídio Lemos

Nascido em Crato em 15 de abril de 1889, o Dr. Joaquim Fernandes Teles era filho do Cel. Teodorico Teles de Quental e Ana Balbina da Encarnação Teles (D. Yayá).

Teve seu centenário comemorado, de maneira brilhante, pela comunidade, com homenagens no Lions Club do Crato, Rotary Club do Crato, Câmara Municipal, Hospital S. Francisco, Maternidade do Crato, Grêmio Dr. Teles do Colégio Agrícola, e a família mandou celebrar missa em ação de graças, em 15.04.1989, na Sé Catedral, celebrada por Mons. Montenegro, Mons. Raimundo Augusto e Pe. Teodósio Nunes. Nas notas que se seguem, ligeiros traços da biografia desse eminente filho do Crato.

A Multiforme personalidade do Dr. Teles

O médico

Foi dos mais brilhantes profissionais na área da Medicina. Estudante com curso de notas altíssimas, revelando aptidão para a profissão, deixou marca em sua Faculdade, na Bahia, onde se diplomou na turma de dezembro de 1916. Sua primeira especialização foi em Oftalmologia, onde chegou, inclusive, a defender tese sobre o assunto. Depois, com pouco espaço nessa área, em Crato de então, especializou-se em obstetrícia e cirurgia médica, onde teve marcante atuação em mais de meio século de exercício da medicina, que se fez um sacerdócio e um devotamento por todos

conhecido. Costumava não cobrar honorários médicos e fez aquela valerosa caridade que engrandece e constrói a fama, sem ostentações e sem propaganda, mas com o exercício e a prática diária do bem, no consultório e no hospital.

O industrial

Mente aberta aos grandes empreendimentos, o Dr. Joaquim Fernandes Teles foi o pioneiro da industrialização do Cariri, associando-se ao Dr. Virgílio Ribeiro Maracajá, na construção e exploração da Usina Maracajá, primeira usina de açúcar do interior cearense, implantada no Burity. O insucesso empresarial, anos depois, não tirou o seu entusiasmo pela indústria. No mesmo local e aproveitando o mesmo prédio, uniu-se aos seus filhos na implantação da CIA. SUL CEARENSE DE PAPÉIS (SUL-CEPA), ali instalada há mais de 25 anos e que foi a primeira fábrica de papel no interior cearense. Na indústria rapadureira, Dr. Teles teve destaque, fabricando e exportando as melhores rapaduras do Cariri, que conquistaram, inclusive, os sertões da Paraíba e do Inhamuns e até regiões vinculadas ao Vale do S. Francisco.

O constituinte

Dr. Teles teve a felicidade de participar de suas Assembléias Constituintes: a primeira, a Constituinte estadual, de 1934, quando deu sensível colaboração ao verdadeiro artífice daquela carta magna estadual, o deputado Martins Rodrigues. Dr. Teles firmou aquela Carta em que se inseriram importantes iniciativas suas. Mais tarde, deputado federal em 1946, firmou a Constituição de 18 de setembro daquele ano, onde inumeráveis foram as suas emendas, demonstrando seu alto espírito público e o senso de responsabilidade, como representante de nossa região, pobre e carente. A Constituição de 46 foi firmada por outro representante do Crato, colega do Dr. Teles na bancada cearense, o Dr. Antônio Alencar Araripe.

Pode-se dizer que a parte da medicina social, com marcantes iniciativas, constantes naquela Carta, foi, quase toda, do constituinte Fernandes Teles, como era seu nome parlamentar.

O deputado

Depois de duas passagens pela Prefeitura, numa das quais nos deu um código de posturas para o Município, muito avançado, Dr. Teles foi eleito deputado estadual em 1934. Esse mandato não chegou a se completar, com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, que criou a ditadura do Estado Novo, dissolvendo todos os poderes legislativos. Em 1946, Dr. Teles foi eleito deputado federal. Das diversas comissões de que participou, no então Palácio Tiradentes, Rio, onde funcionava a câmara, teve marcante atuação — nas de Saúde, Municípios e Finanças. Preferiu ficar na de finanças que lhe possibilitou carrear inumeráveis emen-

das, destinando recursos para o Hospital e Maternidade do Crato. Barganhava, no bom sentido, com os demais parlamentares, votando emendas de verbas, deles, contanto que eles votassem as emendas destinadas ao Crato. Os trabalhos da comissão de finanças varavam a madrugada. Dr. Teles nunca perdeu uma dessas reuniões, vigilante e ativo em defesa de sua cidade.

O agropecuarista

Dono de vastas e bem estruturadas propriedades agrícolas, no Crato, na Serra do Araripe e em Pernambuco, o Dr. Joaquim Fernandes Teles imprimiu, em todas elas, uma sistemática de organização e administração que fazia resultados admiráveis.

A Lagoa encantada e o Belmonte, com dois engenhos, produziam as melhores rapaduras do Cariri. Na pecuária, introduziu raças de excelente procedência, cultivando o aprimoramento dos rebanhos, dos quais muitos exemplares obtiveram prêmios em exposições no Crato e fora dele. Proce- deu a experiências louváveis no trato do solo e na obtenção de produtos agrícolas de primeira qualidade. Era um entusiasta do campo, da fixação do homem à terra, da valorização da agricultura, meta primária da nossa economia. Um agricultor de mentalidade, dando nova dimensão e vigoroso exemplo aos seus colegas de todo o Cariri.

O pai de família

Exemplar pai de família, o Dr. Joaquim Fernandes Teles foi modelo de bom esposo e de bom pai. Casado com dona Ana Monteiro Teles, filha do empresário José Rodrigues Monteiro, do casal nasceu família brilhante e equilibrada. Dr. Teles cuidou com esforço e dedicação da educação de todos eles, resultando: Dr. Hermano Teles — engenheiro agrônomo, ex-diretor do colégio agrícola e do centro de tratoristas do Crato, ex-deputado federal e suplente de senador da República; Dr. Caio Monteiro Teles, veterinário; Dr. Joaquim Teles Filho, químico industrial; Dr. Maurício Monteiro Teles, médico, falecido; Luísa Helena, Teresa Maria e Ana Guilhermina, professoras, e Maria Audísia, também profes- sora. Todos com esmerada educação e formação profissional. Dr. Teles faleceu em maio de 70 e D. Ana em 77. Foi um casal de excelente formação cristã e cívica, e a prova são os descendentes que nos deixou.

O empresário

Dr. Teles também atuou no comércio do Crato, em sociedade com seu irmão Antônio Fernandes Teles. Eles tiveram, por mais de 30 anos, a famosa Farmácia Teles, na Rua Dr. João Pessoa, gerenciada pelo segundo. Ficava onde hoje está mais ou menos a Livraria Mensagem, naquela artéria do nosso comércio.

A Farmácia Teles tinha aviamento de receitas, nos moldes antigos e era estabelecimento conceituado.

Relembrando Fernandes Teles

Humberto Macário de Brito

Senhor Presidente,
Senhores Deputados,

Representante do Município do Crato, fecundo por suas terras ubérrimas e pela tradição gloriosa do seu povo, honra-me a incumbência que me impõe o dever de Deputado, de médico e amigo do ex-Deputado Estadual, ex-Deputado Federal, ex-Prefeito do Crato e médico da maior nomeada em nossa terra, o Dr. JOAQUIM FERNANDES TELES, de homenageá-lo nas Comemorações que o Crato lhe faz, pelo transcurso dos cem anos de nascimento de seu eminente filho, a 15 do mês em curso.

Aqui nos representou com o raríssimo fulgor de sua inteligência, a lhanesa do seu fino trato e o destemor do seu espírito combativo, de 1935 a 1937, quando a Ditadura Vargas chegou, instalou-se e permaneceu, traindo o ideário revolucionário, democrático dos audazes combatentes da Revolução de 30.

Em que pese ao caráter local da administração naquele período, quando a Federação não funcionava e Estados e Municípios detinham quase total independência política e administrativa, enquanto o Poder Central era fraco, incapaz e impotente e apesar das limitações do parlamento, a sua atuação foi das mais brilhantes, na Assembléia.

Após 45, elegeu-se Deputado Federal por duas legislaturas, tendo como companheiro este outro eminente Deputado cratense — ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE.

Na Câmara Federal, fez um trabalho obsecado pela obtenção de recursos, ano a ano, paciente, tenaz e obstinadamente, para construção do Conjunto Hospitalar, ainda hoje MODERNO, que constitui o Hospital São Francisco de Assis e Maternidade Dr. Teles, em Crato.

Na construção e, mais do que tudo, no funcionamento destes serviços, de caráter macrorregional, que centralizaram por muito tempo, até cerca de 1968, o atendimento de toda a Região vizinha dos estados de Pernambuco, Paraíba, Piauí e até, com freqüência, do Maranhão, contou o Dr. TELES com apoio diuturno e incondicional do Dr. ANTÔNIO MACÁRIO DE BRITO e do Provedor Mons. PEDRO ROCHA DE OLIVEIRA, por cuja conjugação de esforços a Instituição foi consolidada e sedimentada, perdurando grandiosa até nossos dias.

Além de médico e político, foi agricultor e pecuarista de grande porte.

Era casado com dona Ana Monteiro Teles.

A família, exemplar na fidalguia, no trabalho e no amor à Terra, lhe seguiu os passos.

Maurício, o substituiu na medicina, tornando-se uma das figuras mais queridas em nosso meio.

Hermano, também Deputado, ocupou-se da agricultura e da política, com discricção.

Telizito e Caio, com apoio do pai e dos irmãos criaram a **SULCEPA** — **Companhia sulcearense de Papéis**, em Crato, com inacreditável esforço e pouquíssimo empenho público, ora em franco progresso.

As filhas — **Ana Guilhermina, Luiza Helena e Terezinha** — são exemplos de dignidade e honradez.

Falecendo a 05 de maio de 1970, **Dr. JOAQUIM FERNANDES TELES** — irmão do ex-deputado **FILEMON FERNANDES TELES** — deixou inegavelmente um espaço imenso — vazio, pela natural bondade, pela simplicidade incomparável, pela competência como cidadão, médico e político.

À figura veneranda desse eminente cratense, rendo, nas comemorações do seu centenário de nascimento, a homenagem da minha família que tem, no **Dr. ANTÔNIO MACÁRIO DE BRITO**, seu amigo e companheiro de inacreditáveis lutas no **Hospital São Francisco**, quando esta **CASA** era o único **Hospital** a funcionar na grande **Região Centro Nordeste**.

Estarei sempre nesta tribuna para homenagear as grandes figuras da minha **Terra**, que, no passado ou no presente, tanto a têm exaltado.

Tenho dito, senhores Deputados.

Muito obrigado.

19.abr.89

50 anos da Associação Cratense pró-Cultura

Luis de Carvalho Maia

Meus senhores, minhas senhoras:

Memorável é a data que estamos celebrando, porque ela assume as proporções de uma renovação.

Um olhar retrospectivo aos idos de 1938, traz-nos doces como saudosas recordações, do idealismo que nos empolgava, em pleno vigor e desabrochar da nossa juventude.

Éramos ainda imaturos, sem experiência vivencial para os duros embates da vida, mas éramos soberanos e altaneiros para os vãos condoreiros de sonhos e ideais sublimados.

Cantávamos como Castro Alves, que era o ídolo da nossa geração:

“Eu sinto em mim o borbulhar do gênio;
Vejo além um futuro radiante:
Avante! — Brada-me o talento n’alma,
E o eco ao longe me repete — Avante!”

O clima da juventude em Crato, àquele tempo, era de ufanía, exultação, delírios oníricos de planos, projetos, arroubos de eloquência, fome e sede de sabedoria, de conhecimentos.

Não havia entre nós espíritos amorfos, abúlicos, indiferentes. Éramos um vulcão em ebulição.

Na cabeça de cada um de nós, havia sempre uma idéia genial. Havia uma inquietação interior e convulsiva de executar tudo que fazia ferver o nosso sangue e agitar as pulsações do coração.

Foi nesse clima de efervescência espiritual, de tensão emocional que nasceu a Associação Cratense Pró-Cultura, ao embalo dos mais puros e elevados propósitos e intenções, que nos levariam até aos maiores sacrifícios e ousadas aventuras se necessário fosse para concretizar a programática esboçada.

Não éramos muitos pelo número. Inicialmente apenas nove companheiros, identificados todos nos mesmos ideais, sentimentos e audácias, desafio às dificuldades.

Lembro-me tão bem como se fosse hoje. O nosso primeiro encontro realizou-se na residência do meu irmão Pergentino Maia. Nossos planos ultrapassavam os limites da nossa capacidade de realização. A associação assumia as proporções e dimensões de uma Academia de Letras, similar

a quantas existiam e prosperavam em todos os quadrantes do território nacional.

Havia os titulares das cadeiras que eram sempre escritores de renome nas letras nacionais e cada membro da Associação escolhia o patrono que mais afinava com o seu gosto literário.

Nossas atividades eram intensas, incansáveis e proveitosas, despertando interesse de outros estudantes que se vieram filiar ao nosso movimento, dando assim o "status" de um silogeu de sabedoria, uma escola de aprimorados estudos, e uma arena de torneios e emulação cultural.

Tal foi a intensidade do nosso movimento litero-cultural, que chegamos a fundar o jornal "Afirmção", onde nos exercitamos nas lides jornalísticas, com aquele garbo e ousadia que Rui Barbosa, na "Oração aos Moços", previnha aos jovens a temeridade dos incipientes que se empavonam com entonos de mestres e doutores.

Era a fermentação do gênio que agitava as nossas entranhas, e que a experiência vivida com tanta intensidade na Associação Cratense Pró-Cultura foi o trampolim de onde muitos atingiram o galarim das mais justas e merecidas conquistas, no mundo das letras, das ciências, da vida profissional.

Hoje, revendo tudo isto, não apenas pelas evocações da memória mas pela leitura das atas, do jornal, e de outros documentos, sinto aquele deslumbramento como o agricultor, que a semente plantada nos idos de 1938, nasceu, germinou e deu frutos opimos e sazonados.

Esta festa do cinqüentenário do Monsenhor Francisco Montenegro é também nossa, não apenas por termos sido os seus alunos e recebido a influência ponderável do seu espírito de humanista e educador, mas também pelos incentivos, apoioamento e estímulos que sempre nos ofereceu ao longo da periódica existência da Associação.

Hoje, de mãos unidas, elevemos aos céus o hino espiritual dos nossos trabalhos coroados de êxito como também os sentimentos de ação de graças por haver encontrado em nossos caminhos uma personalidade da envergadura moral e de porte de sabedoria e compreensão humana como o Monsenhor Francisco Montenegro, a quem conferimos a outorga de uma placa comemorativa.

Discurso pronunciado na festa de 50 anos da Ass. Cratense Pró-Cultura, em 25.06.88, no Colégio Diocesano do Crato.

3 sonetos de José Carvalho

A chuva no Ceará

Cai a chuva na terra e um tremor
De seiva estua em toda parte. E a gente
Estremece também vendo em redor,
O milagre do broto e da semente.

A chuva é um hino: há rufos de tambor,
Há pizicatos e há um tom dolente
No gotejar que cai pelo pendor
Da ramada alfombrosa e viridente.

A terra toda, quando chove, canta,
Cantam rios, ravinas, boqueirões
Espremidos das serras, na garganta.

Mas na cidade as notas prazenteiras
Dão as calhas cantando em gorgolhões
E o teclado tremente das goteiras.

Os açudes

I

Agora, sim! — as chuvas do Nordeste
Não correrão inúteis para o mar;
Ficarão nos açudes que nos deste
Para a Terra das Secas fecundar.

Por toda a parte, do levante a oeste,
De norte ao sul, a terra há de criar
Searas e rebanhos! Será este
O bem maior que nos podias dar.

E por isso, certo, no futuro,
Quando o bom lavrador tiver seguro
O seu roçado e não sofrer mais fome,

Há de ensinar à prole estremecida
— Já criada na Terra Prometida —
A bendizer e abençoar teu nome!

II

A chuva é o pão do cearense, é a vida
E o não deixar a terra em que nasceu,
O seu rebanho, a casa estremecida,
A Fazenda, a campina, a serra e o céu.

É toda a natureza ressurgida
Dessa morte aparente em que viveu.
O Jaguaribe... a várzea re florida
Que o juazeiro de perfume encheu.

É ver chegar a noite e repousar
Ouvindo na viola o trovador
Improvisar a quadra peregrina

E dormindo tranqüilo, despertar
Ao toque do clarim madrugador
Da graúna e do galo-de-campina.

*Ao Presidente Epitácio Pessoa.
Belém-PA, 1922.*

Martim Soares Moreno na “Insurreição Pernambucana”

Hélio Ideburque Carneiro Leal

Os compêndios didáticos de História, ao se reportarem à insurreição pernambucana, mencionam, via de regra, como seus protagonistas — Matias de Albuquerque, João Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Felipe Camarão, Francisco Barreto, Dias Cardoso, Francisco Rebelo e Luiz Barbalho.

Omitem o nome de Martim Soares Moreno, “um dos campeões da restauração de Pernambuco”, segundo Varnhagem.

Vitória de Guararapes decorridos 340 anos

Ainda há pouco, a propósito das comemorações do transcurso de mais um aniversário da vitória final daquele movimento que objetivava a expulsão do invasor flamengo, um “jingle” divulgado amplamente pelas emissoras de rádio e televisão incorria no mesmo equívoco ou, quem sabe, cometia a mesma injustiça.

Inquestionavelmente, referidos personagens, articuladores da campanha libertadora, iniciada em 1630 e consumada em 1654, com rendição total dos holandeses, merecem os aplausos e a exaltação das novas gerações, como aliás vem acontecendo.

O que, todavia, causa estranheza é o olvido a que votaram o nome de Martim Soares Moreno, cuja atuação heróica e patriótica em mencionado episódio de nossa História, não poderá ser esquecida e muito menos ignorada.

Rocha Pombo, “História do Brasil”, p. 181 (edição Melhoramentos), ao registrar uma das primeiras vitórias de João Fernandes Vieira sobre os invasores comandados pelo Cel. Haus, no monte das Tabocas, revela: “Dali (do monte das Tabocas), abala Vieira rumo a Santo Antônio do Cabo. Em caminho encontra as forças de Camarão e de Henrique Dias; e, logo depois, opera junção com as de André Vidal e de Martim Soares Moreno”.

A presença do fundador do Ceará na luta contra o inimigo comum

A “Grande Enciclopédia Delta Larousse”, p. 3.230, faz referências enaltecedoras à participação de Soares Moreno naquela desesperada luta desenvolvida contra as forças de ocupação flamengas.

Explícito, porém, é Afrânio Peixoto que bem define a notável contribuição de Martim Soares Moreno no combate aos intrusos desde os primeiros momentos de espoliação de que era vítima o Nordeste.

Assim, se expressa o eminente historiador: “Martim Soares Moreno resistira, em 1624 e 1625, aos holandeses, na sua Capitania do Seará. Viria contra eles quando da invasão em Pernambuco e Paraíba. Em carta de 8 de janeiro de 1631, dá conta de preparativos para acudir a Pernambuco, dizendo que recebido aviso do que aí se passava, mandara socorro dos índios que pôde, sabendo que eles acudiam com muita vontade ao que encarregados”.

“Agora, Martim Soares passava o Governo da Capitania a seu sobrinho Domingos da Veiga, e ia em pessoa. Chegara, de facto a Pernambuco em princípios de junho, trazendo do Ceará muitos índios e alguns soldados. Mais gente lhe foi dada e o posto de Nossa Senhora da Vitória, perto do rio Capibaribe, pela parte que divide a ilha de Santo Antônio, frente a dois redutos do inimigo”. “A um destes, em setembro, mandou-o Matias de Albuquerque atacar, o que fez por assalto, com os seus duzentos índios, que eram daquela parte mais alarves (ferozes) e elle delles o melhor lingoa e amado singularmente”, diz Brito Freire (nova Lusitania, 203/4, Lisboa, 1675, cit. por Garcia, Diálogos das Grandezas do Brasil, Rio, p. 169); conseguiu vitória contra 40 infantes e um sargento, fortificados: prendeu ao sargento, degolou 12 homens fugindo os mais assombrados, à vista dos índios, que “reputavam como selvagens, vendo tão ligeiros e atrevidos, com gesto feroz, despedirem, nus, imensas flechas, esses horríveis bárbaros”, diz o mesmo cronista.

“Em 24 de março de 1633, numa quinta-feira santa, guiados por Calabar, os Flamengos empreenderam o ataque ao Arraial do Bom Jesus, às 11 da manhã, hora em que cantavam os nossos na igreja... mas a agressão foi repelida, perdendo muitos mortos, entre eles o chefe Rembech, muitos oficiais feridos, deixando 15 prisioneiros, os nossos tiveram 25 mortos, 40 feridos, entre estes os capitães Estevão de Távora e Martim Soares Moreno” (Varnhagem, História Geral, t. II, p. 302).

“Rumando à conquista da Paraíba, desguarneceram os Flamengos, relativamente o Recife, o que convidava os nossos a uma tentativa. Ela foi confiada, na noite de 1 de março de 1634, a Martim Soares e seus homens. Enquanto uns davam rebato do lado do Forte das Cinco Pontas, outros passavam a vau o Beberibe, entrando no Recife pelo lado fronteiro da ilha, e outros pela porta do lado do Brum. Muitos conseguiram passar o rio e entrar nas trincheiras, mas, dado o rebato pelo inimigo, advertido, antes que o impedisse a maré, conduzindo os feridos, foram os nossos obrigados a retirar” (Duarte de Albuquerque, Memórias Diárias, p. 78; Laet, Annaes dos Feitos da Companhia, 2.444; Varnhagem, Op. cit. t. II, p. 310).

“Na Paraíba os nossos sofriam revezes e capitulação: Martim Soares é mandado para a guarnição do Cunhaú... Donos da Paraíba os Flamengos trataram de fazer a junção das suas posses, unindo-as pelo território intermédio, ao Recife... Matias de Albuquerque tratou de dificultar essa junção,

para o que a Martim Soares e a Luiz Barbalho confiou a missão de apresentar oposição, o primeiro em Mussurepe, o outro em S. Lourenço, depois na Muribeca, até Serinhaém, próximo do Arraial, entrincheirados para defenderem o porto que lhes restava.

Novamente em Pernambuco o grande mestre de campo

“A ordem era, quando não pudesse enfrentar o inimigo, incendiar todos os canaviais e pau-brasil que fossem achando de passagem, arrasando o que conseguissem para nada aproveitar ao adversário...” Tudo isso foi por Martim Soares e seus companheiros executado quanto possível, diz Duarte de Albuquerque (in Varnhagem, Op cit., tit. II, p. 318).

“Em agosto de 1645, o Governador Teles da Silva prepara dois terços ou regimentos de linha, prontos para partirem em uma esquadriha... comandada por Jerônimo Serrão de Paiva. Os dois terços serão comandados por Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros... Martim Soares foi incumbido de investir à fortaleza do Pontal, com o seu terço, enquanto Vidal e Fernandes Vieira se dirigiam às forças de Haus, junto do Recife. Depois da vitória de Casa Forte e prisioneiro Haus, Vidal tornou a ajudar Martim Soares, que cercava o Pontal, caída a fortaleza em nosso poder” (Varnhagem, Op. cit. tit. III, p. 22).

O patriota pede mercês para Flamengos

“Em carta de 6 de setembro de 1646 ao Governador Teles da Silva, Martim Soares pede mercês para Flamengos que nos ajudaram, “casados com portuguesas”, Teodósio Ostrata e Gaspar Vanderley. Nessa Carta, Martim Soares receia pela sorte da armada de Serrão de Paiva e um ataque inimigo, o que se verificou, apreendida até correspondência que provava o Governador e o próprio Rei se achavam implicados na restauração de Pernambuco, iludindo, entretanto, diplomaticamente os Holandeses, na Europa”.

Desaparece de cena o grande herói

“Por esse tempo, vencido de idade e trabalhos, o Mestre de Campo Martim Soares Moreno parte para a Bahia... Foi concedida licença ao velho herói para ir ao reino. “E assim, diz Rodolfo Garcia: desaparece de cena uma das figuras de guerreiro mais heróicas da História Brasileira” (Varnhagem, Op. cit., loc. cit. t. III, p. 44).

“Nascido em 1586, teria, em 1648, 62 anos, dos quais mais de 44 ao serviço do Brasil, pelejando, sofrendo, sendo ferido, mutilado de uma mão, grande língua, identificado aos índios cuja amizade punha ao serviço da causa nacional”.

Títulos que merecidamente lhe pertencem

Ao finalizar sua documentada narração Afrânio Peixoto proclama: “Martim Soares Moreno é o fundador do Seará. É o descobridor do Maranhão. E do Pará. É o colaborador de Diogo de Campos Moreno, de Alexandre de Moura, de Jerônimo de Albuquerque, de Jacaúna, Índios e Reinós que expelem os Franceses do Maranhão, acabando a França Equinocial. É o colaborador de Antônio Teles da Silva, de Matias de Albuquerque, de André Vidal de Negreiros, de Luiz Barbalho... e de Reinós, Índios, Negros, que nos ajudaram, todos pela causa Brasileira, a restaurar Pernambuco, dos Holandeses. É símbolo de todos esses Portugueses, que deram tudo, para que houvesse, hoje e sempre, o Brasil, latino, católico, e nosso...” (in Martim Soares Moreno, editado pela Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colônias, do Ministério das Colônias da República Portuguesa, Lisboa, 1940, p. 33/39).

Quintino Cunha

A sátira de um poeta lírico

Rogaciano Leite Filho

José Quintino da Cunha colocou toda a inteligência a serviço do Direito e da poesia. Orador brilhante, foi sempre festejado pelos intelectuais da época. O historiador Raimundo Girão, em "Antologia Cearense" (Academia Cearense de Letras, 1957), afirma que ele era um "poeta de lúcida inspiração". Lembra que aos quinze anos já dava prova de seus dons oratórios e de fina inteligência:

— "Na tribuna do júri, nos comícios públicos e festividades era o seu verbo constantemente reclamado. Granjeou ainda maior fama pela sua irrepreensível verve e a sua admirável prontidão de repentista, com as quais muito enriqueceu o anedotário brasileiro. São ainda hoje obrigatórias as "anedotas do Quintino" nas conversações alegres. Em verdade, foi um perdulário do talento e mais poderia ter legado à literatura pátria se não fora a displicência com que encarava a vida, não dando maior valia aos próprios méritos".

Nas primeiras décadas do século, o poema "Poder da miséria", de Quintino Cunha, fazia sucesso nas reuniões literárias. O escritor e crítico Sânzio de Azevedo explica o motivo: "Vazado em decassílabos entremeados de hexassílabos, o poema não precisou ser musicado para obter larga notoriedade. Trata-se de poema que poderíamos chamar de didático, pois é uma espécie de apólogo (seguindo-se a classificação de Bilac e Passos, no "Tratado de Versificação"), onde encontramos um fundo moral; pelo caráter narrativo e sobretudo pelo comovente lance final. É composição típica de saraus, e como que feita para ser declamada, daí certamente seu êxito nas reuniões lítero-musicais".

Sânzio de Azevedo observa que Quintino Cunha não era um romântico ortodoxo: "Mas sem dúvida é do romantismo que mais se aproxima, até por uma questão de índole: ele era um temperamento espontâneo, cujo talento nunca de submeteu às regras, em nenhum campo que militou; e o Romantismo, além de ter sido a corrente em que mais naturalmente se expandia o poeta, era a estética dominante ao tempo em que Quintino Cunha nascia para as letras, no século passado".

Poeta lírico

Otacílio colares, em "Lembrados e esquecidos II" (Imprensa Universitária da UFC, 1976), recorda o tempo do Café Riche (esquina de Guilherme Rocha com Major Facundo)", com Quintino brilhando de mesa

em mesa através de suas tiradas jocosas e geniais. Diz que “a figura mais esfusiante e característica do ambiente sempre buliçoso do Riche era, sem qualquer dúvida, Quintino Cunha, famoso e respeitado ainda pelo poder de uma verve que, ainda hoje, prejudica um tanto a sua imagem de poeta lírico, em face da projeção popularesca da sua boemia”. Baseado nas memórias de Sílvio Júlio (Terra e povo do Ceará), conta episódio real acontecido com o poeta:

— “Andava Quintino Cunha, que nunca fora rico, em maré de pouca pecúnia, e disto foi sabedor, de modo próprio ou por interposta pessoa, o presidente João Tomé. Admirador dos dotes do poeta, que era — sabia-o o governante — bacharel em Direito, resolveu lavrar a sua nomeação para promotor da comarca do Icó, então tornada mais longínquo do que hoje pela quase inexistência de transportes para a capital. Corresponde ao ato, foi propocionado ao futuro promotor a competente ajuda de custo... Passado algum tempo, o Secretário de Justiça, por cuja pasta obviamente fora feita a nomeação, encontra o poeta em pleno centro da Fortaleza e pergunta-lhe:

— “Como é isto, não partes?”

“Quintino, sereamente, participa à autoridade a nenhuma intenção de assumir o cargo, o que é considerado, de viva voz, absurdo e mesmo imoral. Como resposta ao espanto e ressentimento do titular, Quintino sai-se com esta explicação:

— “Vossa Excelência vai prestar-me o serviço de dizer ao Sr. João Tomé que gastei o dinheiro e não embarquei, porque aquilo não era ajuda de custo, mas uma pequena indenização que lhe cobrei pelo insulto de me querer deportar para Icó”.

Otacílio Colares destaca ainda que “em Quintino, como em Bocage, o verso bricalhão ou ferino foi veículo de verdadeiras crônicas de sua época, retratando, com o traço breve mais incisivo do caricatural, defeitos de pessoas, de grupos sociais ou políticos, tudo bem mais ao sabor da pura e simples demonstração de talento do que como resultante de ressentimento ou severa observação e condenação de erros”. E observa:

— “Com o poeta de “Pelo Solimões”, acontece o mesmo que com o autor do poema “A puríssima Conceição de Nossa Senhora”, ou seja, muito verso fescenino, muito repente de mau gosto, que por aí anda, nem é de sua autoria; apenas são acobertados, uns e outros, com o passar do tempo, pela glória fácil daqueles ditos que realmente a sua imaginação fertilíssima produzia, menos por outra coisa e mais apenas para conseguir aplauso instantâneo, desta ou daquela roda boêmia”.

— “Isto, aliás — prossegue Otacílio Colares —, foi um toque especial, característico mesmo dos grupos intelectuais da chamada “belle époque”, aqui no Brasil como em toda a Europa. E Quintino, nos cafés da Fortaleza do seu tempo, repetia, porque tinha talento e porque era de bom tom, o que faziam às portas de livrarias e nas mesas famosas de

certos cafés e restaurantes do Rio, em época idêntica, Bilac, Paula Ney, Emílio de Menezes e tantos outros...”

Vida

José Quintino da Cunha nasceu em Itapajé, em 24 de julho de 1875, filho de João Quintino da Cunha e Maria Maximiniana da Cunha. Tentou inicialmente seguir carreira militar, matriculando-se na Escola Militar do Ceará, que depois foi extinta. Aos onze anos, já escrevia para a imprensa. Aos dezessete, estreou no tribunal do júri. Publicou os livros “Diferentes” (contos, 1895), “A morte de cabeleira” (elegia, 1902), “Pelo Solimões” (poesia, 1906), “O estilo na jurisprudência” (tese, 1928) e o poemeto “A pulga” (1917).

Quintino Cunha passou longa temporada no Amazonas, onde exerceu a advocacia como provisionado. De volta ao Ceará, diplomou-se em Direito, em 1909. No período de 1913-1914, foi deputado estadual. Fez ainda parte do Centro Literário de Fortaleza e foi eleito para a Academia Cearense de Letras. Faleceu em 1º de junho de 1943.

Casou-se três vezes e teve dezesseis filhos. A sua terceira mulher, Thereza de Araújo Cunha, entrevistada no ano passado pelo jornalista Flávio Paiva, do O POVO, relembrou uma das mais conhecidas histórias de Quintino, ocorrida na Serra de Baturité:

— “Em um aniversário do Quintino, Alfredo Pontes, que era seu amigo, resolveu fazer uma brincadeira com ele. Como era costume, naquele tempo, quando um amigo aniversariava, se mandava um bolo coberto com uma toalha, Alfredo mandou um par de chifres. Logo que Quintino recebeu, retirou os chifres e colocou na bandeja umas flores que ornamentavam um jarro na janela e devolveu. Quando Alfredo encontrou-se com Quintino, disse: “Mas Quintino, você me deu uma bofetada com luva de pelica”. No que Quintino respondeu: — “Não, Alfredo, cada um dá o que tem”.

O poder da miséria

Numa deserta estrada, erma e sombria,
transitava um senhor que a fidalguia
Distintíssimo fez.

Era William, um nobre, um desses nobres,
Que via os ricos como via os pobres,
William, um inglês.

Das margens do caminho, de repente,
Como um leão feroz, surge-lhe à frente
um fero salteador,

Que, levando a arma ao rosto, lhe
murmura:

— Minha necessidade é que o procura,
Uma esmola, senhor.

Diante da voz imperativa e forte
Do audaz salteador, diante da morte,
Vacilando tremeu.
E foi tão grande a sua cobardia
Que a bolsa com o dinheiro que trazia
Ao desgraçado deu!...

Houve uma pausa. O salteador apenas
A bolsa recebeu, onde dezenas
De cédulas contou
E, do meio de todo esse dinheiro,
Que em seguida devolve ao cavalheiro,
Cinco mil réis tirou.

E disse-lhe: — Senhor, este é o bastante,
Para matar-me a fome escruciante,
E a dos meus filhinhos.
E, se hoje houvesse um'alma na cidade,
Que me matasse esta necessidade,
Eu não vinha roubar pelos caminhos.

Foi assim, entre o horror e o desespero,
Que mau me fiz, Senhor. Agora, espero
O seu nobre perdão,
Que eu sou um pobre pai necessitado,
Senhor, eu sou um simples desgraçado,
Eu não sou um ladrão.

— Onde mora? Pergunta-lhe sereno
— O generoso inglês. Faz-lhe um aceno:
— Ali, naquela aldeia.
— Tem família? — Seis filhas
pequenas,
Mortas à fome, seis filhas meninas,
Senhor, faça uma idéia.
William seguiu; mas no outro dia
Foi visitá-lo; e após, quando saía,
Deixou ficar primeiro,
Não de esquecido, mas de grande que
era,
Deixou ficar na porta da tapera
— A bolsa com o dinheiro!

À busca de uma alternativa

José Emerson Monteiro Lacerda

A chegada dos currais marcou o nascimento da Cidade de Crato, nos idos do século XVIII, quando a Casa da Torre de Garcia D'Ávila tangeu seus rebanhos para o norte, crescendo o sertão da Bahia e transpondo o Rio São Francisco.

Era o Ciclo do Couro. O gado, à frente da civilização europeia, repastou-se contente no belo sítio formado pela ferradura da Serra do Araripe. E sob a égide da Igreja Católica, os capuchinhos instalaram o primeiro aldeamento — a Missão do Miranda, onde hoje repousam o estádio de futebol e o conjunto habitacional da COHAB-CE.

Com o passar dos séculos, outros fatores econômicos vieram contribuir para uma maior produção da área agrícola, rompendo aquele estágio inicial, mesmo que ainda se localizem caracteres de continuidade na pecuária adotada nos brejos e nas exposições permanentes a se realizarem no mês de julho. Hoje são menores os recursos oficiais destinados ao incentivo do criatório, a que se adaptaram os produtores, sem maiores protestos.

Juntos dos currais, outros hábitos econômicos da colonização portuguesa também foram transplantados para o Cariri, a ter o Crato como pólo de atração. A cultura da cana-de-açúcar vinha sendo adotada, nos paços de São Luís, Recife, Salvador e São Paulo, como a vocação da Nova Terra para a produção do açúcar, introduzido na Europa desde o século X, pelos árabes. Graças ao apoio dos comerciantes holandeses, Portugal adotava essa atividade como sua empresa econômica de exploração das colônias.

Não produzíamos açúcar alvejado, pois a distância de transporte fazia-se penosa até o litoral. O sertão, por sua vez, dispunha de mercado para o tijolo doce — a rapadura, onde os engenhos ganharam foro e dividiram as atenções dos proprietários das fazendas. O Cariri chegou à cifra de 96 engenhos, em sua maior quantia situados neste município.

O transcorrer da evolução histórica espalhou pelos interiores a produção das usinas de Pernambuco e Alagoas. Os costumes dos caboclos variaram e o açúcar branco ganhou na preferência, mesmo que em detrimento da saúde, dada sua refinação, onde penetram elementos nocivos ao corpo animal. O mercado da rapadura restringiu-se às feiras semanais e tendeu a decrescer a cada ano, problema agravado pelos custos elevados de produção. Assim, o declínio do Ciclo da Cana-de-açúcar, em nossa terra.

Entretanto, a História funciona de forma harmônica, onde fases se entrelaçam, quase de foram imperceptível.

Outro ciclo vicejava, enquanto sumiam as perspectivas do açúcar. Era o Ciclo do Algodão, que motivou os agricultores ao aproveitamento das terras altas. Muitas usinas de beneficiamento, tanto do caroço quanto do capucho, surgiram no âmbito urbano. Crato chegou a possuir até seis fábricas de beneficiamento para exportação da fibra e embalagem de óleo do algodão.

Nas três últimas décadas nosso meio sócio-cultural refletiu a força do ouro branco. O meio circulante recebeu amplos impulsos dessa atividade, tanto através de empresas industriais, quanto de produtores, no campo e na cidade.

Sabia-se de um inseto que prejudicava as lavouras do algodão, na América do Norte. Depois as notícias falaram que o besouro malfazejo alcançara as plantações do sul do Brasil. Quando o “bicudo” atingiu o Nordeste, dentro de dois anos o Cariri também se desalentava, pois o ciclo algodoeiro desfazia-se num abrir e fechar de olhos, para marcar o final de outro passo de uma longa seqüência.

Em análise comparativa, nossos vizinhos, em Juazeiro do Norte, a 13 km de distância por via asfáltica, dependem menos da zona rural, face área de bem menores proporções. Vivem do comércio e de outras indústrias, menos vinculadas ao eito, além das transfusões financeiras que merecem pelas visitas dos romeiros, em três épocas anuais.

Crato, após a derrocada dos ciclos antes vistos, couro, cana-de-açúcar e algodão, viu-se defasado e sem alternativa econômica clara, tal o momento que ora atravessa.

Estudos científicos modernos demonstram que povo algum pode sobreviver sem um desempenho produtivo compatível à manutenção dos seus componentes populacionais. Sabe-se que o homem é um ser econômico, por excelência. O estômago simboliza a necessidade do custeio das massas humanas. Pela produção — que significa a alquimia do trabalho sobre a natureza — os grupos sociais prevalecem sobre as intempéries.

Há de se percorrer novos caminhos produtivos para que o Município possa restabelecer sua tradição de labor e cultura, exemplo nacional de liderança e coragem, no sul do Ceará. Isto posto, vale destaque para o fato de ser sede da universidade regional (URCA), geradora de profissionais superiores e formadora de mentes renovadas.

Compete, pois, às classes dirigentes, intelectuais, liberais, operários, religiosos, cratenses de origem ou coração, reunidos sobre a idéia de estudar e descobrir, criar outro ciclo para o núcleo, no condão que tem a cultura de mover a História.

O caudal dos fatos produziu época onde todas as propostas se evidenciam, prontas ao retrabalho das tecnologias modernas ao alcance da mão. O mundo local sintetiza uma colagem de sistemas de produção e ganho, onde se perpassam potencialidades e lideranças; o comércio gira a produção de todos os ciclos que ainda persistem, desde a pecuária de consumo à agricultura de sustento.

— Porém qual a vocação real deste município, nos dias de agora? — indagam todos que se ressentem na indefinição de tendências. — Quando surgirá o sol da economia, em festa, com fogos e banda de couro, alegria de homens, mulheres e meninos, desde as moradas de taipa aos arvoredos festivos das palmeiras e dos canaviais?

Crato-CE., 19 de maio de 1989.

Alguns Sonetos

Almira Saldanha Carvalho

Nunca é tarde

Nunca é tarde demais para viver
Nunca é tarde demais para sonhar
Nunca é tarde demais para vencer
Nunca é tarde demais para chorar.

Para vencer — basta olhar a natureza
Para sonhar — olhar mais para o além
Para vencer — pise sempre com firmeza
Para amar — apegue-se a alguém.

São quatro operações bem diferentes
Daquelas que aprendemos a contar
Por isso basta estarmos conscientes

A vida assim só tende a melhorar
Os dias correrão bem mais tranquilos
Deixando pouco tempo pra chorar...

Crato, 02.jul.87

Justiça

Qual andarilho pelo mundo afora
Procurando justiça e não achei
Voltei tristonha — e me pergunto agora
Onde irei encontrá-la? — isso não sei.

Chamei ao vento — fui ao infinito
Onde encontrá-la? — ninguém me respondeu
Gritei bem alto — perdeu-se meu grito
Só o seu eco foi o que escutei.

Agora exclamo: qual a solução?
Dona Justiça, não se vá embora
Jamais esqueça de nos dar a mão.

Ela em silêncio nada respondeu
Em desespero fico lhe esperando
— Volta, eu te peço, pelo amor de Deus!

Crato, 07.jun.87

Menor abandonado

Sem lar, com fome e com sacola
Sai o menor abandonado, à rua
Pedindo de porta em porta uma esmola
Pra mitigar, assim, a fome sua

Pede aqui, tira ali, rouba acolá
E assim prossegue no seu dia a dia
E à noite sem ter para onde voltar
Vai à procura dos bares e orgias

Dizem ser um problema social
E nada fazem para a solução
Não há escola, trabalho, o que é normal
Só violência, Febem, desprezo, prisão

Pensem senhores: sigam em outros trilhos
Hora já é de fazer o mais correto
Se ele agora traz problemas aos seus filhos
O que trará, em futuro, aos seus netos?

Crato, 08.jun.87

O amor

Sou o riso da criança
A lágrima em seu olhar
Sou um raio de esperança
Que anda sempre a vagar

Sou o sol sem horizonte
Em céu, estrela a brilhar
A brisa que vem dos montes
Pássaro alegre a cantar

Sou a luz que ilumina
E clareia a escuridão
Sou floresta, sou as minas
Riquezas do nosso chão

Sou as flores, sou os galhos
Os rios em correnteza
Sou tênues gotas de orvalho
Que caem da natureza

Sou um pobre que suplica
A esmola de um olhar
Sou a bússola que indica
Um roteiro a navegar

Sou vegetais, sou jazidas
A ilusão, sou a dor
Sou a fé que dá a vida
A um coração sofredor

Sou rimas feitas em versos
Que animam um trovador
Sou tudo em universo
Sou forte — sou o AMOR!

Crato, 10.jul.87

Por que?

Por que nascer? — se existe a morte
Por que morrer? — se existe a vida
Por que sofrer? — se existe a sorte
Por que voltar? — se existe a ida.

Por que o ódio? — se existe o amor
Por que a guerra? — se existe a paz
Por que o espinho? — se existe a flor
Por que o menos? — se existe o mais.

Por que chorar? — se existe o riso
Por que odiar? — se existe o perdão
Por que a loucura? — se existe o sizo

Por que as trevas? — se existe a luz
Por que a violência? — se existe a calma
Por que o diabo? — se existe a cruz!

Crato, 11.mar.87

Aquela estrela

Aquela estrela, lá no céu tão linda
Todas as noites eu costume olhar
Ela me faz sentir saudades dela
Da mulher, com quem vivo a sonhar.

Quero esquecê-la — mas é tudo em vão
Sinto-a comigo, sempre a toda hora
Ouço seus lábios me pedir perdão
E de saudades meu coração chora

Daria tudo pra viver ao seu lado
Mas o orgulho me fecha o coração
E me pergunto: será que é meu fado?

Irei buscá-la, não quero ouvir razão
O coração fala mais alto — sim
Mas algo dentro me responde: não!

Crato, 18.mar.87

Língua humana

Quantas armas existem neste mundo?
São tantas que nem sei enumerar
Armas tão fortes, que ferem tão profundo
Que causam horror e dor, só em lembrar

Arma essa, arma aquela e armas mais
E cada dia sugue, uma e outra
Nem desistência ou trégua, há jamais
Deixando a humanidade quase louca

E a cousa cada vez fica mais séria
E aumenta o número de mortos e feridos
Levando a gente em ritmo de miséria

Mas a mais forte arma é humana
Eu falo e classifico com pesar
É sem dúvida nenhuma — a língua humana!

Crato, 07.jun.87

Pensamentos

“A vingança nos dá dois trabalhos: um de nos vingarmos e outro de não termos tempo para nos tranqüilizarmos.”

“Assim como a lágrima, ao cair, não faz barulho, aquele que ama não mata a pessoa amada.”

“Com a evolução do progresso o homem criou os “descartáveis”, só que a mulher, não tendo sido obra sua, não poderia ser incluída entre os tais.”

N. R. Almira Saldanha Carvalho é poetisa, natural de Crato, filha do casal Jorge Saldanha Maia, falecido.

D. Almira é esposa do empresário José de Sousa Carvalho. Tem um livro pronto, com a sua produção poética, para lançar breve.

Endereço da autora:

*SQN 312 — Bloco E, apartamento 606 —
Asa Norte*

CEP: 70.765 — Brasília-DF.

Nordeste vulnerável

*José Humberto de Mendonça**

Uma das grandes razões da persistência das disparidades regionais, com o Nordeste cada vez mais inferiorizado em relação ao Cento-Sul, tem sido a generalização dos incentivos fiscais e financeiros. Instituídos, quase sempre, para compensar desvantagens das regiões mais pobres, esses subsídios costumeiramente acabam esticados para favorecer as regiões mais ricas, anulando aquele efeito compensatório e agravando a repercussão dos benefícios sobre as contas públicas, o que tem justificado sua extinção ou redução, com a mesma equivocada linearidade.

É o caso do crédito agrícola. Até pouco tempo subsidiado para todo o Brasil, deixou de sê-lo também do Oiapoque ao Chuí, das terras privilegiadas do Sul maravilha às terras castigadas do Nordeste miserando.

Não é mais do que falácia, para pretexar os cortes generalizados, a alegação de que aqui esses recursos subsidiados são desviados da atividade de risco a que se destinam, para o abrigo rentoso e certo dos mercados financeiro e imobiliário. Reconhecemos que isto ocorre entre reduzidos grupos de favorecidos, mas em maior dose nas regiões desenvolvidas. Mesmo assim, não se explica a eliminação de incentivos, punindo-se a grande maioria que os emprega com acerto. É como matar a vaca para acabar com o carrapato.

Os que se opõem, hoje, ao tratamento diferenciado que se impõe, como temos defendido, para a correção dos desníveis que esmagam o Nordeste, talvez sejam os mesmos que beneficiaram de subsídios não para produzir, mas para especular.

Outros erros nessa política de fomento embarçaram e embarçam o processo de desenvolvimento de nossa região.

Lembro-me, como se fosse hoje, da reunião da SUDENE no Crato, em 1982, quando comemorávamos o cinquentenário da nossa Associação Comercial. Sabendo de minha posição independente, o então governador Virgílio Távora observou-me:

— Olha, Humberto, a SUDENE vai se reunir aí. Trate-a bem em seu discurso.

Fui à tribuna e, num pronunciamento de mais de cinquenta minutos, denunciei os graves e persistentes problemas da região, cobrando uma política diferenciada objetiva e responsável para, pelo menos, reduzir-se o desequilíbrio sócio-econômico que se via e se vê a olho nu.

Tempos depois, quando era a SUDENE que comemorava 25 anos de vida, recebi a visita de um repórter do "Estadão" que levantava a

* *José Humberto de Mendonça é presidente da Associação Comercial do Crato.*

atuação do órgão naquele quarto de século. Sua primeira pergunta foi sobre se considerava válidos criação e desempenho da Superintendência. Fui taxativo: ruim com ela, pior sem ela.

A resposta pode ter parecido evasiva, mas, se víamos algumas distorções na atuação da SUDENE, também lhe creditávamos muito de positivo, principalmente no plano social, com a ampliação do mercado de trabalho.

Tive oportunidade, mais tarde, em documento-sugestão enviado ao então Ministro Mário Andreazza, de apontar o que entendíamos ser distorção de finalidade, como o elitismo do órgão, onde só os grandes grupos e figuras de facções políticas dominantes tinham acesso aos seus recursos. Como medida corretiva, sugerimos, então, a abertura da porta dos subsídios aos pequenos e médios empresários e produtores rurais.

Com aquela proposição, se implementada, estaria criado um forte instrumento de descentralização industrial, deslocando para o interior projetos que os grandes centros, de preferência no litoral, polarizam. Chegamos a mostra que em Fortaleza já se implantava um terceiro distrito industrial e que a Capital cearense concentrava 95% dos projetos implantados no Estado, fenômeno comum a todo o Nordeste.

Desconcentrando-se, pelo apoio ao desenvolvimento dos pequenos negócios, de que são férteis as cidades interioranas, e pelo fomento às atividades agrícolas, que se exaurem em dificuldades, a distribuição dos meios de fomento, ter-se-iam condições para o surgimento das tão faladas barragens contra a tendência migratória que se elastece com a escassez de oportunidade de trabalho e a fome que ela gera.

E essa escassez aumenta. O bicudo do algodoeiro, por exemplo, restringiu drasticamente no Nordeste uma cultura que lhe era fundamental, tanto econômica como socialmente, pela larga capacidade de emprego de mão-de-obra que apresentava. Em contrapartida, o setor industrial no interior nordestino parece ter murchado. É o que se pode concluir da situação do Cariri que, na década de 60, tinha participação de 26% no parque industrial do Ceará e hoje não a tem, talvez ao nível de 5%. Nossa Universidade, entretanto, continua formando jovens para a decepção da ausência de mercado que os empregue.

Creemos ter chegado a hora de rever-se todo esse processo, a fim de que não se continue a fornecer argumentos aos que, no Centro-Sul, defendem e exigem o fim dos incentivos regionais.

É preciso que a SUDENE venha ao nosso encontro com um sistema aperfeiçoado, capaz de fazê-la instrumento do desenvolvimento equilibrado da região e não do desenvolvimento centralizado, perverso indutor de concentração de renda.

Os dois extremos

Raimundo Araújo

Entre muitos locais da cidade, a “Praça da Liberdade” era o mais frequentado, o mais agradável, máxime, aos domingos à noite, por ocasião das retretas.

Era, ali, que habitualmente, encontravam-se o Bem, o Ódio, a Saudade, a Hipocrisia, a Inveja e a Bondade.

Álacre e aberto ao diálogo, o Bem, sempre solícito, estava à disposição de quem o procurasse, fosse qual fosse a circunstância. O Ódio, pelo contrário, arredio, apático, fechado no casulo do seu rancor, não tinha outra preocupação, senão vingar-se de quem o ferisse, voluntária ou involuntariamente. A Saudade, carpindo como sempre, suas lamúrias e lembranças de um passado que o tempo levou, chama a atenção de quem por ela passa, pois seu aspecto assemelha-se ao cipreste, à tristeza, ao luto, à morte. A Hipocrisia — “mal da época” — à guisa dos tartufos, dobra todo o seu corpo em exageradas salamaleques, para cumprimentar os que por ali passam, fingindo, através do “véu diáfano da fantasia”, ser, o que na verdade não é, até que provem em contrário. A Inveja, filha espúria do DESPEITO, em não se conformando com seus recalques, tenta, a todo custo, ofuscar o nome dos que atingem o fastígio do sucesso e da glória.

Ao pé da estátua do Padre Cícero, encontrava-se a Bondade, revoltada com a injustiça, com a discriminação, com a fome, com a miséria e com a classe política, razão por que clamava por “liberdade, igualdade e fraternidade”.

Eis que, surge como por encanto, uma jovem, bem apessoada, de olhos vendados e vestida de preto.

O jardineiro ao ver aquela figura estranha, aproxima-se e cumprimenta-a, a fim de saber de quem se tratava. A estas alturas, o chefe da limpeza pública, Sr. João Monteiro, lhan como sempre, vai ao encontro da “beldade” e interroga:

- A Senhora poderia se identificar?
- Por que não? Eu sou Thémis, a deusa da Justiça!
- Que coisa “bacana”, completou, o nosso “amnésico”.
- A senhora conhece a Corrupção?
- Infelizmente, conheço.
- Não gostaria de privar com ela?
- Privar, não, eliminá-la do Dicionário da vida.

Ato contínuo, retirou-se da PRAÇA, que não se sabe por que, tinha a forma de uma BANDEIRA, em cujo dístico, lia-se: “Juazeiro, cidade combatida, porém, jamais vencida”.

Dr. Clêidson de Araújo Rangel: Liderança Indiscutível

J. Lindemberg de Aquino

Quando vivemos numa época em que mais se ressalta a falta de legítimos valores, em nossa região, é confortador registrar que ainda temos, embora raras, figuras que se alteiam do lugar-comum, da planície e da mesmice, e alçam vôo pelas suas iniciativas e pela sua vigorosa personalidade.

Liderança indiscutível no Cariri é, pelo menos, o Dr. Clêidson de Araújo Rangel, cujos fatos marcantes em sua vida atestam, sobremaneira, que nasceu vocacionado para vencer. Hoje é o maior criador de gado zebu do Ceará e dos mais premiados do Nordeste, com repercussão, até, no sul do País.

Em tudo o que mexe, o Dr. Clêidson obtém vitórias consideráveis e há construído, ao longo de sua existência de 56 anos, um patrimônio alicerçado no esforço — esforço que vem do dia-a-dia, da luta titânica, da capacidade de trabalho, do espírito de luta, da tenacidade, enfim.

Dados biográficos

Clêidson de Araújo Rangel nasceu em 4 de setembro de 1932, em Conceição, Paraíba. Pais: José de Figueiredo Rangel e Antônia de Araújo Rangel. Avôs paternos: Major Otoni Leite de Sousa Rangel e Ana de Alencar Figueiredo Rangel. Avôs maternos: Napoleão de Araújo Lima (Seu Napo) e Maria Leite de Araújo (Cabocla).

Seus ascendentes, pelos dois lados, figuram entre os primeiros desbravadores do extremo sul do Ceará e oeste Paraibano, regiões que se vincularam, secularmente, pelo intenso intercâmbio da pecuária.

Curso primário: Grupo Escolar José Leite, em Conceição-PB.

Ginásial: Inicialmente, no Colégio Diocesano do Crato, sob a direção do Mons. Francisco Montenegro, tendo, entre seus professores, o primo, Pe. Antônio Gomes de Araújo e o parente, Mons. Raimundo Augusto de Araújo Lima. Concluiu o Ginásio em Patos, Paraíba, no Colégio Diocesano Pe. Vieira. O Curso Científico fê-lo no Colégio S. João, em Fortaleza.

Em 1954 fez vestibular e ingressou na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. Já no 4º ano conseguiu internamento, como Residente, no Hospital Do Centenário, um dos melhores estabelecimentos hospitalares de sua época. Fez concurso para plantonista na Maternidade do Derby e em Recife serviu, também, no Pronto Socorro Infantil do Recife e Pronto Socorro do Estado.

Seu curso médico foi concluído com brilhantismo em 05.12.59, sendo orador da turma, com conhecimentos gerais de cirurgia, obstetrícia, ginecologia, clínica médica e pediatria. Instala-se em Brejo Santo, terra de sua família materna, em 22.01.60, já imbuído do "espírito hospitalar" de vez que fora interno-residente dois anos no Hospital Do Centenário, em Recife.

Sentiu, então, que só poderia fazer uma medicina nos moldes modernos e evolutivos implantando uma Casa de Saúde, o que o fez, em prédio alugado, com início modesto. Pequena clínica, que aos poucos foi crescendo, pela credibilidade médica. Em pouco tempo estava a Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima instalada em prédio próprio, inaugurada em 01.05.61.

Era um estabelecimento inteiramente construído com recursos próprios e com planta oficial aprovada pelo Ministério da Saúde. Foi ele o 3º Hospital do Cariri, antecipando-se, portanto, a algumas cidades, que possuíam mais médicos e maior prestígio político.

Brejo Santo, pois, em pouco tempo, graças à audácia do Dr. Clêidson Rangel, transformou-se no terceiro centro médico da região, atendendo doentes das cidades vizinhas e até dos Estados da Paraíba e Pernambuco.

Já a esta altura também o Dr. Clêidson contava com os serviços categorizados do Dr. Francisco Miranda Tavares e Dr. Francisco Leite de Lucena, dinamizando a sua Casa de Saúde, que passou a experimentar constantes melhoramentos. E eles foram chegando.

Instalou na mesma uma Central de Oxigênio, Banco de Sangue, Laboratório de Análises Clínicas, Raio X, Centro Cirúrgico, Centro Obstétrico e Unidade de Terapia Intensiva (U.T.I.) entre outras cousas, tudo dentro dos melhores padrões existentes no Estado, aumentando os meios de diagnóstico e tratamento. É hoje um estabelecimento de renome. Ali trabalham dez conceituados especialistas, com uma das maiores clínicas do sul do Estado.

Exercendo a medicina como um sacerdócio, durante 22 anos, Dr. Clêidson sente, hoje, saudades daquela vida de lutas e de doação, onde foi, desde o início da jornada, o clínico, o anestesista, o cirurgião, e, não raras vezes, o enfermeiro dedicado aos seus pacientes.

Durante sua vida profissional realizou mais de cinco mil partos e mais de seis mil cirurgias de médio e grande porte, muitas delas em condições difíceis, cujo êxito ele atribui não só aos seus conhecimentos e dedicação mas à interferência Divina.

Em 1982 deixou a cidade de Brejo Santo, indo residir em Fortaleza, onde está ligado ao setor de construção civil. O seu Hospital tem atualmente, como Administrador o seu cunhado Adheús Rodrigues Leite. De Fortaleza o Dr. Clêidson administra, também, as suas empresas agropecuárias.

Como médico, ainda fez parte da Sociedade de Cirurgia do Ceará, da Sociedade de Otorrinolaringologia e da Sociedade Brasileira de Hematologia, Obstetrícia e Pediatria.

Mesmo descendendo de famílias com raízes e tradições políticas, o Dr. Clêidson jamais se interessou por essa arte ou atividade. Seu pai foi Prefeito e chefe político em Conceição. Seu bisavô Manoel Inácio foi chefe político em Brejo Santo e seu avô, genro deste, o Sr. Napoleão de Araújo Lima (seu Napo) foi chefe político e prefeito em Brejo Santo. Seu tio, Dr. José Napoleão de Araújo, foi deputado estadual 25 anos, Presidente da Assembléia Legislativa do Ceará e do Conselho de Contas dos Municípios, além de Secretário de Estado. Mesmo assim o Dr. Clêidson nunca se sentiu atraído a exercitar a atividade política. Nunca aceitou disputar qualquer cargo eletivo, alegando que a política não faz seu gênero.

O sentimento atávico e telúrico dos seus ancestrais, o gosto pela pecuária, o Dr. Clêidson herdou em toda a sua plenitude. Mesmo como médico conceituado, ele enveredou pela pecuária e em 1962 começou sua trajetória de agropecuarista, hoje conhecida em termos nacionais. Naquele ano iniciou seu famoso plantel de raça Nelore que através dos anos tem contribuído de maneira relevante para o desenvolvimento do padrão genético da raça, no Nordeste.

Campeão absoluto da Exposição Centro Nordestina, em Crato, durante mais de dez anos, por várias vezes conquistou o “Boi de Ouro”, seu maior troféu. Dr. Clêidson se tornou, igualmente, nos dias atuais, o maior criador de gado zebu do Estado do Ceará, com mais de 2 mil animais, puros de origem. Possui a Seleção Nelore mais premiada do Estado (com 540 troféus) dados fornecidos pela BCZ, Associação Brasileira de Criadores de Zebu.

Assim, foi contabilizando vitórias e títulos, dentre os quais: Diretor, várias vezes, da Associação dos Criadores do Ceará, Vice-Presidente da Associação Cearense de Criadores de Zebu, Conselheiro Estadual da Ass. Brasileira de Criadores de Zebu, de 82 a 86.

Em 1981, recebeu a Medalha de Ouro, como Criador Modelo, oferecida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA.

Em 04.05.86, no Parque de Exposições da ABCZ em Uberaba, recebeu, em solenidade pública, a Medalha de Honra ao Mérito Agropecuário.

Em 1987 recebeu a Medalha de Honra ao Mérito Pecuário Governo do Estado do Maranhão, em solenidade pública, no Parque de Exposições, em São Luís, das mãos do então Governador Luís Rocha.

O Dr. Clêidson ostenta campeonatos, conquistados no Ceará, Piauí, Pernambuco, Maranhão e Minas Gerais. Há 5 anos seu plantel é o campeão absoluto da raça, nas Exposições de Fortaleza.

Na sua Fazenda Ribeirão, em Brejo Santo, com 4 mil hectares, além do moderno manejo de pastagens, utiliza inseminação artificial, silagem,

fiscalização de cercas e pastagens por meio de avião ultraleve e sistema de rádio, e agora implantou moderníssimo sistema de computação para controle de todo o seu rebanho.

Ribeirão possui campo de pouso, piscina, cinco suítes para receber visitantes, salão de jogos, chuva artificial no pomar, picadeiro para desfile de animais e uma agrovila com toda a infra-estrutura.

Na Fazenda Massapê possui campo de pouso, chafariz para moradores da mesma e das fazendas vizinhas, água em abundância, apesar de se localizar a mil metros de altitude, e mil hectares de capim braquiária, onde pastam mais de mil cabeças de gado holando-zebu.

Assim, em sua vida, podem ser contabilizados como fatores do seu êxito pessoal, a construção da Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, numa época em que não existiam as facilidades de hoje, o exercício vitorioso da medicina, a dinamização da pecuária cearense, através de modernas técnicas em que sua inseminação artificial, controle de desenvolvimento ponderal, enriquecimento de pastagens, utilização de ultraleve e computação, e, mais recentemente, incursões na área da construção civil.

Isso afora os vitoriosos investimentos na área da construção civil.

Foi ele, também, primeiro criador do Ceará a levar um touro puro de origem para colheita de sêmem em São Paulo, na Central de Inseminação em Ituverava, naquele Estado.

É, ainda, o primeiro criador de cavalo Mangalarga Marchador do Ceará, participante de leilões do setor e está a fazer registro oficial de coberturas e nascimentos.

Ao adquirir a Fazenda Massapê, em Porteiras, Ceará, com mais de 3 mil hectares de terras, que se distribuem entre os Municípios de Porteiras, Brejo Santo, Jardim, Barbalha e Missão Velha, juntamente com seu sócio Francisco Martins de Moraes, o Dr. Clêidson fez, ali, uma obra inédita e singular: fez a transposição da água de uma fonte do sopé da Serra do Araripe, elevando-a a 250 metros de altura, 800 metros de aclive e jogando-a, em cima da Serra, até a 3 mil metros de distância da fonte, fato que mereceu, como não poderia deixar de ser, elogios gerais, inclusive do Governador do Estado, Adauto Bezerra, à época e do Secretário de Saúde, Humberto Macário de Brito.

Isso é um fato fantástico, pois a Serra, com água no seu alto, mudou o panorama e abriram-se grandiosas perspectivas do seu aproveitamento econômico e social.

“Com nossa experiência, pioneira, poderá se fixar o homem à terra, criando núcleos populacionais, agrovilas e, futuramente, cidades, que poderão contribuir para o desenvolvimento da região. Chamamos a atenção do Governo, dos órgãos de classe, dos Prefeitos regionais e dos proprietários de fontes com terras na Chapada, que sigam nosso exemplo, para melhor aproveitamento dos nossos recursos naturais”.

(De um comunicado distribuído em 04.09.1980, dia do seu natalício).

"A iniciativa, além de ser um empreendimento pioneiro, representa uma tentativa para a solução dos problemas econômicos e sociais da área, porquanto contribuirá para fixação do homem à sua gleba e proporcionará uma pecuária calcada nos modernos padrões, e, conseqüentemente, mais rentável".

(De um ofício do Secretário de Saúde do Estado, Humberto Macário de Brito).

Criador, na mais vasta acepção do termo, tendo mais de 1.000 matrizes puras de origem, campeão absoluto nas EXPOECE (Exposição Estadual do Ceará) em 84, 85, 86, 87 e 88, o Dr. Clêidson Rangel alia a tudo isso um espírito atilado, perenemente jovem, confiante e cheio de vitalidade. Ele é cheio de fé no futuro. Está permanentemente atento ao desenvolvimento da medicina e das modernas técnicas cirúrgicas, vem se destacando no setor imobiliário. Lê muito, tem conversa agradável e fluente.

Sua família

Cidadão de respeito e probidade, casou-se o Dr. Clêidson de Araújo Rangel com uma moça da sociedade cratense, Lilian Macedo, filha do casal Geraldo Macedo Lobo-Adamir, em 12.02.66, resultando desse enlace de intensa e perene felicidade:

Cristina, economista, casada com Marcos Rola;
Cinthia, casada com o psicólogo Ricardo Viana;
Clêidson Júnior, estudante universitário de Economia, e
Carmem e Candice, menores, estudantes.

Vivendo e desfrutando bem a vida, numa magnífica cobertura em frente ao mar, sente-se realizado, mas buscando sempre melhorar, ampliar, desenvolver, porque espíritos como o seu jamais se entregam.

Poderia, muito bem, figurar naquela série de "Meu tipo inesquecível" que durante muitos anos publicou a revista "Seleções".

Tem todas as condições para isso!

Centenário: Napoleão de Araújo Lima (Seu Napo)

A região do Cariri, especialmente a cidade de Brejo Santo, onde nasceu, comemoram, neste ano, o centenário de nascimento de um dos seus mais ilustres filhos, o Cel. Napoleão de Araújo Lima. Malgrado quase 20 anos depois de sua morte, sua memória é venerada por todos e sua impercível lembrança permanece no coração de todos os que o conheceram ou que com ele privaram, pelos duradouros exemplos de bondade, nobreza de caráter, retidão de atitudes e amor ao próximo.

Napoleão de Araújo Lima nasceu em Brejo Santo aos 2 de abril de 1889 e faleceu em Fortaleza aos 6 de junho de 1970. Era filho de José Florentino de Araújo Lima e Antônia Gomes de Araújo. Casou-se em 18 de outubro de 1909 com Maria Leite de Araújo, filha do Cel. Manoel Inácio Bezerra.

O seu sogro foi casado em primeiras núpcias com Maria Leite de Figueiredo e em segundas núpcias com Conceição Leite Figueiredo, filhas do Major Antônio Leite Rabêlo da Cunha, sendo irmãs de Joana Leite de Gois, casada com João Alves de Moura. Esses troncos familiares deram origem à família Leite de Brejo Santo.

Napoleão Araújo Lima dedicou-se à agricultura e à pecuária durante toda a sua existência, figurando entre os mais abastados da região graças à sua proclamada operosidade, espírito de luta e honradez. A política o atraiu — mas ele a exerceu com dignidade e patriotismo.

Nela ingressou em 1918, quando de uma eleição para Governador do Estado, apoiando, naquela época, o Dr. Belisário Távora, tio do Senador Manoel do Nascimento Távora, este, pai do senador Virgílio Távora.

Inicialmente, Napoleão de Araújo Lima vinha apoiando o seu sogro, Manoel Inácio Bezerra, na política local. Com o falecimento deste, em 1924, assumiu as rédeas do partido e recebeu o apoio dos antigos correligionários.

Iniciou-se na política cearense filiado à corrente tavorista, à qual permaneceu fiel até seus últimos dias de vida. A sua fidelidade partidária atravessou períodos de muitas vicissitudes, em um partido que durante muitos anos militou na oposição, quando fazer oposição era submeter-se e experimentar situações vexatórias, humilhações e perigos.

Foi nesses períodos que Napoleão de Araújo Lima se destacou pela sua fibra, coragem pessoal, interpretando os anseios do seu povo, mostrando-se um lutador intemerato e viril. Mas ele sabia o que era a luta política, e nunca tangiversou. Desfrutava, por isso, grande prestígio entre os seus

concidadãos. Sabia, como poucos, prestigiar os seus amigos, nas suas dificuldades e o fazia com grande prestimosidade.

O somatório de suas qualidades de homem de bem, honrado e digno, e de político honesto e coerente, deu-lhe invulgar aura de respeito e popularidade.

Napoleão de Araújo Lima foi Prefeito do seu Município e presidiu, também, a Câmara Municipal de Brejo Santo. Seu falecimento deixou uma lacuna difícil de ser preenchida, pelo modelo de acrisoladas virtudes que representou, fato raro, notadamente, entre os políticos. Ainda hoje seu nome é lembrado com respeito e veneração.

Outros dados

Foi ele proprietário rural em 3 Estados — dono das fazendas Poço do Pau, em Brejo Santo, Serra do Mato, em Missão Velha, Umbuzeiro, em Conceição, Paraíba, Boa Vista, em S. José do Belmonte, Brejinho, em Jati-PE.

Nas suas propriedades teve numerosos rebanhos de gado vacum, eqüinos e ovinos. Produzia também rapaduras e aguardente na Serra do Mato.

Seu nome figura hoje na Estação Rodoviária de Brejo Santo, também em uma das principais ruas de sua cidade, num posto de Saúde no Poço e na sala de reuniões da Câmara Municipal de Brejo Santo.

No período pós-ditadura Vargas, pertenceu aos quadros da antiga UDN, depois, ARENA.

Família numerosa

Do seu casamento com Maria Leite de Araújo, que faleceu antes dele, Napoleão, nasceram os seguintes filhos:

José Napoleão de Araújo

Médico, agropecuarista. Deputado Estadual por 25 anos. Secretário de Saúde e de Justiça do Ceará. Presidente da Assembléia e do Conselho de Contas dos Municípios. Casado com Maria Saraiva de Araújo (Noeme). Filhas: Anete e Valéria, casadas.

Antônia Araújo Rangel

Viúva de José de Figueiredo Rangel, chefe político e ex-prefeito em Conceição, Paraíba. Filhos: Dr. Clêidson de Araújo Rangel, médico e pecuarista, casado com Lilian Macedo Rangel; e Lêda Rangel Leite, casada com Adhéus Rodrigues Leite. D. Tônia, como é chamada, tem vários netos, alguns formados.

Maria Marquêza Nicodemos de Araújo

Viúva de Joaquim Nicodemos de Araújo, sem filhos.

Waldemar Napoleão de Araújo

Dentista, ex-prefeito de Brejo Santo, falecido. Deixou viúva D. Maria Gomes de Araújo, 3 filhos.

Olavo Napoleão de Araújo

Agropecuarista. Casado com Telina Barreto de Araújo, 4 filhos. 1 médico, um agrônomo, enfermeiras, duas.

Adalberto Napoleão de Araújo

Funcionário da Receita Federal. Casado com Maria Clausélia Nascimento Araújo. Pais de Lindemberg, dentista, Everardo, dentista, Edilberto, veterinário e Solange.

Maria de Araújo Santana

Falecida. Foi casada com Edésio Olegário de Santana, 2 filhos, Gilberto e Lúcia de Fátima.

Antônio Napoleão de Araújo

Casado com Lêda Filgueiras de Araújo, funcionário, 4 filhos.

Ivone Napoleão de Araújo Pereira

Viúva do agropecuarista Raimundo Jonas Pereira, sem filhos.

Ainda hoje é perene na lembrança do povo brejo-santense a memória de Napoleão de Araújo Lima.

Seu exemplo de altanería e dignidade pessoal, seu amor à família, sua intrepidez pessoal e a extrema fidelidade à sua ala política, não encontram, nos dias presentes, seguidores à altura.

Era desveladamente solidário aos seus seguidores políticos, a ponto de chegar a indispor-se contra alguma autoridade, na defesa dos interesses dos mesmos, quando os achava justos e plausíveis.

Homem de estofa moral alcançado pela pertinácia, pelo trabalho e pela honradez, sente-se que faz falta, em nossa região, pois sabia se impor e não se vergava ao capricho dos maiores.

Para os que o conhecera, constituiu-se rico privilégio.

Para os que o amaram, rica lição de perene otimismo.

Para os que o seguiram, imorredouro exemplo de liderança.

Para a região, enfim, onde nasceu, viveu e exercitou seu apostolado e fadário político — um homem de saudosíssima memória!

SUMÁRIO

Editorial.....	3
Cariri perde Antônio de Alencar Araripe.....	5
Faleceu o Padre Antônio Gomes.....	13
A Sedição de Juazeiro — <i>Eneida Figueiredo Araripe</i>	15
ICC e Rotary prestaram homenagens a Patativa do Assaré.....	30
Diocese do Crato — 75 anos.....	31
Transladados restos mortais do Bispo Dom Francisco Pires.....	33
Várzea Alegre seus primeiros passos — <i>Oliva Ribeiro Luna</i>	34
Poetas Cratenses.....	44
Poeta Jardinense — <i>J. Lindemberg de Aquino</i>	46
Saudação — <i>Dr. Napoleão Tavares Neves</i>	47
Virgílio Arraes: Carta do Pe. Francisco Arraes.....	56
Faleceu o escritor Gustavo Augusto Lima.....	61
Teresina Ano Vinte e Cinco — <i>Francisco de Vasconcellos</i>	62
Cobras — A vida no sertão — <i>Antenor Gomes de Barros Leal</i>	75
3 Mensagens — <i>Valdelice Alves Leite</i>	82
Enterrando os meus mortos — <i>José de Alencar Bezerra</i>	85
Aniversário — <i>Simeão Luna Machado</i>	90
Meu sabiá — <i>Simeão Luna Machado</i>	92
Documentos para a história de Missão Velha — <i>João Bosco André</i>	93
A nova constituição e a “Vacatio legis” em matéria tributária <i>Dr. Luís Otávio Brígido Memória</i>	95
Inaugurado o Centro de Pesquisas Paleontológicas da Chapada do Araripe.....	97
Cearense de Missão Velha lança livro em São Paulo <i>J. Lindemberg de Aquino</i>	99
Mordomias — <i>Raymundo Farias de Oliveira</i>	102
Wellington Alves lança livro em Crato.....	104
Escritor denuncia: Estão destruindo a autenticidade do Caldeirão.....	108
Recebendo meu filho na Academia — <i>Aluísio Napoleão</i>	109
Leão Sampaio — <i>Paes de Andrade</i>	115
Elogios feitos a Itaytera.....	118
Poemas — <i>Jéfferson de Albuquerque</i>	120
Poema dedicado a Maracanaú — <i>Silveira Santos</i>	122
O Boi — <i>Giosue Carducci</i> — Tradução de <i>Olegário Mariano</i>	123
Da pena de Mariza Abath — <i>Mariza Abath</i>	124
“Habeas-Pinho” — Petição para liberar um violão <i>Ronaldo Cunha Lima</i>	127

Pequena história do hino — <i>A. Tito Filho</i>	128
Sumário da vida trepidante do escultor José Rangel	
<i>Otacílio Anselmo</i>	133
Apresentando “Memórias (Fragmentos de minha Vida)”	
<i>J. Lindemberg de Aquino</i>	137
Inaugurada a Casa de Cultura Portuguesa.....	140
5 Sonetos — <i>Zênith Feitosa</i>	142
Autores caririenses.....	145
Instituto Cultural preencherá, em agosto, duas cadeiras vagas.....	147
Circulando novos livros no Cariri.....	148
Alguns sonetos — <i>Dandinha Vilar</i>	149
Para Juarez, meu irmão — <i>Ana Valderez Ayres Neves de Alencar</i>	152
Centenário do Dr. Joaquim Fernandes Teles.....	153
50 anos da Associação Cratense pró-Cultura	
<i>Luis de Carvalho Maia</i>	158
3 sonetos de José Carvalho.....	160
Martim Soares Moreno na “Insurreição Pernambucana”	
<i>Hélio Ideburque Carneiro Lcal</i>	162
Quintino Cunha — A sátira de um poeta lírico	
<i>Rogaciano Leite Filho</i>	166
À busca de uma alternativa — <i>José Emerson Monteiro Lacerda</i>	170
Alguns Sonetos — <i>Almira Saldanha Carvalho</i>	173
Nordeste vulnerável — <i>José Humberto de Mendonça</i>	176
Os dois extremos — <i>Raimundo Araújo</i>	178
Dr. Cléidson de Araújo Rangel: Liderança Indiscutível	
<i>J. Lindemberg de Aquino</i>	179
Centenário: Napoleão de Araújo Lima (Seu Napo).....	184



bnb BANCO DO NORDESTE
DO BRASIL S.A.

Superintendência Administrativa - *SUPRA*
Departamento de Serviços Administrativos - *DESAD*
Divisão de Mecanografia - *DIMEC*

89-612
09-1.000

AGRADECIMENTO

Colaboraram para tornar possível a presente edição de ITAYTERA, com ajuda financeira, e, penhorados, por isso, agradecemos :

Prefeitura Municipal do Crato — Administração José Aldegundes G. de Mattos
Heitor Muniz Gomes de Matos

Sociedade Médica Civil Empresarial Ltda. — Juazeiro

Francisco Zelo Filho

Francisco Marcílio Peixoto

CRAJUBAR

CONSTRUTORA RAIMUNDO COELHO LTDA.

Laboratório de Pesquisas Clínicas do Cariri

Laboratório de Pesquisas Cândido Santos

Dr. Carlos Barreto de Carvalho

José de Paula Bantim

Francisco de Freitas Justo

ACINBEL

SULCEPA

SOBRIL

Assis Landim

CODEMA

Jairo Sampaio Bem

Homem & Cabral

Café Joaquim Patrício

Câmara Municipal do Crato

F J Pierre & Irmãos

Capitão Ariovaldo Carvalho

Dr. Henrique Costa

Prefeitura de Juazeiro do Norte

Antônio Primo de Brito

Leonor Lima Costa

Dr. Hermano Monteiro Teles

Dr. Egberto Esmeraldo

Dr. Wellington Alves/Dra. Fátima Lemos Alves

Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa

José do Vale Arraes Feitosa

Evaldo Alves Rocha

Mônica Macedo Coelho

A. L. CONSTRUÇÕES

Mercantil Compre Bem

Humberto Mendonça

Cerâmica Norguaçu

Gerson Moreira de Meneses

Dr. Emídio Macêdo Lemos

Dr. Antonio Araujo Ribeiro

REFRESCOS CEARENSES S/A

José de Alencar Bezerra

José Erlânio de Alencar

